

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

GUSTAVO MARCHETTI CORRÊA CARNEIRO

**CORPOREIDADE, CONSUMO E IDENTIDADES
POLÍTICAS: ESTRATÉGIAS DE EMPODERAMENTO
FEMININO NEGRO REALIZADAS PELO COLETIVO
DAS PRETAS NA CIDADE DE VITÓRIA / ES**

VITÓRIA - ES

2017

GUSTAVO MARCHETTI CORRÊA CARNEIRO

**CORPOREIDADE, CONSUMO E IDENTIDADES POLÍTICAS:
ESTRATÉGIAS DE EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO
REALIZADAS PELO COLETIVO DAS PRETAS NA CIDADE DE
VITÓRIA/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração Educação Física, Corpo e Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes.

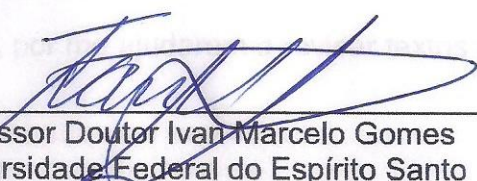
**VITÓRIA - ES
2017**

GUSTAVO MARCHETTI CORRÊA CARNEIRO

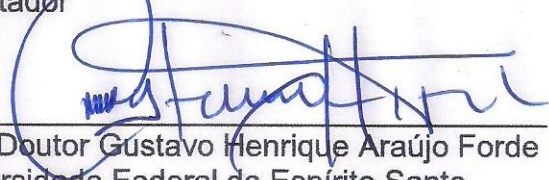
**CORPOREIDADE, CONSUMO E IDENTIDADES POLÍTICAS: ESTRATÉGIAS
DE EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO REALIZADAS PELO COLETIVO
DAS PRETAS NA CIDADE DE VITÓRIA/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física na área de concentração Educação Física, Corpo e Movimento Humano. Aprovada em 31 de maio de 2017.

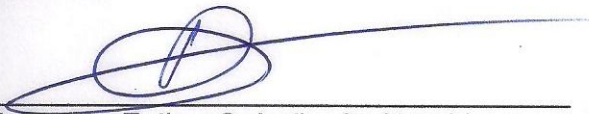
COMISSÃO EXAMINADORA



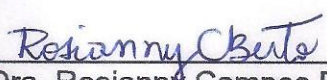
Professor Doutor Ivan Marcelo Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador



Prof. Doutor Gustavo Henrique Araújo Forde
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinador



Prof. Doutor Felipe Quintão de Almeida
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinador



Prof. Dra. Rosianny Campos Berto
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinadora

AGRADECIMENTOS

À Juliana, companheira incansável, sustento nos dias difíceis e presença indispensável nos mais felizes. Pelas aventuras que juntos vivenciamos e pelas que virão. Por Nárnia, com fervor.

Ao Ivan, pois uma das glórias da amizade é a inspiração que surge no momento em que descobrimos que alguém acredita em nós. Obrigado por acreditar, obrigado pelo sempre paciente “vamos nessa”.

Aos companheiros do LESEF, pelas contribuições, compreensão e incentivo. Pelas reuniões sempre produtivas e inspiradoras.

Pela inspiração à vida acadêmica desenvolvida em mim por meio da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) e pela Igreja Anglicana Âncora, dedico este trabalho, início de minha carreira acadêmica, a vocês. O primeiro passo não teria sido dado sem seu incentivo e apoio, nem os passos futuros seriam sonhados sem vocês. Chegamos juntos aqui.

À Rute e Renato (Bacon), por me ajudarem a revisar textos e vida.

RESUMO

O texto propõe a leitura do Coletivo Das Pretas, formado por mulheres negras e que atua na cidade de Vitória/ES. O objetivo desta pesquisa é interpretar as relações entre corpo, consumo e identidade política no interior do Das Pretas. Como estratégia metodológica, foi realizada uma pesquisa de campo de inspiração etnográfica, por meio de observação participante, o que possibilitou a aproximação das atividades realizadas pelo grupo. Também foram realizadas entrevistas com integrantes do Coletivo e análise de documentos relacionados ao Das Pretas. O texto desenvolve-se nas categorias de análise: *Corpo e Natureza*, e *Afroconsumo*. Demonstra os modos de subjetivação e formação desenvolvidos no interior do citado coletivo e suas estratégias políticas. Analisa as referências presentes no Das Pretas em relação a uma ideia de negritude vinculada ao discurso sobre o corpo que se remete ao natural imbuído da presença da história passada de opressão comum aos negros. Além disso, discute as tensões existentes na ideia de fortalecimento econômico das afroempreendedoras por meio do que o Das Pretas chama de afroconsumo ou consumo negro. Traz como conclusão apontamentos acerca da necessidade de desenvolvimento de uma política diferencialista que supere isolamentos em prol da construção conjunta de um mundo comum.

Palavras-chave: Corpo; Consumo; Política; Identidade.

ABSTRACT

This thesis proposes a reading of the black collective: "Das Pretas", formed by black women acting in the city of Vitória/ES. The goal of this research is to interpret the relationship between body, consumption and political identity inside of "Das Pretas". As a methodological strategy, a field survey of the ethnographic inspiration was conducted, through observation and participation, which allowed the approximation with the activities carried out by the group. Interviews with members were also carried out, associated with the analysis of the documents related to the collective. The thesis is developed in the categories of analysis: Body and Nature, and Afroconsumption. It demonstrates the ways of subjectivation and training developed within the "Das Pretas", and their political strategies. Analyzing references present in the collective in relation to an idea of blackness linked to the discourse about the body, that refers to the natural imbued in the presence of the past history of oppression, common to the black community. In addition, discusses the tensions that exist in the idea of economic strengthening of afroentrepreneurs through what they call afroconsumption or black consumption. It brings, in conclusion, notes about the need for the development of a diferencialist policy that overcomes insulation, for the joint construction of a common world.

Keywords: Body; Consumption; Politics; Identity.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IDP: Instituto das Pretas;

MCs: Mestres de Cerimônia;

FNB: Frente Negra Brasileira;

UHC: União de Homens de Cor;

TEN: Teatro Experimental do Negro;

MNCDR: Movimento Negro Contra a Discriminação Racial;

ONU: Organização das Nações Unidas;

MN: Movimento Negro;

UNESCO: United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization

CEDLA (Latin american Studies)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Organograma do IDP

LISTA DE SITES

<<http://www.afropunk.com/page/the-movement>>.

<www.daspretas.org>

<<http://priscilagama.com.br>>

<<http://revistatrip.uol.com.br>>

<<http://seculodiario.com.br>>.

<<http://www.umapretacapixaba.com>>

<<https://www.youtube.com>>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
IDENTIDADE NEGRA E IDENTIDADE NACIONAL: MARCAS DA RACIALIZAÇÃO BRASILEIRA	16
1.1 SOBRE O MOVIMENTO NEGRO	23
1.1.1 - PRIMEIRA FASE: SER BRASILEIRO	23
1.1.2 - SEGUNDA FASE: NEGRO, COM MUITO ORGULHO	30
1.1.3 - TERCEIRA FASE: AFRO-BRASILIDADE E ESTÉTICA AFRO-DIASPÓRICA.....	33
1.2 - GERAÇÃO TOMBAMENTO.....	38
CAPÍTULO 2	49
FAZER PESQUISA SOBRE O CORPO NEGRO NA CIDADE DE VITÓRIA (ES)	49
2.1 - AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	49
2.2 - O QUE É O DAS PRETAS?	56
2.3 - A QUE SERVE ESTE COLETIVO?	62
CAPÍTULO 3	69
ESPAÇOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE	69
3.1 SOBRE OS ESPAÇOS DE AÇÃO DO DAS PRETAS.....	71
3.1.1 ÊNFASE DIDÁTICO-FORMATIVA	72
3.1.2 ÊNFASE RECREATIVA	79
3.1.3 ÊNFASE NO PROTAGONISMO OU VISIBILIDADE.....	81
3.2. UMA INTERPRETAÇÃO DO IDP NA INTERFACE ENTRE CORPO, CONSUMO E POLÍTICA	85
3.2.1 CORPO E NATUREZA	86
3.2.1.1 AUTORRECONHECIMENTO	88

3.2.1.2 TESTEMUNHO	98
3.2.1.3 VISIBILIDADE.....	103
3.2.1.4 LACRE OU LUCRO?.....	106
3.2.2 AFROCONSUMO	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
ANEXO I.....	128
REFERÊNCIAS.....	129

INTRODUÇÃO

O trabalho de dissertação que será apresentado se insere na linha “Educação Física, Corpo e Movimento Humano” do Programa de Pós-Graduação de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEF-UFES). Esta linha se pauta na identificação de fundamentos sócio-filosóficos para a análise dos processos sociais contemporâneos relacionados com a cultura corporal de movimento, bem como, para formulações teórico-conceituais relativas ao corpo e ao movimento humano. Além desta inserção, vale frisar que esse trabalho está articulado ao projeto de cooperação internacional "Sentidos sobre educação do corpo no Brasil e na Argentina: artefatos culturais e biopolítica" que tem sido desenvolvido através de uma parceria do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF/UFES) com o Centro Interdisciplinario Cuerpo, Educación, Sociedad da Universidad Nacional de La Plata (CICES/UNLP).

Sua afinidade a essa linha se dá por três razões. A primeira deve-se às ferramentas que aqui utilizaremos no processo de construção deste trabalho, e que como descrito acima, são fundamentos sócio-filosóficos. A segunda relaciona-se à estrutura do que estamos edificando, a saber, a formulação de um quadro onde a compreensão dos processos sociais contemporâneos seja possível. Isso se dará pela análise de um grupo específico de mulheres negras, ativo na vida urbana de Vitória, capital do Espírito Santo, grupo o qual apresentarei mais detalhadamente a frente. Por fim, vale ressaltar que o corpo é tema constante em nossas reflexões, e os cuidados direcionados ao mesmo, assim como seus usos, serão permanentemente um local de inquietação para nós. O que significa dizer que este é um trabalho que trata do uso do corpo no mundo contemporâneo, ressaltando o lugar do corpo na luta antirracista, pautada no empoderamento estético.

Talvez seja relevante neste trabalho, iniciar com uma questão que me foi recorrente durante o processo de pesquisa (muitas pessoas, em diferentes lugares, demonstraram a mesma curiosidade): “O que te levou ao tema?”. Ora,

não é uma pergunta incomum para qualquer pesquisador, mas o que está por trás da dúvida dessas pessoas é o que torna relevante iniciar o texto deste modo. Isto porque, segue a essa questão, a seguinte observação: “Afinal, você é um homem branco que resolveu pesquisar um grupo de mulheres negras”. É inevitável pensar porque isso seria tão intrigante, uma vez que eu sou um pesquisador que encontrou num determinado grupo da sociedade um objeto a ser estudado.

Sei que com esse questionamento, as pessoas desejam saber como foi “para mim” realizar tal pesquisa. Essa questão demonstra que meus questionadores pensam pelo menos duas coisas sobre a sociedade atual e que lhes preocupa. A primeira é que a política social das diferenças tende a criar grupos herméticos na sociedade de um modo geral, desenvolvendo-se de forma ascética em relação a pessoas de grupos distintos.

A segunda coisa, derivada da primeira, é que as políticas da diferença tendem a criar oposições na sociedade, de modo que as pessoas que não são dos grupos de reivindicação identitária desprezam, distanciam-se ou apenas assistem de longe suas ações, preservando-lhe a construção isoladamente. Assim, me seria perguntado ainda “porque deveria haver um branco entre as pretas?”.

Agora discorrerei apenas sobre as implicações da primeira. Que seja um risco às políticas diferencialistas o isolamento, a autoafirmação, isto é uma realidade. No entanto, não nos parece ainda uma sentença final. Confiamos que este trabalho possa servir à busca por compreender quais os limites e possibilidades de relação entre grupos que se pautam na diferença, enfatizando a identidade, na construção do chão comum, oferecendo elementos úteis a posterior análise.

Colocam-se como objetivos desta pesquisa interpretar os modos de subjetivação e formação desenvolvidos no interior do citado coletivo e suas estratégias políticas, enfocando as relações entre corpo, consumo e identidade política no interior do Instituto Das Prestas. Para tanto se faz necessário investigar os sentidos do consumo pelas mulheres negras atuantes no citado

coletivo, assim como os usos do corpo na constituição da identidade política do Das Pretas.

Num primeiro momento, não nos coube estabelecer algum tipo de juízo sobre as ações do coletivo, mas compreender o desenvolvimento de seu discurso, analisando os principais temas e aspectos levantados pelo Das Pretas em sua busca por conferir sentido e identidade às mulheres negras da cidade de Vitória.

O ponto de partida dessas reflexões, considerando o corpo como lugar pelo qual passam distintos discursos, ocorre desde a percepção de que o corpo tem se tornado, na atual fase do capitalismo, instrumento de consumo. Torna-se assim o eixo central em torno do qual giram os outros dois temas abordados: o consumo e a identidade política. A captura do corpo é também a captura da identidade, o que faz do corpo lugar de disputa entre o discurso consumidor e sua resistência. No citado grupo, consumo e identidade política caminham bem próximos, o que nos move a buscar compreender as tensões que se instauram nessa relação e a proposta de resistência colocada pelo coletivo.

Este trabalho se divide em três capítulos, sendo que no primeiro abordamos o modo pelo qual a ideia de raça desenvolvida na modernidade penetra no imaginário brasileiro, suscitando a resistência por parte do movimento negro organizado, o qual desenvolve distintas formas de enfrentamento à exclusão e discriminação contra o povo negro. Apresentando-o em três fases, chegamos ao momento em que a identidade negra é reafirmada com maior contundência, apresentando no corpo como signo (físico, cultural e histórico) sua referência para a luta, deslocando-se do ideal de identidade nacional. Isto posto, falamos sobre a geração tombamento e suas principais referências, numa breve análise sobre as relações com o corpo negro nessa fase de empoderamento. Vale destacar que nossa intenção é identificar a organização Das Pretas no interior deste movimento de tendência cada vez maior entre jovens negras.

No segundo capítulo apresentamos o modo pelo qual se deu a construção metodológica, desde a escolha do grupo a ser pesquisado e a opção pela observação participante, na construção de uma pesquisa de inspiração

etnográfica. Apresentamos sucintamente os locais onde produzimos informações sobre o Das Pretas e em seguida passamos a descrever o que é tal organização. Da descrição da estrutura dessa organização, passamos a seus fins e modos de ação.

No terceiro capítulo descrevemos as categorias desenvolvidas para análise do Das Pretas. É nesse ponto que realizamos uma discussão sobre corpo, consumo e identidade política, observados no interior das categorias “*Corpo e Natureza*” e “*Afroconsumo*”. Na primeira analisamos as referências presentes no discurso do Das Pretas em relação a uma ideia de negritude vinculada ao discurso sobre o corpo, que se remete ao natural imbuído da presença da história passada de opressão, comum aos negros. Na segunda, observamos as tensões existentes no discurso de fortalecimento econômico das afroempreendedoras por meio do que o Das Pretas chama de afroconsumo ou consumo negro.

Concluimos o trabalho com um relato sobre a participação junto ao grupo estudado, apresentando algumas das limitações do trabalho e reflexões acerca dos limites da tolerância frente o desafio da construção de um mundo comum.

CAPÍTULO 1

IDENTIDADE NEGRA E IDENTIDADE NACIONAL: MARCAS DA RACIALIZAÇÃO BRASILEIRA

O negro, mesmo após sua alforria, permaneceu marcado pelo racismo¹, imputando-lhe um estigma de mácula, de sub-humanidade, com a marca de um trabalhador ruim e inábil. Com a queda do reinado do café e desenvolvimento industrial no país, a escravização tornava-se obsoleta. O negro, antes escravizado, não é incorporado ao desenvolvimento industrial. Santos (1985) interpreta esse fato atentando para a “barreira ideológica” presente entre os brasileiros. O negro, mesmo após a abolição, que ocorrerá pelas mudanças no modo de produção da época (pois com o desenvolvimento da indústria cafeeira e as pressões externas para a modernização do país, o escravo não era mais necessário, por não mais ser lucrativo), fora associado ao escravo, visto como sujo, preguiçoso, mau trabalhador.

[...] Aí surge a ideia seguinte: quanto mais negro, pior trabalhador, logo, quanto mais branco, melhor trabalhador. [...] O café começou a substituir o trabalhador escravo e desse jeito ele foi marginalizado, ou seja, não foi promovido, foi marginalizado (1985, p. 87).

A libertação do negro não operou na sociedade brasileira um avanço em sua condição, mas marginalizou-o, por meio do racismo. A ideologia colonialista abrange amplamente o que se relaciona ao negro, assim se refere Munanga:

[...] A desvalorização e a alienação do negro estende-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte, etc. Seu continente é quente demais, de clima viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e à eterna

¹ O racismo é marcado pelo atrelamento de características intelectuais e morais de um dado grupo a suas características físicas ou biológicas. Para Munanga (2003), “[...] o racismo nasce quando faz-se intervir caracteres biológicos como justificativa de tal ou tal comportamento. É justamente, o estabelecimento da relação intrínseca entre caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais que desemboca na hierarquização das chamadas raças em superiores e inferiores” (p. 9). Gomes (2005) ressalta que o racismo possui uma forma tanto individual quanto institucional, sendo a primeira realizada por atos discriminatórios entre indivíduos e a segunda por práticas discriminatórias sistemáticas realizadas pelo Estado.

dependência. O ser negro é uma degeneração devido à temperatura excessivamente quente (MUNANGA, 2012, p. 33-34).

Importa-nos aqui compreender os fundamentos do discurso racista desenvolvido no Brasil, assim como as formas de resistência desenvolvidas pelo movimento negro organizado.

Aquele discurso, que desvaloriza o negro, sustenta-se num determinado tipo de racionalidade que passou a constituir o pano de fundo para os saberes científicos. Santos (2008) nos fala da abrangência dessa racionalidade e de suas características fundamentais. Esse tipo de racionalidade científica, que se desenvolve em fins do século XVIII, refere-se a um paradigma dominante na modernidade que é como um modelo de racionalidade a presidir a ciência moderna, tendo surgido na revolução científica do século XVI e alcançado legitimação como um modelo global de racionalidade a partir do século XIX, quando se estende às ciências sociais emergentes. Como um sistema global de racionalidade, o citado autor nos diz que este “*admite variedade interna, mas que se distingue e defende*” (SANTOS, 2008, p. 21) do senso comum e das humanidades ou estudos humanísticos.

Sob os princípios de desenvolvimento e progresso, o campo da razão foi sujeitado a essa racionalidade científica, necessária para o domínio técnico. A começar pelas ciências da natureza, passando para as humanas, a forma de se tratar o fato humano reduziu-se a uma concepção mecânica. Distinguir para dominar é o mote dessa forma de racionalidade.

Esse modo de conhecer o mundo busca fazer-se distinto do senso comum, porquanto não cede às “ilusões” da experiência e nem se deixa confundir pela variabilidade presente nas humanidades – antes, desacredita da experiência imediata, assim como simplifica os variantes. Por meio de uma linguagem matemática, só compreende como passível de validação científica o que pode ser quantificado, e cujas propriedades podem ser tornadas menos complexas, divididas, classificadas e assim estabelecerem relações sistemáticas dentro do

mesmo método que as separou. Podemos ver com Bauman (1999) que os Estados modernos passaram a ser administrados por essa lógica.

[...] A sociedade racionalmente planejada era a *causa finalis* declarada do Estado moderno. O Estado moderno era um Estado jardineiro. Sua postura era a do jardineiro. Ele deslegitimou a condição presente (selvagem, inculta) da população e dismantelou os mecanismos existentes de reprodução e auto-equilíbrio. Colocou em seu lugar mecanismos construídos com a finalidade de apontar a mudança na direção do projeto racional. O projeto, supostamente ditado pela suprema e inquestionável autoridade da Razão, fornecia os critérios para avaliar a realidade do dia presente. Esses critérios dividiam a população em plantas úteis a serem estimuladas e cuidadosamente cultivadas e ervas daninhas a serem removidas ou arrancadas. Satisfaziam as necessidades das plantas úteis (segundo o projeto do jardineiro) e não proviam as daquelas consideradas ervas daninhas. Consideravam as duas categorias como *objetos* de ação e negavam a ambas os direitos de agentes com autodeterminação (BAUMAN, 1999, p.29, grifo do autor).

A Razão dos filósofos modernos se torna a representação perfeita da verdade, cabendo apenas a iluminação dos demais membros da sociedade como tarefa. O Estado moderno passa a ser um administrador das técnicas desenvolvidas primeiramente nos setores privados. A eficiência se torna a norma, de modo que o próprio Estado passa a depender de técnicas administrativas eficientes (ELLUL 1968) se tornando ele mesmo um organismo técnico. Foucault (2005) aponta o modo pelo qual o racismo serve ao regime Estatal que preconiza a prolongação da vida como forma de governo - esta técnica denominada biopolítica:

[...] A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado à técnica do poder, à tecnologia do poder. Está ligado a isto que nos coloca longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao biopoder exercer-se. Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano (FOUCAULT, 2005, p. 309).

São duas as facetas do racismo descritas por Foucault. A primeira dirige-se ao corte que se realiza entre o que deve viver e o que deve morrer. Esse corte é

basicamente do tipo biológico, dirige-se às características biológicas do indivíduo e de sua prole, justificando-se assim racionalmente o massacre e homicídio dos considerados mais fracos e degenerados. A outra característica do racismo moderno é permitir uma relação positiva com o extermínio de determinados grupos, desenvolvendo uma lógica do tipo:

[...] quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu – não enquanto indivíduo, mas enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar (*ibidem*, p. 305).

A relação realizada aqui é que a racionalidade moderna, conforme descrita por Santos (2008), justifica esse corte, pelo fato de conceder um saber “seguro” sobre o biológico, com as devidas inferências e aplicações à sociedade em geral. O progresso como finalidade da racionalidade moderna e os mecanismos de poder administrados pelo Estado possibilitam um gerenciamento mais eficaz da população.

O Brasil que vemos no fim do século XIX é um país em processo de industrialização e progresso. Sua história necessita ser recontada, e um espírito nacionalista integrador se faz necessário para os fins da nação. Neste período, uma visão cada vez mais partilhada sobre o povo brasileiro desenvolveu-se, desde as teorias acerca da miscigenação das raças – não somente por parte dos cientistas naturalistas europeus que para cá olhavam, mas também entre os intelectuais e políticos daqui, visto que “*nos censos, nos jornais, nas pinturas, na visão de políticos e cientistas, raça aparecia como um argumento partilhado, uma interpretação interna bastante consensual*” (SCHWARCS, 1994, p. 137).

O problema que os *homens de ciencia* (SCHWARCS, 1994) brasileiros tinham que buscar solucionar era ambíguo. Ao mesmo tempo em que admitem e se apropriam das teorias deterministas vindas da Europa, precisam enfrentar o fato de que, no Brasil, há uma mistura de raças, o que é duramente criticado por tais teorias. O que cabe a estes é propor algum tipo de salvação para esse

povo sem esperanças, estragado pela mistura (e consequente degradação) das raças.

A saída se dá por meio de formulações teóricas que fossem capazes de admitir a distinção das raças ao mesmo tempo em que apontassem para alguma solução a longo prazo para pôr fim às raças inferiores, de modo que o povo brasileiro superasse sua condição miscigenada. Conforme Schwarcs (1994),

[...] A saída foi então preconizar a adoção do ideário científico, porém, sem seu corolário teórico — aceitar a ideia da diferença ontológica entre as raças sem a condenação à hibridação — à medida em que o país, a essas alturas, encontrava-se irremediavelmente miscigenado (SCHWARCS, 1994, p. 138).

Para Kern (2015), o discurso eugenista desenvolvido no Brasil nas primeiras décadas do século XX se fortalece pela postura adotada pelos *homens de ciencia*. Sua inovação teórica, utilizando de modo seletivo as teoria deterministas para pensar a situação brasileira, forjou um “racialismo à brasileira”², conforme o autor, o qual é caracteristicamente local, tendo se tornado

[...] uma corrente intelectual tão representativa quanto heterogênea, que encontrou no conceito de *raça* — e no determinismo biológico em última instância — a chave de suas teorizações e análises sobre o Brasil. Para isso, valeu-se da perspectiva de análise racista não apenas para explicar a formação da nação e sua identidade nacional, mas também para elaborar estratégias para a condução do processo de profundas transformações vivido pela nação, controlando seu presente e projetando seu futuro (KERN, 2005, p. 7).

Desse modo, a leitura racista forja uma história do Brasil, onde seu passado miscigenado justifica a fraqueza do povo demonstrada no tempo presente e o exercício de poder sobre a população na garantia de um futuro de progresso. Justificando-se a enfermidade da população (a fraqueza de sua raça), justifica-

² “A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudo-científica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana” (MUNANGA, 2003, p. 5).

se sua medicalização, sua cura (as intervenções eugênicas³). No desenvolvimento dessa proposta de poder exercido sobre a vida da população,

[...] a eugenia materializava a ideia de que as políticas sociais deveriam ter por base a determinação biológica. Propunha, para isso, duas formas diversas de intervenção: a eugenia positiva visava fortalecer os mais aptos, os racialmente qualificados de uma determinada população, enquanto a eugenia negativa visava impedir a reprodução de indivíduos e grupos considerados degenerados e, portanto, indesejados, porque racialmente inferiores (idem, p. 8).

Na aspiração pela construção de uma identidade e unidade nacional, a elite brasileira ignorou a alteridade, considerando a mestiçagem uma ponte para seu destino final: o branqueamento (entende-se por melhoria) do povo brasileiro⁴. A similaridade entre a compreensão de que a raça é o destino biológico dos sujeitos, definindo suas doenças, inclusive morais, torna-se também o destino do povo, da nação.

No caso brasileiro, temos uma raça, conforme tal teoria, enfraquecida por sua miscigenação. Construir uma nação de progresso implica, portanto, em buscar produzir uma raça superior. Isso desemboca num ritual social de purificação em direção ao branco. Kern (2015) afirma que há uma confluência entre a perspectiva racista brasileira e os imperativos biopolíticos⁵ em fins do século XIX no Brasil.

³ “[...] A eugenia foi uma tentativa científica de “aperfeiçoar” a população humana por meio do aprimoramento de traços hereditários — noção popular por toda a Europa e Américas no período entre guerras [...] Uma eugenia “pesada” baseada na remoção do acervo reprodutivo de indivíduos que possuíam traços indesejados por meio da esterilização ou do genocídio foi aplicada em diversos graus em países como a Alemanha Nazista, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Essa variedade de eugenia combinava bem com as ideias sobre raça defendidas pelas elites brasileiras que admitiam a inferioridade dos pobres e não-brancos e ainda assim buscavam a possibilidade de recuperar essa população e, conseqüentemente, a nação” (DÁVILA *apud* MATTOS, 2015, p. 41).

⁴ “[...] Incômoda era a situação desses intelectuais que oscilavam entre a adoção de modelos deterministas e a verificação de que o país, pensado nesses termos, era inviável. ‘Devia ser difícil abrir mão da crítica externa e de uma certa internalização desse tipo de visão estrangeira a respeito do Brasil como país aberrante’, afirma Roberto Ventura [...]. Afinal, em um momento em que se redescobria a mesma nação, era como obstáculos à civilização, barreiras à identidade nacional que os grupos indígenas, africanos e mestiços eram incorporados” (SCHWARCS, 1994, p. 139).

⁵ Foucault (2005) demonstra a mudança no regime de poder presente nos Estados modernos, ocorrida a partir do século XIX, onde o poder passa a ser progressivamente exercido não mais

[...] Na ótica de grande parte da *intelligentsia* local, a população brasileira seria vítima de um histórico processo de degenerescência biológica em função da mestiçagem racial entre as três matrizes étnico-raciais: europeia (sobretudo lusitana), africana e indígena, predominantes na conformação da população (KERN, 2005, p. 5).

Ao ofício dos *homens de ciencia*⁶ brasileiros, caberia responder ao dilema instaurado em nossa terra pela mestiçagem. Como se coadunariam a fraqueza biológica desse povo mestiço aos ideais de progresso que se vislumbravam à época? Para Kern (2015), o discurso eugenista das primeiras décadas do século XX se torna a resposta para o dilema.

Da opressão eugênica resultam novas formas de "socialização e enfrentamento" por parte dos negros, como resposta aos ataques feitos às suas subjetividades. Podemos notar algumas nuances dessa resistência ao olharmos para o movimento negro organizado no período republicano.

sobre os indivíduos e seus corpos (por meio da vigilância constante), mas sobre o corpo de "muitas cabeças", a massa social, a população. As duas técnicas estatais citadas por Foucault (a do poder disciplinar e a biopolítica, esta como um poder sobre a vida) surgem como forma de acomodação decorrente da explosão demográfica e de industrialização. Essa nova técnica de poder estatal, a biopolítica, é um tipo de poder que se exerce sobre a vida, atuando tanto na vigilância do corpo individual quanto sobre o corpo social, a população, "[...] uma tecnologia que é mesmo, em ambos os casos, tecnologia do corpo, mas, num caso, trata-se de uma tecnologia em que o corpo é individualizado como organismo dotado de capacidades e, no outro, de uma tecnologia em que os corpos são recolocados nos processos biológicos de conjunto" (p. 297). Para Foucault, a garantia do poder soberano de fazer morrer, num Estado marcado pela biopolítica (cuja ênfase está em *fazer viver*, ou garantir o prolongamento da vida de seus cidadãos) só é possível por meio de um discurso evolucionista das raças.

⁶ As principais instituições que garantiram o desenvolvimento das teorias que representavam o Brasil por seu caráter mestiço, se desenvolvem entre 1870 e 1930. Destacam-se os institutos históricos, os museus etnográficos e as faculdades de direito e de medicina, por sua abertura aos novos modelos científico-deterministas. "[...] As personagens que integram essas instituições, são esses — hoje — obscuros *homens de ciencia* que em finais do século XIX, e do interior dos locais em que trabalhavam, tomaram para si a quixotesca tarefa de abrigar uma ciência positiva e determinista, e, utilizando-se dela, procuraram liderar e dar saídas para o destino desta nação. Misto de cientistas e políticos, pesquisadores e literatos, esses intelectuais irão se mover nos incômodos limites que os modelos lhes deixavam, haja vista que, nesse momento, indagar sobre que nação era essa significava, de alguma maneira, se perguntar sobre que raça era a nossa ou, então, se uma mestiçagem tão extremada não seria um sinal em si de decadência e enfraquecimento" (SCHWARCS, 1994, p. 139-140).

1.1 SOBRE O MOVIMENTO NEGRO

Silva (2007), nos diz que uma análise historiográfica do movimento negro aponta para uma narrativa não linear, uma vez que não há indícios de continuidade na trajetória do movimento. Segundo Silva:

A bibliografia sobre movimento negro do pós-abolição reflete uma tendência geral de interpretar a história do movimento negro como uma linha evolutiva dividida em três grandes períodos que não guardam muita relação entre si, sendo separados por duas ditaduras – primeiro de 1900 a 1937 –; depois de 1945 a 1964; e, por último, de 1978 até o presente. Estes períodos apresentariam avanços e sucederiam-se como resultado da modernização da sociedade ou de sua dinâmica interna. (SILVA, 2007, p. 30)

Petrônio Domingues, por sua vez, identifica quatro fases, sendo que a última é marcada pela cultura *Hip Hop*. Neste trabalho apresentaremos alguns elementos que constituíram as três primeiras fases, conforme apontado por Silva, no entanto, encarando cada uma como distintos momentos do Movimento Negro, não o compreendendo como um bloco homogêneo, nem marcada totalmente por rupturas. Como veremos até mesmo a partir da pesquisa de campo mais a frente, há continuidades e não rupturas radicais no Movimento Negro.

Seguindo, atentaremos para os aspectos epistemológicos e ações realizadas pelos grupos de maior destaque, com a finalidade de ressaltar os distintos discursos do Movimento Negro na construção de suas agendas.

1.1.1 - PRIMEIRA FASE: SER BRASILEIRO

A primeira fase consiste no período entre a primeira república e o Estado Novo, e possui a característica de um antirracismo assimilacionista. Nesse período, destacam-se os clubes, grêmios e associações dos chamados homens de cor. Majoritariamente de cunho assistencialista, recreativos e culturais, essas associações conseguiam mobilizar um grande número de pessoas.

Destaca-se igualmente nesse período a chamada imprensa negra. Trata-se do esforço por se construir uma imprensa alternativa, apontando questões próprias dos negros. Esses jornais visavam combater o preconceito de cor, conforme afirmado à época. Segundo Domingues:

[...] Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas desses periódicos constituíram veículos de denúncia do regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas. Nesta etapa, o movimento negro organizado era desprovido de caráter explicitamente político, com um programa definido e projeto ideológico mais amplo (DOMINGUES, 2007, p. 105).

Nota-se ainda a influência do pensamento de Marcus Garvey, importante representante do movimento pan-africanista, de forte repercussão no continente africano, onde seus escritos chegavam por meio do jornal *Negro World*.

Alguns artigos de Garvey foram traduzidos e publicados em jornais brasileiros. No entanto, a ênfase no orgulho de ser negro e na cultura afro não condiziam com o espírito nacionalista da época. As críticas aos Garveyristas da época denunciavam o caráter importado do movimento (o que demonstra a afinidade com a ideia de ser brasileiro) e o modelo racista (repudiado pela postura favorável à mestiçagem). No entanto, José Correia Leite – fundador, ao lado de Jaime de Aguiar, de jornal paulista que divulgava artigos de Garvey, o *Clarim d’Alvorada*, de 1924 – relata que

[...] O movimento garveyista entre nós [negros brasileiros] ficou restrito, mas serviu para tirar certa dubiedade do que nós estávamos fazendo. Procurávamos fazer doutrinação, uma espécie de evangelização. As ideias de Marcus Garvey vieram reforçar as nossas. Com elas nós criamos mais convicção de que estávamos certos. Fomos descobrindo a maneira como a gente era discriminada. (LEITE *apud* GOMES, 2005a, p. 42-43).

O caráter comum de denúncia não era a única função do jornal. Sustentados provavelmente por investimentos pessoais, Gomes (2005a) diz que essas publicações possuíam um caráter quase pedagógico de apresentar e exaltar lideranças abolicionistas. Eram instrumentos para a reflexão sobre o momento em que se encontravam os negros após a abolição. Referiam-se também às experiências e cotidianos das associações, protagonizando a “classe dos homens de cor” (*idem*, p. 34).

Ressalta-se que, nos salões e bailes, divulgavam-se os ideais de “civildade” e “elegância”. Esses jornais parecem ter servido de instrumento para fomentar a união entre a vida pública e privada, sugerindo uma moral própria à “classe de cor” que se estimulava pelos bailes.

[...] Embora a “cultura de festa” fosse criticada por uma nova geração de jornalistas negros que surge no final dos anos 20 [...], o aparecimento e a consolidação desse tipo de produção jornalística deve-se à proliferação de tais espaços de lazer exclusivamente negros. Neles, o “decoro” e o comportamento não só são avaliados pelos empresários negros (responsáveis pelo aluguel dos salões e representantes dos “clubes dançantes”) e pelas famílias negras mais antigas e tradicionais do bairro, como também são a matéria-prima da imprensa negra em seus relatos minuciosos e satíricos desses ambientes (GOMES, 2005a, p. 40).

Desse modo, seja pela crítica ou pela reafirmação, os jornais seguem um caráter pedagógico na formação de uma classe de cor, produzindo e reproduzindo valores. Gomes ressalta ainda a prática do foot-ball, como territórios de disputa étnica, remetendo-se a times compostos somente por negros e mulatos na capital paulista e diz que a “classe de cor” tinha sua solidariedade “construída por referenciais comportamentais que a distinguem do ‘preto comum’, cujo principal estereótipo inclui a brutalidade, o

analfabetismo e a miséria relacionados com a escravidão” (GOMES, 2005a, p. 41).

A busca por distinguir-se do estigma da escravidão percorreu caminhos de distinção social associados à assimilação dos valores exaltados pelos brancos. A conjuntura internacional apertava-os com os ideais de progresso da modernidade, pautadas no desenvolvimento tecnológico e científico. Munanga (2012) ressalta que

[...] No século XVIII, [...] elabora-se nitidamente o conceito de perfectibilidade humana, ou seja, do progresso. Mas o negro, o selvagem, continuava a viver, segundo esses filósofos [pensadores iluministas], nos antípodas da humanidade, isto é, fora do circuito histórico e do caminho do desenvolvimento. Sexualidade, nudez, feiura, preguiça e indolência constituem os temas-chave da descrição do negro na literatura científica da época. (MUGANGA, 2012, p. 29-30).

De certo modo, a participação dos negros em espaços onde sua civilidade é comprovada carrega igualmente uma posição de enfrentamento ao discurso moderno que o inferioriza e rebaixa à animalidade, atribuindo à sua estrutura corpórea baixa moral. A civilidade da classe dos homens de cor, a criação de espaços negros semelhantes aos vividos pelos brancos, apresenta-se como uma contranarrativa ao discurso que lhe recrudescer e inferioriza. Conforme Gomes:

[...] Ao instituírem-se territórios de lazer análogos aos dos brancos – quanto aos códigos de conduta e símbolos de status conquistados (no vestuário e na linguagem, sobretudo) – contudo exclusivamente frequentados por negros, diminuiu-se o percurso em direção à “igualdade”. Seria demasiado simplista supor, como fez Roger Bastide, que a imitação de tais hábitos culturais “embranquecedores” representasse uma contradição ou um impedimento para a afirmação de uma “consciência racial”, ao se tornar “um obstáculo para a ascensão social do negro” (GOMES, 2005a, p. 38-39).

Fechando essa fase, destaca-se a Frente Negra Brasileira (FNB). Surgida no ano de 1931, tornou-se um movimento de massa. Esta se estendeu por vários estados, com considerável organização. A FNB tinha como carro-chefe o departamento de Cultura ou Intelectual, investindo na formação educacional de

negros. *“Destaca-se a ativa participação das mulheres na FNB, seja no trabalho assistencialista, por meio da Cruzada Feminina ou na organização de bailes e festivais artísticos, por meio das Rosas Negras”* (DOMINGUES, 2007, p. 106).

A FNB chega a construir um partido com curto período de existência, no ano de 1936, de caráter político ultranacionalista, que se extingue com a instauração da ditadura do Estado Novo, em 1937. Este sofrera influência da conjuntura política internacional, chegando inclusive a se afeiçoar a ideais nazifascistas. Oliveira (2008) demonstra o modo pelo qual o momento vivido propiciou a aproximação da FNB com tais ideais.

[...] o início da estruturação político-institucional do movimento negro ocorreu em um momento histórico bem específico, onde vários fatores participaram na sua organização. A abolição, os debates em torno da construção do Brasil moderno e do brasileiro, o fim da primeira Guerra, a imigração, os movimentos sociais da década de 20, as dificuldades econômicas agravadas pela crise de 29, as mudanças políticas desencadeadas com a revolução de 30, representam fatores essenciais nesse processo. [...] A revolução possui um papel fundamental na organização da FNB, visto que as perspectivas de mudanças sociais contribuíram para o processo de tomada de consciência e incentivaram as lideranças negras a se juntarem à agitação contra a primeira República. [...] A “República-Velha”, além de representar os interesses das oligarquias latifundiárias, limitando a participação política e ignorando os interesses e as necessidades dos recém-libertos, havia incorporado as doutrinas do racismo científico e da “teoria de branqueamento” (p. 88).

O sentimento antiliberal e nacionalista crescia desde a Primeira Guerra em vários países, associado à instabilidade econômica, o sentimento de governança firme (autoritarismo) encantava o povo. A afeição pelo conservadorismo, elitismo e autoritarismo por parte da FNB se desenvolve num momento privilegiado para tais termos.

A FNB possuía uma posição conservadora frente aos males sociais e à situação de exclusão do negro, como vemos no quadro interpretativo que Domingues (2007) constrói, salientando que o Movimento Negro, nesta época, via na escravidão e no despreparo moral e educacional as raízes do racismo. Consequentemente, sua superação se daria por estas vias, sem que se

tecessem críticas ao capitalismo, associando-se a este a questão racial, o que ocorrerá posteriormente em outros períodos do MN.

A postura ante o mito da democracia racial⁷ era a de assistência e havia um distanciamento de símbolos característicos da cultura africana. Uma postura pró-mestiçagem prevalecia, onde se evidencia a não afirmação do corpo negro, mas sua elevação para superação da discriminação racial, provavelmente pelo espírito nacionalista da época, onde a política do governo proclamava um país unido e sem conflitos étnicos, como citado anteriormente. Vale ressaltar que

[...] A democracia racial, enquanto estratégia identitária induzida politicamente, tem no período Vargas um arranjo pontuado, e visava construir um amalgama nacional que viabilizasse não só uma noção de homogeneidade nacional não-conflituada, nem mesmo de classe, mas acentuasse a ideia de povo unificado [...]. (Silva apud Trapp, 2010, p. 92).

Essa homogeneidade nacional garantia-se na representação de um único povo, miscigenado, constituindo assim uma nova raça (não pautada em princípios de raça pura, mas afirmando a mistura do povo brasileiro como sua virtude). Essa ode à miscigenação, no entanto, não fora capaz de afirmar as diferentes identidades existentes no país. Embora seja um fato social a presença de distintos grupos em nosso país, a representação política destes mesmos permanecera submetida ao ideal de um povo único, tendente ao branco. Conforme Munanga (1999):

⁷ Visto como um mito fundador da nacionalidade brasileira (encontrando em Gilberto Freyre seu principal expoente), o conceito de democracia racial sofreu duros ataques de ativistas negros, sendo analisado como instrumento ideológico dominante. Guimarães sugere uma mudança analítica sobre o termo, operando um deslocamento em busca do aparecimento da expressão em vez da origem histórica das ideias históricas que lhe compunham. Sua pesquisa o conduziu a separar “[...] analiticamente, o que era chamado pelos historiadores de ‘paraíso racial’, um conjunto de crenças na ausência de preconceitos de raça no Brasil, que pode ser retraçado ao Império, do mesmo conjunto de crenças que reivindicava para o Brasil não a imagem de paraíso, mas de democracia”. Sua argumentação o leva a concluir que “[...] a expressão surge disseminadamente entre os intelectuais brasileiros na conjuntura de 1937-1944, ou seja, durante o Estado Novo, diante do enorme desafio de inserir o Brasil no mundo livre e democrático, por oposição ao racismo e ao totalitarismo nazi-fascistas, que acabaram vencidos na Segunda Grande Guerra”. Desse modo, a democracia racial foi “[...] mais que uma ideologia, ela foi um modo tacitamente pactuado de integração dos negros à sociedade de classes do Brasil pós-guerra, [...], tanto em termos de simbologia nacional, como em termos da sua política econômica e social” (GUIMARÃES, 2006, p. 270). Embora estivesse restrito aos negros da cidade e não houvesse espaço para o reconhecimento de formações étnico-raciais pretendentes à participação no sistema político.

[...] o modelo sincrético, não democrático, construído pela pressão política e psicológica exercida pela elite dirigente foi assimilacionista. Ele tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em construção, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica. Embora houvesse uma resistência cultural tanto dos povos indígenas como dos alienígenas que aqui vieram ou foram trazidos pela força, suas identidades foram inibidas de manifestar-se em oposição à chamada cultura nacional. Esta, inteligentemente, acabou por integrar as diversas resistências como símbolos da identidade nacional. Por outro lado, o processo de construção dessa identidade brasileira, na cabeça da elite pensante e política, deveria obedecer a uma ideologia hegemônica baseada no ideal do branqueamento. Ideal esse perseguido individualmente pelos negros e seus descendentes mestiços para escapar aos efeitos da discriminação racial. O que teve como consequência a falta de unidade, de solidariedade e de tomada de uma consciência coletiva, enquanto segmentos politicamente excluídos da participação política e da distribuição equitativa do produto social (1999, p. 101).

O modelo assimilacionista acabou por tornar em folclore as identidades distintas no Brasil. A exotização do negro e do índio, por exemplo, não constitui um ponto referencial para a ação política. O negro é afirmado politicamente enquanto uma das raças fundantes da nação brasileira, sendo, portanto, tanto mais negro quanto “brasileiro” for. Como citado por Munanga no trecho acima, a identidade nacional que se forjara nesse período era eurocêntrica, de modo que a identidade negra permanecia à esse tempo submetida aos ideais da branquitude. Vemos, portanto, uma luta antirracista que é assimilacionista e integralista, dada a submissão ao ideal de identidade nacional.

O desejo por tornar-se semelhante ao branco, ao colonizador, é abordado por Munanga (2012), que nos fala acerca da interdependente relação entre colonizador e colonizado. O fato de o primeiro ser exaltado se constitui pela supressão e inferiorização do segundo. Esse repúdio à própria identidade promove em contrapartida uma admiração e desejo pela imagem do colonizador. Desse modo, ascender socialmente passou a implicar para o negro *tornar-se como o branco*, apropriando-se de seus (do colonizador) símbolos e práticas.

Nesta primeira fase, vemos os caminhos apontados pela cultura branca sendo utilizados a favor do negro, como sendo sua possibilidade de redenção.

Demonstrar que o negro é um bom trabalhador, incentivar a prática de esportes e estudo e o direito de ser brasileiro. O mote é a união e integração nacional, ser brasileiro. Posteriormente, notar-se-á uma busca maior por afirmação identitária, que fora inibida pelo discurso nacionalista, de tal modo que houvera resistência para com as teorias que buscavam uma crítica sistêmica da discriminação racial. Falava-se sobre o preconceito de cor. A noção de democracia racial, que velava as desigualdades sociais vividas, começará a ser criticada e a identidade negra afirmada sem a dependência dos ideais nacionalistas. A busca pela diferenciação e singularidade do negro será o que veremos a seguir.

1.1.2 - SEGUNDA FASE: NEGRO, COM MUITO ORGULHO

A Segunda fase do Movimento Negro se encontra no período que compreende da Segunda República à ditadura militar (1945-1964). Destaca-se nesta fase a União dos Homens de Cor (UHC), cujo objetivo era “*eleva o nível econômico e intelectual do negro*” (DOMINGUES, 2007, p. 108). A UHC desenvolveu-se rapidamente e, já na segunda metade da década de 40 (foi criada em 1943), se encontrava em mais de dez Estados.

O Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias do Nascimento, foi outra organização marcante nesta fase. Seu modo de ação fora abrangente, retomando a tradição da imprensa negra pela publicação de jornais, oferecendo cursos, criando o Instituto Nacional do Negro e o Museu do Negro. O TEN foi responsável por trazer para o Brasil o movimento de negritude, iniciado nos Estados Unidos com W. E. B. du Bois (1868-1963), passando pelas Antilhas e finalmente sistematizando-se na França. Dentre outras características, o movimento de negritude implica na tomada de consciência de ser negro e afinidade para com as raízes africanas.

[...] Para o TEN, mais do que um sistema de ideias, negritude era uma filosofia de vida, uma bandeira de luta de forte conteúdo emocional e mítico, capaz de mobilizar o negro brasileiro no combate ao racismo, redimi-lo do seu complexo

de inferioridade e, por conseguinte, fornecer as bases teóricas e políticas de plena emancipação. (DOMINGUES, 2005, p. 36).

O discurso de negritude, na opinião de Munanga, nasce do “sentimento de frustração dos intelectuais negros por não terem encontrado no humanismo ocidental todas as dimensões de sua personalidade” (MUNANGA, 2012, p. 63). Esta, no entanto, foi uma angústia dos negros intelectuais, que se lançam no esforço de reestruturar um arcabouço teórico que garanta aos negros uma identidade comum. No entanto, o esforço dos intelectuais negros do TEN não foi suficiente para traçar um projeto mais geral para o problema do negro brasileiro. Segundo Clóvis de Moura:

[...] o que esse grupo [TEN] apresentava à grande comunidade negra marginalizada nas favelas, nas fazendas de cacau e de algodão, nas usinas de açúcar, nos alagados e nos pardieiros das grandes cidades? Nada. Isso levou a que a negritude dessa fase, apesar dos protestos de grupos negros isolados, como o de Solano Trindade que lutou até a morte para dar uma conotação popular e revolucionária à negritude, o certo é que a sua aristocratização e intelectualização se desenvolveram de modo inequívoco. O grupo do Teatro Experimental do Negro [...] procurou imprimir às suas atividades um cunho de elite intelectual negra. (MOURA *apud* DOMINGUES, 2005, 38).

Apesar de toda mobilização, o Movimento Negro permanecera isolado politicamente, o que dificultara a realização de suas pautas. No entanto, nos encontramos nesse período diante de uma virada no paradigma antirracista, onde o negro é afirmado sob o ideário da negritude, sua identidade é afirmada de frente para o ideário do branqueamento. De todo modo, Domingues (2005) considera moderado o discurso racial nessa fase, com uma perspectiva cultural integralista, trazendo uma postura nacionalista, de centro e direita, embora o discurso seja ambíguo, como será mostrado adiante. Enxergava-se na via educacional e cultural e na eliminação do complexo de inferioridade do negro e reeducação racial do branco o modo de superar o racismo. Suas ações giravam em torno do teatro, imprensa e eventos visando a sensibilizar e conscientizar a elite branca.

Diferentemente da fase anterior, a qual chegou a constituir-se como um movimento de massas, esta conta com uma vanguarda, não conseguindo mobilizar uma grande massa. Há uma aproximação dos símbolos africanos, porém valorando-a de forma ambígua (abordando de forma mais contundente a cultura africana, porém com algumas restrições). Há, nesta fase, uma volta para dentro de si, o que se manifesta na dificuldade de construção de agendas políticas com outras vertentes de disputa no poder. Compreendemos, no entanto, a importância dessa reclusão e reiteração das questões dos negros como uma forma inicial de rompimento e distanciamento do paradigma da branquitude⁸. Isto é importante por que:

[...] Ao sujeito negro oprimido, os indivíduos brancos, diversos em suas efetivas realidades psíquicas, econômicas, sociais e culturais, ganham uma feição ímpar, uniforme e universal: a brancura. A brancura detém o olhar do negro antes que ele penetre a falha do branco. A brancura é abstraída, reificada, alçada à condição de realidade autônoma, independente de quem a porta enquanto atributo étnico ou, mais precisamente, racial. A brancura [...] funciona como um pré-dado, como uma essência que antecede a existência e manifestações históricas dos indivíduos reais, que são apenas seus arautos e atualizadores. O fetichismo em que se assenta a ideologia racial faz do predicado branco, da brancura, o “sujeito universal e essencial” e do sujeito branco um “predicado contingente e particular”. [...] O bom, o belo, o justo e o verdadeiro são brancos (COSTA, ANO, 1983, p. 4-5).

A aproximação dos símbolos africanos desembocará posteriormente numa afirmação cada vez maior da identidade negra, forjando um importante corpo político para a luta antirracista. A presença negra no processo de redemocratização vivido no Brasil se fará de forma potente, como veremos a seguir.

⁸ Conceito desenvolvido a partir da necessidade de se analisar a condição privilegiada dos brancos em relação aos negros. O termo brancura foi inicialmente utilizado por Guerreiro Ramos, e posteriormente substituído pelo de branquitude. O lugar privilegiado do branco na sociedade constitui ainda um fator epistemológico, transcendente que vela as relações injustas presente no tecido social. Ver Cardoso (2010).

1.1.3 - TERCEIRA FASE: AFRO-BRASILIDADE E ESTÉTICA AFRO-DIASPÓRICA

Dentre as formas de resposta à regulação e domínio sobre os corpos negros realizado pelas ambições da branquitude, vemos na atualidade uma afirmação da identidade negra cada vez maior. Do ponto de vista das reivindicações históricas do Movimento Negro, destaco que a terceira fase do mesmo, em sua organização no período republicano, vai do início do processo de redemocratização à Nova República (1978-2000).

Nesta fase, se admitirá o discurso de raça de um modo político⁹. Se antes a raça era apresentada pejorativamente, de modo a inferiorizar tudo o que se refere ao negro, agora o negro irá se autoafirmar negro, na busca por resistência. O Movimento Negro Unificado irá problematizar a história de escravidão, espoliação e opressão na busca por construir uma consciência negra.

O discurso da raça vai se constituindo contra o discurso racista. O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNDICR, que depois passará a ser somente MNU), criado em 1978, é o que reforça a especificidade étnica em sua pauta, buscando conscientizar o negro de seu papel na sociedade, denunciando o racismo e resgatando a cultura afro-brasileira e africana. Este movimento, no entanto, é fruto de outras organizações que já vinham pautando e construindo uma visão sobre o negro que fosse de enfrentamento, como o grupo Palmares. O mote é conscientizar-se de sua negritude e das opressões vividas pelo negro. Há forte influência dos movimentos de libertação africanos, com seu enfoque nacionalista, e dos movimentos negros por direitos civis nos Estados Unidos. Segundo Domingues,

⁹ “[...] Os militantes e intelectuais que adotam o termo *raça* não o adotam no sentido biológico, pelo contrário, todos sabem e concordam com os atuais estudos da genética de que não existem raças humanas. Na realidade eles trabalham o termo *raça* atribuindo-lhe um significado político construído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerando as dimensões histórica e cultural que este nos remete. Por isso, muitas vezes, [...] utilizam o termo étnico-racial, demonstrando que estão considerando uma multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a história, a cultura e a vida dos negros no Brasil” (GOMES, 2005, p. 47).

[...] No plano externo, o protesto negro contemporâneo se inspirou, de um lado, na luta a favor dos direitos civis dos negros estadunidenses, onde se projetaram lideranças como Martin Luther King, Malcolm X e organizações negras marxistas, como os Panteras Negras, e, de outro, nos movimentos de libertação dos países africanos, sobretudo de língua portuguesa, como Guiné Bissau, Moçambique e Angola. Tais influências externas contribuíram para o Movimento Negro Unificado ter assumido um discurso radicalizado contra a discriminação racial (DOMINGUES, 2007, p. 113).

Passamos, portanto, da ênfase nacionalista, à consciência negra – as referências do Movimento Negro se deslocam para fora, em busca de uma identidade negra da diáspora decorrente da escravidão colonial, marcados por um passado comum de escravidão e opressão. Aqui vale apresentar o artigo de Rafael Petry Trapp, *O antirracismo no Brasil e a Conferência de Durban: identidades transnacionais e a constituição da agenda política do Movimento Negro (1978-2010)*, que aborda as estratégias identitárias no processo de construção da agenda política do Movimento Negro brasileiro no período citado. O autor apresenta a influência da III Conferência Mundial da ONU contra o Racismo, que ocorrera em 2001, na cidade de Durban, na África do Sul, e aponta as mudanças nas reivindicações do MN em território brasileiro, relacionando-as ao contexto transnacional.

Essa conferência, de grande importância para a luta antirracista brasileira, fora precedida por uma comissão que reunira diversas organizações negras, em decorrência da Marcha Zumbi dos Palmares, em 1995. Essa expressiva marcha levantara pautas que foram, posteriormente, recebidas pelo Estado brasileiro. Trapp ressalta a fala da militante Sueli Carneiro sobre a citada marcha:

[...] Foi o fato político mais importante do movimento negro contemporâneo. Acho que foi um momento também emblemático, em que nós voltamos para as ruas com uma agenda crítica muito grande e com palavras de ordem muito precisas que expressavam a nossa reivindicação de políticas públicas que fossem capazes de alterar as concepções de vida da nossa gente. Foi um processo rico, extraordinário. (CARNEIRO *apud* TRAPP, 2011, p. 242)

Fundamentados em pesquisas contundentes sobre as desigualdades entre negros e brancos, torna-se difícil sustentar a ideia de democracia racial. A articulação internacional aliada a isso constrói uma abertura na compreensão do dilema vivido no Brasil e inspira ações antirracistas. Práticas como as ações afirmativas, inspiradas no movimento norte americano, passam a compor a agenda do MN brasileiro – principalmente, conforme analisa Trapp, no pós-Durban.

[...] A crescente profissionalização do Movimento Negro será acompanhada, no plano político nacional, por novas formas de diálogo entre o Movimento Negro e o governo brasileiro, personificados na figura do presidente-sociólogo Fernando Henrique Cardoso, eleito em 1994. Será no governo FHC que o Movimento Negro começará a ganhar espaços institucionais importantes, além de se fazer ouvir. Para esse momento será de fundamental importância a Marcha Zumbi dos Palmares, ocorrida em 1995. Essa marcha reuniu milhares de manifestantes antirracistas em Brasília, advindos de variadas partes do Brasil. Foi um dos momentos de união de luta do Movimento Negro, que antes havia se expressado na fundação do MNU e nas “comemorações” do centenário da Abolição, em 1988 [...]. Os manifestantes produziram um documento que foi entregue ao governo federal, com dezenas de reivindicações e propostas. No âmbito da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos o governo, em resposta, criou o Grupo de Trabalho para a População Negra (GTI-Negros). A partir daí, um conjunto de idéias e políticas públicas antirracistas de recorte “racial” começaria a ser gestado [...]. A ideia de “raça” ganha, agora, via diálogo entre Movimento Negro e Estado, um novo lugar institucional (TRAPP, 2012, p. 912).

Pela primeira vez, a identidade nacional é forçada à sua reavaliação. O MN põe em xeque a ideia de identidade nacional, suplantado pelas desigualdades entre negros e brancos, fundamentados em pesquisas consistentes e com a influência do projeto de pesquisa realizado pela UNESCO¹⁰. As pesquisas apresentaram objetivamente as diferenças sociais entre negros e brancos no Brasil, tornando difícil a sustentação da noção de democracia racial num país

¹⁰ Segundo Nogueira (2006), tais estudos possuíam em comum a preocupação em circunscrever a área pesquisada, apresentando explicitamente os dados, de modo que se pudessem comparar a situação racial brasileira com a de outros países, em especial os Estados Unidos. O objetivo era conhecer a situação racial do país, por síntese e comparação, abrindo possibilidade de estudos em diferentes áreas do território nacional.

de cultura híbrida. O corpo negro aparece como ponto de diferenciação num país que exalta a hibridização e miscigenação de sua cultura. Aparece, portanto, como um corpo político, com reivindicações históricas, desestabilizando a construção quase metafísica do ideal nacional.

O que podemos notar nesta fase é que a ênfase recai sobre a questão identitária de forma mais contundente, de modo que se enfatiza, por meio da conscientização, a cultura, o corpo e a estética africana, elementos necessários para a afirmação identitária. Conforme Trapp, a desconstrução do discurso da democracia racial constitui-se como tema mais marcante a compor as disputas antirracistas:

O MNU, ao mesmo tempo em que se caracterizava como um movimento de reivindicação, protesto e denúncia das iniquidades raciais sofridas pelos negros no Brasil, pela luta contra a opressão e pela emancipação do negro, procurou desconstruir o mito e combater o discurso da chamada “democracia racial”. Esse processo de desmistificação tornou-se, a partir daí, uma das principais bandeiras de luta do movimento, pois, na interpretação dos militantes, a ideia de que as relações étnico-raciais se davam sem conflitualidade – não sendo a sociedade brasileira racista, portanto – e de que havia igualdade de oportunidades entre negros e brancos, teria sido historicamente uma estratégia para encobrir as profundas desigualdades sociais e econômicas entre negros e brancos no Brasil (TRAPP, 2011, p. 237-238).

Outro conceito político aparece nesse período reconfigurando a disputa antirracista no Brasil, o do Atlântico Negro, ou diáspora. Trapp relaciona a transnacionalização do MN e o significado político e simbólico do Atlântico Negro¹¹ como o motriz da cisão com o discurso nacional e reafirmação de raça do MN. A superação do paradigma nacionalista, possibilitando o rompimento

¹¹ O *Atlântico Negro* (1993), de Paul Gilroy concede-nos uma metáfora para as estruturas transacionais desenvolvidas na modernidade, marcado por trocas e fluxos culturais. A cultura formada pelos negros em diáspora possui caráter híbrido, transcendendo deste modo as fronteiras étnicas e nacionais. “[...] A década de 1990 foi rica em discussões de temas como globalização, cultura, identidade, nacionalismo, hibridismo, multiculturalismo. O livro do sociólogo inglês Paul Gilroy, cuja primeira edição em língua inglesa data de 1993, insere-se nesse debate contemporâneo repudiando as perigosas obsessões com a pureza racial, posicionando-se contra as representações do corpo humano como repositório fundamental da ordem da verdade racial. Seu projeto político e acadêmico renova críticas à ideia de raça e prevê sua morte como princípio de cálculo político e moral” (SANTOS, 2002, p. 273).

com o discurso da democracia racial, se dá por meio desta identificação com o espaço imaginado do Atlântico Negro. Desse modo, as mudanças vividas tanto no âmbito simbólico quanto discursivo no MN

[...] só pode ser adequadamente compreendida no contexto de seus vínculos com transformações que se dão fora das fronteiras nacionais, conforme as dinâmicas políticas e culturais observadas junto à população afro-descendente mostram de forma particularmente evidente. Os novos modos de identificação cultural e organização política que emergem, nacionalmente, não seriam imagináveis sem o estreitamento dos vínculos e dos intercâmbios políticos e simbólicos com o espaço imaginado do Atlântico Negro (COSTA apud TRAPP, 2011, p. 239).

Temos, portanto, que, a partir dos anos 1980, uma nova concepção histórico-cultural, com práticas centradas na corporalidade, passa a dominar o pensamento afro-brasileiro. Segundo Trapp:

A ligação com a África torna-se central para o movimento negro no sentido de ressignificar a identidade. Nos anos 1980, o discurso de ligação com a África se populariza, trazendo consigo uma nova concepção estética e outros referenciais políticos em conjunto com práticas centradas na musicalidade, na corporalidade e na performatividade cultural, através de um “corpo de linguagens e procedimentos próprios a partir das matrizes africanas, com a contribuição também dos referenciais históricos e o acúmulo de experiências ‘afro-brasileiras’” (PEREIRA, 2008, p. 66). A memória africana é crucial, portanto, para conformar a identidade e potencializar o alcance da luta antirracista (TRAPP, 2011, p. 240).

Deve-se essa construção simbólica e conceitual ao contato com as lutas na África e pelos direitos civis nos Estados Unidos. A influência histórico-cultural e a pauta reivindicando as reparações históricas passam a marcar o MN brasileiro. Um novo imaginário toma conta das disputas em território nacional, onde se busca a valorização da história do negro no Brasil, assim como os exemplos de resistência em outras nações. A referência ao passado comum dos negros no Brasil, e o apelo à memória afro e à luta por reparações são a força motriz da luta antirracista contemporânea. A corporeidade, a estética, o passado comum se tornam, por excelência, o local da afirmação identitária e ponto de partida para a reflexão política.

Os anos que seguirão (1980-1990) trarão uma marca cada vez maior da influência das lutas dos negros em outros países. O caldo cultural (*Black is beautiful* e o *soul*) que se forjara nos Estados Unidos, assim como as lutas por direitos, e as lutas por liberdade na África passam a povoar o imaginário da juventude negra brasileira, forjando o orgulho e a luta. Naked (2012) cita que

Influenciados politicamente pela volta de Abdias do Nascimento dos Estados Unidos e de artistas que trouxeram vivências e sonoridades americanas para os palcos e os discos nacionais, esses jovens negros brasileiros empreenderam um esforço de apropriação das questões políticas e sociais dos negros norte-americanos e em diálogo com uma África – imaginada [...] e, diante do fracasso do projeto integrador dos anos sessenta, se organizaram em festas semelhantes aos soundsystems jamaicanos: os bailes Black. Regados à música americana e às suas versões e interpretações nacionais, essas festas conectavam as narrativas brasileira e americana através da apropriação do discurso dos negros do norte (p. 3).

Importa-nos notar que o pertencimento identitário do negro coaduna-se cada vez mais em torno de elementos culturais, vinculando-se à luta internacional por direitos e liberdade. A África, imaginada, passa a constituir a base e força motriz para a afirmação da identidade negra com cada vez mais contundência. Festas e estética vinculam-se à efervescência política que ultrapassa a localidade. As conquistas nos anos 1990 e a explosão cultural oferece também um plano de fundo para o desenvolvimento do que vemos atualmente entre a juventude negra. Sob o termo *afro*, uma nova perspectiva cultural se abre, assim como um novo nicho no mercado, onde produtos específicos para pessoas negras despontam. A isso abordaremos no próximo tópico.

1.2 - GERAÇÃO TOMBAMENTO

De comunidades virtuais a marchas em praças públicas, a juventude negra tem afirmado a importância da construção de sua estética no enfrentamento ao

racismo. Em ressonância a outros movimentos (como o *Fashion Rebels*¹², na África do Sul e os *Afropunks*¹³, nos Estados Unidos da América) que visam propor novas formas de beleza e atitude entre os jovens negros, vemos desenvolver-se no Brasil a conhecida *Geração Tombamento*¹⁴.

Com forte presença em redes sociais, *blogs*, construindo coletivos, reunindo-se em praças e organizando marchas, jovens negras buscam reafirmar o valor da estética negra. Com o aumento de figuras representativas do movimento¹⁵, jovens se inspiram a seguir uma moda que carregue o significado de sua negritude. Com festas de baixo custo, criatividade na produção do visual e frequentando ambientes onde seu estilo e moda são reconhecidos e reafirmados, enfatizam o resgate da autoestima e passam a perceber a presença do corpo negro de um modo novo nos distintos espaços que frequentam, como numa continuidade dos eventos sociais promovidos pelos negros de outras gerações.

¹² Movimento de jovens negros na África do Sul, que promovem uma inversão na indústria de moda ao mover a atenção das marcas para o estilo, tornando mais acessível aos que só tem os bazares da cidade como opção de compra. Sobre Maitele Wewa, um dos iniciadores do movimento, ver <https://www.youtube.com/watch?v=yBOKTgSdOsg>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

¹³ “[...] Em 2003, Matthew Morgan produziu 'Afro-Punk', o documentário [...] que destaca Black Punks na América, escrito e dirigido por James Spooner. O foco era dar uma voz a milhares de crianças multiculturais fortemente identificado com um caminho de estilo de vida menos viajado. [...] AFROPUNK evoluiu para uma pedra de toque de um movimento cultural lembrando fortemente os primeiros dias do Hip-Hop. Crianças urbanas alternativas em todo o mundo que se sentiam como outsiders descobriram que eles eram realmente o núcleo de uma comunidade ousadamente inovadora, de rápido crescimento. A comunidade on-line tem sido a força motriz por trás do movimento AFROPUNK explodindo, criando uma autêntica casa virtual em www.afropunk.com. [...] Em 2005, o primeiro festival anual de AFROPUNK estreou para multidões entusiasmadas na icônica Academia de Música do Brooklyn [...]. Descrito pelo New York Times como "o festival mais multicultural dos Estados Unidos", a palavra AFROPUNK tornou-se sinônimo de comunidade aberta, não conformista e não convencional, colocando a instituição no epicentro da cultura urbana inspirada pela música alternativa”. Tradução livre extraída de <http://www.afropunk.com/page/the-movement>. Acessado em: 02/04/17.

¹⁴ Stephanie Ribeiro, em artigo publicado na revista eletrônica *Trip*, em 25 de julho de 2016, defende que a “[...] geração tombamento é um mix de afirmação da sua ancestralidade com (re)criação de uma possibilidade histórica. Isso a aproxima do contexto afrofuturista – movimento que utiliza a música, as artes e a moda para fazer uma mistura da cultura africana com tecnologia, ciência e futuro. O afro como possibilidade, como futuro, enfim, como algo positivo e orgulhoso”. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/stephanie-ribeiro-escreve-sobre-geracao-tombamento-e-afrofuturismo>. Acessado em: 16/02/17.

¹⁵ Destacam-se a *rapper* Karol Conká, Tássia Reis, Rico Dalassam e Liniker. Com roupas coloridas e estilos marcantes, tais artistas tem ganhado reconhecimento entre jovens negros, incentivando a afirmação estética, sem timidez, causando “tombamentos” e “lacramentos” por onde passam.

Com visuais “*lacradores*” e “*tombadores*”, expressões utilizadas para se referir ao poder de enfrentamento do seu visual, jovens enfrentam o preconceito e reafirmam suas identidades como negras e negros. Em grande parte, encontram-se por redes sociais virtuais, onde se dão trocas de experiência, realizam denúncias e promovem discussões.

Mattos (2015) pesquisou algumas dessas comunidades e discorre sobre a estética negra e o empoderamento a partir de estudos autobiográficos, interpretando esse movimento de afirmação identitária que se reforça desde a juventude negra como uma “estética afro-diaspórica”. Afro por sua vinculação com a ancestralidade africana, e diaspórica por se construir no interior de reflexões pós-coloniais, considerando as ações das negras e dos negros dispersos (da África para o mundo ocidental, desde o Atlântico). Mattos define o termo:

[...] é o movimento em que homens, mulheres, homossexuais, transexuais, gays e também as crianças negras adotam variações para os seus corpos e cabelos criando e recriando penteados de matriz africana, usando e abusando do tamanho dos fios, formas e cores, assumindo sua corporeidade nesse contexto de mudanças sociais, lutas históricas e hibridismo estético (MATTOS, 2015, p. 38).

Penso que isso signifique dizer que o ato de agir sobre si, escolher os modelos de sua própria estética, é aqui compreendido como um ato político. Mattos vê nas comunidades virtuais de mulheres negras que se articulam em torno da estética afro uma possibilidade de construção e reconstrução do significado de “ser negra”. Ainda que não haja, num primeiro momento, uma afirmação engajada, tomada por uma consciência de negritude, há nesses espaços uma potente construção do pertencimento étnico. Estética e identidade são relacionados nesse sentido, embora não sejam necessariamente vistos como “políticos”, quando o político é compreendido como engajamento em alguma organização ou movimento. Quando não a linguagem política é afirmada (“seu

black é poder”), vemos a presença de uma linguagem que se refere a uma estética "mais natural"¹⁶.

Desse modo, ela cita também a organização para além das redes sociais, com encontros de mulheres negras, promovendo ações, marchas e reivindicando atenção à população negra. Por estes meios, as comunidades virtuais têm produzido novas formas de sociabilidade e integração entre mulheres negras.

Normalmente, os encontros acontecem em espaços públicos, parques, jardins, arenas, *studios* de arte e oficinas alternativas. Avalio que esses grupos têm despertado um movimento político que gera renda, trabalho, diversão, arte, tecnologia e informação, além do sentimento de pertença que as mulheres passam a ter com a volta dos cabelos crespos e naturais. Ou seja, esse movimento estético afro-diaspórico cria e recria necessidades que o mercado precisa sanar e que o Estado deve atender através de políticas públicas de inclusão e diversidade (MATTOS, 2015, p. 48).

Mattos (2015) conclui que a autoestima presente nessa postura de empoderamento estético-político implica uma tomada de fôlego para enfrentar o olhar do outro em busca de uma postura crítica e afirmativa.

[...] somos conscientes que o que nos leva a insurgir esteticamente está no confronto do olhar do outro sobre nós; olhar impregnado de um juízo de valor estético pautado no padrão branco. A partir do momento que decidimos não mais abaixar o volume dos nossos cabelos estamos assumindo um novo comportamento — uma postura crítica e efetivamente uma estética afirmativa (MATTOS, 2015, p. 52).

Considero oportuno ressaltar que tal consideração aponta para um labor empreendido sobre o corpo, ao gosto do indivíduo – todavia, não sem

¹⁶ Sobre o conceito de natureza presente nesses grupos, podemos considerar que se constrói em resposta aos efeitos de nossa educação eugênica (que serão citados mais a frente), considerando o biológico como natural e subjulgando-o à intervenção científica como forma de melhoramento. Nesse caso, constrói-se uma narrativa anti-intervencionista (embora não se realize sem intervenção), que recoloca o sujeito capaz de intervir sobre o corpo (não somente visto como biológico, mas social e cultural), sobre o "natural". Nesse caso, a relação do indivíduo consigo mesmo, compreendendo seus traços naturais e exercendo cuidado sobre o próprio corpo é mais desejável que a submissão aos padrões estéticos estabelecidos pela branquitude. Aí aparece, portanto, o sujeito negro, que elege e define o que é ser negro, e enamora-se por tal imagem.

considerar a importância de assumir a corporeidade negra em meio a lutas políticas.

Gomes (2011) compreende a *corporeidade negra* no interior das tensões entre regulação e emancipação na qual se constitui o mundo moderno ocidental. Para Gomes, os saberes estéticos / corpóreos são os que mais fogem à regulação e por isso são capazes de produzir saberes não indolentes, portanto, mais abertos à construção do porvir.

Não cabe, neste momento, desenvolver o tema, mas vale ressaltar que tal compreensão atribui à afirmação estética do negro um caráter de militância e resistência por si só. Isto porque, marcado pela negação e sendo submetido ao lugar das ausências no mundo capitalista e racista, o corpo negro, ao evidenciar-se, provoca tensões e promove aberturas na sociedade.

Gomes (2011, p. 38) faz uma crítica à monocultura racional, marca da racionalidade ocidental, unificadora das distintas lógicas de produção da não existência, que se compreende a partir do pensamento de Boaventura de Souza Santos. Assim, apresenta a “*sociologia das ausências e das emergências*”. Define que esta “*consiste numa investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na realidade, ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe*” (GOMES, 2011, p. 38).

A autora propõe, ainda, a tentativa de criação de “*uma nova razoabilidade, novos argumentos para a produção de um conhecimento prudente*” (GOMES, 2011, p. 41) e não indolente como o que se desenvolveu. Para tanto, afirma a necessidade de um “*diálogo epistemológico-político-aberto*” onde se faz a *reflexão tanto interna quanto externamente à ciência, unindo-se a “outros setores e coletivos presentes na vida social”* (GOMES, 2011, p. 40). Daí a relevância de se buscar os saberes produzidos pelo Movimento Negro. Denuncia que a ciência moderna reafirmou-se como única forma de conhecimento verdadeiro. A ortodoxia conceitual moderna operou uma tripla redução, a saber: “*do conhecimento à ciência, do direito ao direito estatal e dos poderes sociais à política liberal*” (GOMES, 2011, p. 40).

Essa ortodoxia conceitual permitiu a produção de duas formas de conhecimento: o conhecimento-emancipação e o conhecimento-regulação¹⁷. É no interior dessas formas de conhecimento que a autora irá interpretar os saberes produzidos pelo Movimento Negro. Trata-se de buscar compreender em que medida tais saberes podem contribuir para uma educação para a diversidade, num mundo marcado pelo colonialismo, capitalismo, machismo e racismo.

Dentre esses saberes produzidos, Gomes (2011) destaca os saberes estético/corpóreos, os quais “dizem respeito não somente à estética da arte, mas à estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo” (GOMES, 2011, p. 49). Embora sejam os saberes mais perceptíveis e evidentes, nem por isso são ignorados ou apagados pela branquitude:

[...] talvez sejam os mais visíveis do ponto de vista da relação do sujeito negro com o mundo e, contraditoriamente, podem ser mais facilmente transformados em não existência no contexto do racismo brasileiro e do mito da democracia racial, os quais são capazes de transformar as diferenças inscritas na cultura em formas peculiares de não existência. [...] A ignorância sobre a corporeidade negra construída no contexto colonial e imperial brasileiro – dentro dos quais o escravismo foi o modo de produção que fez funcionar a engrenagem econômica e social brasileira – persistiu no pós-abolição e perdura até hoje por meio do racismo brasileiro e da desigualdade racial. Ao mesmo tempo, no nível da comunidade negra, saberes sobre a estética negra ou afro-brasileira foram sendo construídos, aprendidos, ressignificados e socializados (GOMES, 2011, p. 49 - 50).

Nisto se faz compreensível a afirmação de Nilma Lino Gomes de que a “*expressão estética negra é inseparável do plano político, do econômico, da urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da percepção da diversidade*” (GOMES, 2011, p. 10). O projeto de progresso brasileiro ignorou o

¹⁷ “[...] A tensão entre regulação e emancipação ancoradas na fundação do paradigma da modernidade ocidental comporta duas formas de conhecimento: o conhecimento-emancipação (trajetória entre um estado de ignorância denominado colonialismo e um estado de saber designado *solidariedade*) e o conhecimento-regulação (trajetória entre um estado de ignorância denominado por caos e um estado de saber designado por ordem)” (GOMES 2011, P. 41).

negro em sua potencialidade, criando sua ausência, seu não lugar (GOMES, 2011).

Esse corpo negro, ignorado e repudiado em sua estética, encontra no movimento negro guardadas marcas de sua resistência e significação. Em outro texto, Gomes (2002) expõe sua tese de doutorado, e afirma a importância do cabelo e corpo negros como símbolos da identidade negra. Nesse texto, a autora apresenta resultados de sua pesquisa etnográfica realizada em salões étnicos na cidade de Belo Horizonte.

Corpo e cabelo são compreendidos no interior do sistema de classificação racial brasileiro. Vale ressaltar que

[...] O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial mas, no entanto, as pesquisas atestam que no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país (GOMES, 2005, p. 46).

Estes são “*aspectos tomados pela cultura na construção da representação social no Brasil*” (GOMES, 2002, p. 2). A identidade negra constitui-se através do olhar de si para si mesmo, assim como do olhar do outro para si. Deste modo, cabelo e corpo são expressões e suportes simbólicos desta identidade, porquanto se constituem historicamente numa sociedade racista. Gomes vê a beleza negra como signo social, cultural, político e ideológico, daí a compreender os salões de beleza étnicos como espaços de formação, lugar no qual os “sujeitos comuns” constituem suas identidades fora da militância. O cuidado com o cabelo, representado na “lida”¹⁸, demonstra os conflitos vigentes em nossa sociedade, velados pelo mito da democracia racial, mas revelados nas designações estereotipadas do cabelo bom e cabelo ruim.

¹⁸ “[...] Durante as entrevistas, ao falar sobre o cabelo, a expressão ‘lidar com o cabelo’ tornou-se emblemática. A lida pode ser vista de várias perspectivas. Apesar dessa expressão adquirir diferentes significados para distintas categorias sociais, no contexto das relações sociais capitalistas ela é associada ao trabalho. É o trabalho visto como fardo e exploração” (GOMES, 2002, p. 7).

Cuidar do cabelo pode significar, nesse cenário, uma “superação da visão negativa introjetada pelas mulheres negras”, ao mesmo tempo em que supõe um “sentimento de autonomia” na escolha e experimentação das diversas formas e estilos, de modo a “representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo”, ou ainda “*expressar um estilo de vida*” (*ibidem*, p. 8). Seu trabalho propõe que o corpo e cabelo das mulheres negras devem ser compreendidos, considerando-se o modo pelo qual o corpo negro é submetido a conflitos numa sociedade marcada por um racismo velado, sustentada ideologicamente pelo mito da democracia racial.

Nogueira (2006), analisando os estudos levantados por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, em pesquisas patrocinadas pela UNESCO (cuja importância foi já citada anteriormente), defende que esses estudos sobre a “situação racial” brasileira, de corrente sociológica, trazem sempre um interesse pelo tema do preconceito racial, mesmo em áreas onde é pouco existente.

O que Nogueira faz em seu artigo é construir um quadro de referência, baseado nos citados estudos, a fim de constituir dois polos tipológicos ideais, sob os quais podemos compreender a distinção do preconceito racial, comparando o Brasil e os Estados Unidos. Nas palavras de Nogueira,

[...] O ponto de vista defendido na presente comunicação, ao contrário, é o de que, embora tanto nos Estados Unidos como no Brasil não possa negar a existência de preconceito racial, as diferenças que ocorrem nas respectivas manifestações, são tais que se impõe o reconhecimento de uma diversidade quanto à natureza (NOGUEIRA, 2006, p. 291).

Os dois tipos apresentados pelo autor, que se diferenciam por sua natureza, são o que ele denomina *preconceito racial de marca* e o *preconceito racial de origem*, sendo o primeiro o modo de manifestação do preconceito em terras brasileiras. Passarei a descrever as características desenvolvidas por Nogueira acerca do preconceito racial de marca vivido no Brasil, ressaltando que sua

compreensão acentua-se pela comparação com a manifestação do preconceito racial de origem, como se pode observar nos Estados Unidos.

O objetivo de trazer as distinções conceituadas por Nogueira é apresentar a situação do preconceito racial no Brasil. A isto seguirá a apresentação do modo como o corpo do negro é repudiado em nossa sociedade. É válido ressaltar que o preconceito de marca refere-se ao corpo, ao fenótipo – daí a resistência que se manifesta em contraposição à violência vivida no corpo negro.

O preconceito racial de marca se exerce em relação à aparência, tomando por “*pretexto para suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque*” (NOGUEIRA, 2006, p. 292), enquanto o de origem se exerce sobre o indivíduo no interior do grupo étnico ao qual está identificado.

Como efeitos disso, no caso do preconceito de marca, destaco a preterição (prefere-se o branco ao negro para a contratação), a ênfase no fenótipo (distingui-se do preconceito racial de origem, que se manifesta considerando a comunidade da qual o indivíduo vem) e o caráter assimilacionista (o negro se mistura ao todo da sociedade, tornando difícil o reconhecimento e solidariedade entre os negros), além de outros descritos por Nogueira.

O racismo à brasileira e sua religião¹⁹ do branqueamento forçara rituais variados de embelezamento, desencadeando inúmeras formas de labor sobre si em busca da beleza inalcançável. Inalcançável, porque buscava converter o corpo negro no corpo branco, seu Ideal de Ego²⁰, conforme Sousa:

¹⁹ “[...] Argumentando em defesa da eugenia e de seu valor científico e social em conferência apresentada na *Sociological Society* da Universidade de Londres, em 1904, Galton (1988 [1904], p. 170) foi incisivo ao defender a “divulgação da importância nacional da eugenia”: Primeiramente, deve-se ser familiarizada como questão acadêmica, até que haja sido compreendida e aceita, de fato, em sua exata importância; segundo, deve ser reconhecida como uma matéria cujo desenvolvimento prático merece uma séria consideração; terceiro, deve ser introduzida na consciência nacional como uma nova religião” (KERN, 2015, p. 8-9).

²⁰ “[...] O ideal de Ego é do domínio do simbólico. Simbólico quer dizer articulação e vínculo. Simbólico é o registro ao qual pertencem a Ordem simbólica e a Lei que fundamenta esta ordem. O Ideal do Ego é, portanto, a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à Lei e à Ordem. É o lugar do discurso. O Ideal do Ego é a estrutura mediante a qual ‘se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural’ (SOUSA, 1983, p. 33).

[...] O negro de quem estamos falando é aquele cujo Ideal de Ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido e que endossa a luta para realizar este modelo. [...] Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido. Escolha singular, fixada à revelia de quem apenas deve a tal modelo configurar-se. [...] a primeira regra básica que ao negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer “mancha negra” (SOUZA, 1983, p. 34).

O artigo de Mattos aposta no caráter unificador da estética afro-diaspórica e aponta variações cada vez mais marcantes na sociedade contemporânea, onde as “caras negras” ganham maior visibilidade, seja na publicidade ou na utilização das redes sociais. Essa aposta é vista como possibilidade de modificação deste Ideal de Ego construído *para* o negro (pela branquitude), o qual ganha caráter mitificado, por um que seja construído *pelo* negro (estética afro-diaspórica). Uma figura ideal que seja alcançável de modo que seja capaz de realizar harmonização interna.

Em outro artigo de Mattos (2014), encontramos o modo pelo qual as mulheres negras têm lidado com esse processo de aceitação de si. Ao acompanhar as atividades de um grupo chamado *Vício Cacheado*, Mattos encontra uma comunidade virtual de apoio mútuo, onde se afirma a beleza negra, trocam-se experiências e são promovidos encontros presenciais.

Destaco que a ênfase ali recai sobre o desenvolvimento de uma “consciência crespa”, a qual é apresentada como um dos elementos a ser desenvolvido na construção da consciência negra, desenvolvimento sem o qual a libertação não será total. A apropriação da história do negro une-se à apropriação do corpo negro. Libertação equivale-se aqui à libertação da consciência, antes de qualquer menção a uma libertação a nível estrutural. Tal comunidade encontra seu sentido na promoção de apoio a mulheres que tem buscado uma consciência e autoestima que se constrói com “sofrimento e sacrifício” desde o momento em que viram as costas aos modelos de beleza dominantes.

[...] Caminhamos, ao encontro desse objetivo, promovendo o conhecimento da estrutura capilar de um cabelo crespo, como deve ser cuidado, o que devem usar nele e que todos os procedimentos podem, e é preferível, serem feitos em casa,

pela própria pessoa. Isso por que, *ninguém amará mais seu cabelo do que você própria, ninguém entenderá mais dele do que você e cuidará dele com tanto carinho quanto você cuidará*. Por isso afirmamos que, após a aceitação, devemos desenvolver o amor pelo cabelo crespo que possuímos. *Esse amor se desenvolve a medida que estudamos de onde ele vem, que povo foi responsável por transmitir para todas nós essa beleza com ondas, volume, versatilidade e personalidade*, assim seguiremos conscientes do que é possuir um cabelo crespo que conta, por si só, uma história de luta e resistência (MATTOS, 2014, p. 227, grifo nosso).

Pode-se notar que o processo de reconciliar-se com a própria identidade negra vai desde o reconhecimento da especificidade do cabelo/corpo negro, considerando o cuidado que lhe é devido (o cuidado com o próprio cabelo justifica-se ainda pela negação dos especialistas, sugerindo um cuidado particular que só a própria pessoa é capaz de realizar com o devido cuidado e atenção).

Desenvolve-se, então, uma afeição progressiva pela própria estética, compreendido como um ato político, porquanto deve caminhar na direção da afeição pelo próprio cabelo, tendo em vista que este carrega a trajetória de luta e resistência negra. Assim, enfatiza-se que a compreensão de que *meu cabelo é bonito* deve se dar pelo fato de este *carregar a história de um povo*. Assim, enfrenta a valoração dominante, o padrão que se manifesta na criação da relação afetiva da mulher pela aparência vendida nas vitrines, *outdoors* e passarelas.

CAPÍTULO 2

FAZER PESQUISA SOBRE O CORPO NEGRO NA CIDADE DE VITÓRIA (ES)

No interior dessa disputa contra a regulação dos corpos negros, surgem movimentos, como os citados anteriormente, comunidades virtuais e coletivos de mulheres negras que se fortalecem mutuamente, para enfrentarem as marcas deixadas pela ideologia da branquidão. A forma como narram suas trajetórias e constroem sentidos políticos interessa-nos neste trabalho. Para tanto, aproximei-me de um coletivo²¹ da cidade de Vitória, denominado Das Pretas.Org.

Tomei conhecimento do Instituto Das Pretas (IDP) numa conversa informal entre amigos, e entrei em contato com a presidente do mesmo. A sede, o discurso do grupo, seu nascimento como coletivo – desenvolvendo-se posteriormente ao nível de organização civil, associando empoderamento estético-político e afroempreendedorismo – forneceu uma gama de elementos interessantes para essa pesquisa. As narrativas discursivas deste grupo anunciam dois pontos centrais para minha reflexão, a saber: a relação com o corpo e um discurso sobre o consumo.

Tendo na geração tombamento suas inspirações, e por seus modos de ação, assim como reivindicações e ênfases de cunho social, o coletivo revelou-se um grupo de conteúdos muito atrativos para a reflexão sobre o corpo no mundo contemporâneo.

2.1 - AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

²¹ Neste trabalho o grupo estudado será apresentado como coletivo, embora seja também referido como um instituto (organização). Como será demonstrado mais à frente, as mulheres que dirigem o instituto o descrevem como um coletivo, em decorrência do modo como iniciou-se, e parecem extrair daquele momento os fundamentos para a reflexão que molda suas atividades enquanto instituto.

Neste trecho, apresentarei as reflexões que inspiraram a construção das estratégias metodológicas utilizadas nessa pesquisa, cuja inspiração é etnográfica. Apresentarei tanto a fundamentação teórica quanto os caminhos buscados para estabelecer a aproximação, as primeiras impressões e a decisão pelas rotas que foram seguidas durante a pesquisa.

Após o contato com o grupo, busquei realizar uma pesquisa qualitativa, de observação participante, aproximando-me das atividades realizadas pelo grupo, na medida em que fosse possível, compreendendo que a observação participante:

[...] Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste (MARCONI & LAKATOS, 1985, p. 194).

É importante ressaltar, no entanto, que minha presença no interior do grupo revela limites a essa identificação com o mesmo. Como dito, o coletivo pesquisado é constituído por mulheres negras, que enfatizam essa característica como forma de construção identitária. Eu, todavia, sou um homem branco, apesar de possuir traços fenotípicos (boca, nariz e cabelo) destacados como traços de negro. A inspiração para essa aproximação do grupo adveio do campo da etnografia, esta é

[...] uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 135).

Portanto, nesta pesquisa, o trabalho de campo ocupa esse lugar de empatia para com o grupo pesquisado, não no sentido de estabelecer juízos, mas a fim de partilhar suas experiências e deixar-se afetar por elas. Tal afetação é capaz de operar mudanças teóricas e de perspectiva, o que certamente ocorreu desde a primeira "olhada" para o tema. O pesquisador aqui é capaz de afirmar

que não fala mais do mesmo modo que o fizera no início da pesquisa o que se demonstrará ao longo do trabalho.

Cabe ressaltar o lugar devido do estranhamento, evidente “[...] *para quem é introduzido pela primeira vez num meio que lhe é estranho*” de modo que tudo lhe “*é significativo, nada pode ser previamente hierarquizado numa escala de valores entre o insignificante e o relevante: tudo é digno de observação e registro*” (MAGNANI, 2009, p. 141). Por isso, à medida que surgiam atitudes que saltavam aos olhos, eram registradas para posterior análise, na busca por significar totalidades capazes de auxiliar na compreensão do grupo pesquisado. Apesar de ser morador de Vila Velha, e de ir muitas vezes à capital (Vitória), foi possível nesse trabalho conhecer outra cidade, mesmo sendo a minha cidade.

Magnani (2009) sugere que pensemos a cidade não em seu conjunto, sendo a somatória de elementos isolados e submetidos à massificação, mas a partir dos usos vernaculares das cidades pelos atores sociais, formando sua dinâmica cotidiana.

[...] Postulo partir dos atores sociais em seus múltiplos, diferentes e criativos *arranjos coletivos*, isto é, das estratégias que eles utilizam para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas, através de comportamentos que não são erráticos, mas apresentam padrões discerníveis (MAGNANI, 2009, p. 137, grifo do autor).

Nesta pesquisa, busquei observar esse modo de utilização da cidade efetuado pelo Coletivo Das Pretas. Fui à festa, confraternização, à loja, estive presente nos grupos virtuais e ativo nos serviços de voluntariado, buscando encontrar os principais pontos de construção das subjetividades das envolvidas. Foram identificados esses espaços e relatados em diário de campo.

O trabalho de campo aqui possuiu importância fundamental, pois permitiu traçar temas, levantar questões e relativizar as concepções prévias e gerais extraídas das preferências teóricas do pesquisador. A contribuição do olhar antropológico para a cidade feita por Magnani nos possibilitou ver o movimento

da cidade como fenômeno marcado pela presença de atrizes sociais, em busca de identificar suas ações e sentidos.

Outra parte se voltará para minha participação junto ao grupo em suas ações. Como já mencionado, o fato de eu ser um homem branco, pontua e demarca restrições e altera padrões na relação entre pesquisador e o grupo pesquisado. É possível falar da sensação de deslocamento e dificuldade inicial na interação com o grupo, o que fora superado ao longo da pesquisa.

Nesse contato inicial, marcado pelo medo de ser desrespeitoso ou invasivo, havia indiscutivelmente a estranheza da presença de um homem branco entre as mulheres negras. Isso exigiu de mim uma postura de passividade, mais recuada, e de observação atenta, apresentando-me solícito nas ações de voluntariado e disposto a ajudar no que fosse necessário.

Deste modo, o ponto de contato que encontrei para a aproximação e cada vez maior identificação com o grupo foi o trabalho voluntário, ao qual o grupo sempre recorre para suas ações. Os dados foram coletados por meio de um diário de campo, acompanhamento do grupo pela internet e entrevista semiestruturada, além da utilização de documentos cedidos pelas participantes do coletivo.

Acompanhei o grupo no período entre julho de 2016 e março de 2017, tendo participado como voluntário em uma de suas atividades, a colônia de férias de cunho afro-centrado, o *Quilombinho* – sobre o qual tecerei considerações posteriormente – e também na equipe de apoio da *Marcha do Orgulho Crespo*.

Minha abertura para com o grupo se deu justamente por sua ênfase no voluntariado, onde, por meio da ação conjunta com as mulheres do Coletivo, passei a ser reconhecido como parceiro do IDP. O acompanhamento dos textos publicados e das palestras disponíveis, assim como a participação em algumas dessas ações, foi necessário para que compreendêssemos o discurso presente nesses espaços formativos.

Havia em nosso roteiro uma entrevista semiestruturada a ser realizada junto às diretoras do coletivo, a qual foi agendada pela presidente do grupo antes do

início da confraternização de fim de ano (Dezembro de 2016). Apesar deste encontro não ter sido como esperávamos, pudemos obter informações importantes sobre o coletivo, além de redirecionar as estratégias de pesquisa. Abaixo segue um longo trecho de meu diário de campo, onde relato o ambiente no qual a entrevista se realizou:

[...] Chegamos pouco antes das nove horas da manhã na sede do Instituto. A presidente chegou pontualmente às nove, conforme havia combinado comigo pelo telefone. Este era o horário requerido para a chegada de todas as outras integrantes do grupo. Havia preparos a serem feitos para a confraternização que se iniciaria às dez da manhã. Sempre muito simpática, a presidente desceu do carro com um sorriso no rosto, presenteou a mim e minha esposa com um “bom dia” entusiasmado. Em seguida abriu a porta da sede, com certa ansiedade, e entrou sem nos convidar. Permanecemos do lado de fora, sem compreender o que ela faria em seguida. Passamos então a observar as árvores e arquitetura dos prédios ao redor. Algumas mulheres haviam chegado um pouco antes, e as vimos enquanto estacionávamos o carro. Elas foram recebidas por uma das empreendedoras que colaboram com a loja e parece morar no apartamento que fica em cima da mesma. Esta acolheu as mulheres. Ao ouvir o barulho do portão abrindo, logo desceram e, passando por alguma porta que liga os dois andares, entraram na loja, cumprimentaram a presidente, e passaram a observar os produtos. Aproveitamos a deixa para também entrarmos na loja. Minha esposa, que pela primeira vez visitava a loja, olhou alguns produtos, e gostou bastante de alguns cremes e sabonetes artesanais. A presidente permanecia inquieta nos fundos da loja. Como permaneceram apagadas as luzes no interior da loja, e não havia diálogo com a presidente, voltamos para fora, onde era mais fresco e claro. Por alguns minutos a presidente ia e voltava do carro aos fundos da loja, com o telefone sempre a postos, entre ligações rápidas e mensagens de áudio enviadas pelo aplicativo de seu celular. Quando passava por nós, eu me disponibilizava a ajudá-la no que fosse necessário. Num dado momento, ela me pediu ajuda para abrir o estabelecimento ao lado, um galpão de um grupo de teatro que fora alugado para a realização do evento, por ser um espaço mais amplo. O primeiro momento, desde o “bom dia” entusiasmado em que pude me sentir percebido no espaço. A presidente, em todos nossos encontros, demonstrou ser uma pessoa ativa, e de agenda sempre lotada. Seus segundos parecem ser contados um por um, buscando resolver os problemas de modo sempre ágil. Aparenta estar constantemente atenta a várias coisas ao mesmo tempo, o que causa uma impressão de dispersão do momento que está realizando. Os instantes onde demonstra estar mais “presente” são aqueles nos quais está palestrando ou falando ao grupo

inteiro, todavia, mesmo nesses momentos, podemos ouvir suas repreensões àqueles que não permanecem atentos à sua fala. Com o galpão aberto, começamos a transportar mesa e cadeiras, ajustando o espaço para a confraternização. Três mulheres, representantes de uma empresa de maquiagem, receberam a permissão de Priscila para expor seus produtos, próximo à entrada. Ela permanecia inquieta, parecia preocupada com o atraso das demais meninas do coletivo, chegando a reclamar em voz alta algumas vezes, dizendo que elas nunca chegam no horário. Enquanto ela preparava o som, me aproximei e reforcei que estava à sua espera para a entrevista, ao que me respondeu a presidente que faria apenas mais alguns ajustes e já daríamos início. Nesse momento chegaram outras duas meninas do IDP. Priscila voltou com elas para o interior da loja, enquanto eu e minha esposa ficamos no galpão, junto às representantes. Depois de alguns minutos elas retornaram ao galpão, e, permanecendo na porta, mantinham uma conversa sobre um determinado homem, conhecido por elas. Pensei que fosse uma conversa íntima, no entanto, Priscila não se importava em expor o assunto na nossa frente. De todo modo evitei me aproximar. Elas entraram no galpão e o assunto prosseguia. A conversa se esticava, ao ponto de minha esposa me questionar se eu iria mesmo ser atendido pela presidente do coletivo, Priscila Gama. Já eram dez horas da manhã, horário oficial para o início do evento, quando Priscila e outras três meninas, dentre elas também a diretora financeira (que juntamente com Priscila deu início ao IDP), puseram cadeiras à porta do galpão, em busca de vento fresco. A presidente me chamou para então darmos início à entrevista. Sentamo-nos os seis, eu e minha esposa, que gravou a entrevista, a diretora financeira, aqui chamada de Cássia, Priscila, uma das meninas responsável pela comunicação (Natália) e a diretora cultural (Mariana) do Instituto²². Entreguei a elas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE) para que lessem e assinassem. Priscila pediu a Cássia que lesse, afirmando que se ela assinasse, também assinaria. O clima foi de descontração, e antes de dar início oficialmente à entrevista, eu disse à Cássia que meu trabalho estava então em suas mãos. Ela sorriu e assinou. Natália comentava sobre uma garota que lhe havia afrontado no Bekoo Das Pretas. Elas conversaram sobre o caso, referindo-se a tal moça com certo desprezo. Em dado momento, dirigindo-se a mim, Priscila disse que entre elas era assim, “se mexeu com uma, mexeu com todas”. Enquanto a última delas assinava o TCLE, um carro aproximou-se de nós.

²² Inicialmente na pesquisa, procurei manter anônimos os nomes das entrevistadas, a fim de que pudesse ter maior liberdade em expor os relatos e acontecimentos sem que implicasse em exposição das envolvidas. No entanto, a figura da presidente, Priscila Gama, é bastante conhecida e sua imagem fortemente ligada ao Das Pretas. Constatei que seria impossível preservar sua identidade nesse estudo, visto ainda que teremos de lançar mão de inúmeros materiais disponíveis na internet, dentre eles, o próprio site pessoal de Priscila. Desse modo, à exceção de Priscila Gama, e com a permissão da mesma, os nomes serão das entrevistadas será mantido em sigilo.

Lá de dentro, a deputada estadual Luzia Toledo reclamava em tom de brincadeira, dizendo que queria tomar logo seu café. Priscila me olhou e disse que a partir daquele momento deveria ser mais difícil tocarmos a entrevista. Ela apresentou-nos à deputada, e remeteu-se a mim como um parceiro do Das Pretas, em seguida e entrou no galpão com a deputada, levando-a posteriormente para a loja. As outras meninas ficaram e continuei a entrevista com elas. Tivemos mais algumas interrupções breves, a medida que mulheres chegavam para a confraternização, mas nada que prejudicasse o andamento. A entrevista seguiu bem, até que fomos surpreendidos por um homem desesperado, que acabara de ter seu carro roubado. Cássia viu o momento em que os assaltantes passaram com o carro por nós. Essa tensão dispersou as meninas, que se levantaram e tiveram de dar conta de outras coisas no evento. Uma delas permaneceu comigo, a Natália, e concluí a entrevista com ela.

Pela dificuldade na realização dessa entrevista, sugeri à Priscila entrevistá-la em outro momento. Busquei fazer contato por telefone e pessoalmente, mas não tive êxito. As dificuldades expostas nos levaram a seguir a pesquisa por outros meios. Por indicação de Natália e da própria Priscila, voltamos os olhares para as mídias sociais, buscando informações no site pessoal de Priscila Gama, em seu perfil no *youtube* e no site do coletivo.

Há disponíveis na internet inúmeras entrevistas, vídeos e textos abertos ao público que acompanham a presidente Priscila Gama. Sua personalidade marcante e forte influência sobre as demais mulheres nos levou a buscar em suas falas os sentidos e posicionamentos da coordenação do coletivo. Ela exerce uma função de porta-voz oficial, conforme se apresentou inclusive na entrevista realizada, onde, constantemente, as mulheres se referiam à Priscila como pessoa apta a responder às perguntas.

Do trabalho de campo foram extraídas categorias analíticas que servirão para a avaliação dos objetivos definidos nessa pesquisa. Desse modo, não nos caberá estabelecer algum tipo de juízo sobre as ações do coletivo, mas compreender o desenvolvimento de seu discurso, analisar os principais temas e aspectos levantados pelo Das Pretas em sua busca por conferir sentido e identidade às mulheres negras da cidade de Vitória-ES.

No citado grupo, consumo e identidade política caminham bem próximos, o que nos move a buscar compreender as relações ou tensões que se instauram e a proposta de resistência colocada pelo coletivo. A seguir, apresentarei o coletivo e seu modo de ação.

2.2 - O QUE É O DAS PRETAS?

Um dos documentos usados para a análise do grupo me foi enviado por Natália. Este se trata de um artigo escrito por ela e outros graduandos em sua faculdade, visando a conclusão de uma disciplina²³. Este artigo tinha no empoderamento estético seu objeto de reflexão. Para tratar o tema, entrevistaram três mulheres envolvidas com o Coletivo Das Pretas. Neste, Natália descreve o coletivo DasPretas.org como uma

[...] organização autônoma de empoderamento coletivo ao povo negro, especialmente a mulher negra. Organizam encontros semestrais, palestras e eventos com temáticas ligadas ao propósito do grupo. Possuem um espaço físico, a primeira loja colaborativa cem por cento afrocentrada no Espírito Santo que busca promover informação, identidade, representatividade, afroempreendedorismo e auto-estima para as mulheres negras.

E ainda como um

[...] veículo conscientizador afrocentrado, que por meio de ações, levantavam-se questionamentos como a autoidentificação e a reconexão da ancestralidade negra, permitindo ao indivíduo adentrar outras questões com uma nova perspectiva, olhando o meio em que vive.

As mulheres envolvidas nesse grupo o apresentam como um Coletivo, iniciado em 2013, que se institucionaliza em 2015, sob o nome de Instituto Das Pretas. Também é possível encontrar a nomenclatura DasPretas.org, ao referir-se ao grupo. Neste trabalho, utilizarei o termo Instituto ou Coletivo Das Pretas, que será reconhecido sob a sigla IDP.

²³ O citado artigo não fora publicado, e aqui será usado com o devido consentimento da autora.

No artigo segundo, do documento de registro do Instituto, consta que seja uma *organização de mulheres negras, que tem por finalidades o compartilhamento do empoderamento a mulheres negras e suas famílias com, essencialmente, o resgate à sua ancestralidade, à autoidentificação enquanto afrodescendente e a construção de uma autoestima fortificada e fundamentada* (descrição sobre a natureza do instituto). Fundada em 20 de novembro de 2015, o IDP possui sede à Rua Nestor Gomes, N.º 174, Centro, município de Vitória, Estado do Espírito Santo e foro na mesma cidade²⁴.

Atualmente o IDP é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, e duração por tempo indeterminado, tendo seu início como um Coletivo de mulheres negras, no ano de 2013, como descrito no site do mesmo²⁵, segue a descrição ali encontrada:

[...] Em 2013 começamos a nos reunir em volta a discussões de empoderamento estético de mulheres negras. Em 2015, institucionalizamos o INSTITUTO DAS PRETAS.ORG, a primeira organização de Economia Mista Criativa Afro-centrada de protagonismo feminino do país. Em 2016, inauguramos nossa sede. Nossas ações já atingiram, direta e indiretamente, cerca de 2.000 mulheres. Com ações focadas no empreendedorismo e consumo negro, estética & autoestima, Cultura e Educação, o Das Pretas.org, segue seu caminho de maneira autônoma e independente, com recursos vindos de doações e nenhum grande patrocinador. Tendo a transformação pelo Empoderamento Coletivo como lema e o Ubuntu²⁶ como principal fundamento, o DAS PRETAS.ORG segue agregando pessoas ao longo do caminho e a perspectiva é que todos os espaços sejam ocupados.

Em entrevista realizada com uma das idealizadoras do Coletivo, aqui chamada de **Cássia**, foi-me descrito que o

²⁴ O atual endereço da sede é na Rua Gama Rosa, número 194, Centro de Vitória.

²⁵ Disponível em: www.daspretas.org. Acesso em: 16 de julho de 2016.

²⁶ “[...] *Ubuntu* é uma palavra-conceito que, nas línguas africanas zulu e xhosa, significa “Sou quem sou por aquilo que todos somos”. Ela exprime o reconhecimento de um vínculo universal de compartilhamento que conecta toda a humanidade, no sentido de sermos pessoas através de outras pessoas” (DISKIN, 2008, p.21). É utilizada no Das Pretas, a fim de demonstrar que o empoderamento das mulheres negras envolvidas somente se realiza na coletividade, daí afirmarem que seja “empoderamento afrocentrado no coletivo”.

[...] O coletivo começou depois do Encontro Das Pretas. Teve a primeira edição do Encontro Das Pretas... e logo depois do Encontro Das Pretas surgiu a necessidade de ter um coletivo pra gente continuar fazendo os encontros...pequenos encontros. Tá juntando mais mulheres e conhecendo novos espaços. Ele surgiu depois do primeiro Encontro Das Pretas.

Outra entrevistada, que chamaremos de Mariana, membro da diretoria do IDP, descreveu o IDP como

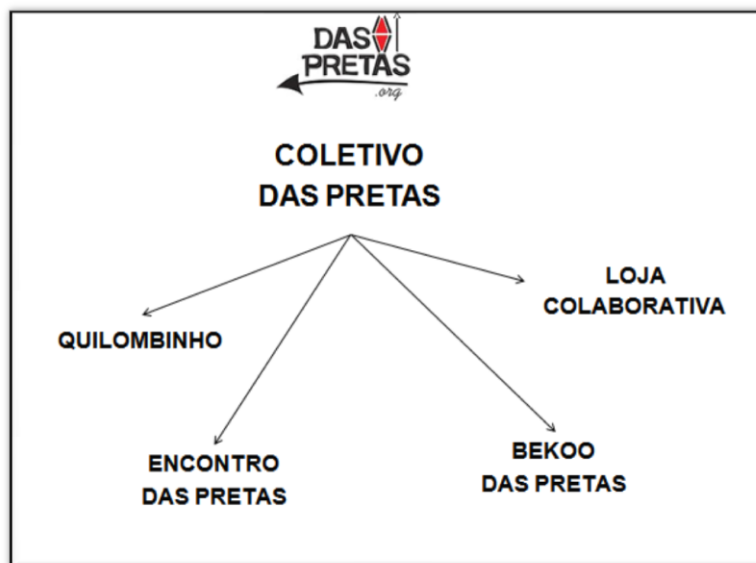
[...] uma organização...no organograma (faz gesto com as mãos para ilustrar) ela é uma organização... e aqui (sinal com as mãos) tem várias pontinhas assim né... que faz dela essa grande organização. Que é o Coletivo, o Encontro, o Quilombinho, o Bekoo²⁷

Corrigida por Natália, outra entrevistada, que afirma que o Coletivo está no topo desse organograma, e a partir do Coletivo se constituem todas as outras atividades envolvidas. Segundo Natália, a Institucionalização do grupo serve para possibilitar a entrada do Coletivo em novos espaços, onde a formalização é necessária. Como podemos ver no trecho a seguir, retirado da entrevista realizada:

[...] Tipo assim... porque... quando a gente vai falar, institucionalmente em outro espaço para formação de professores, escola... não dá pra você ir enquanto Das Pretas, por exemplo, você vai como organização. Organização que faz essas atividades.

²⁷ Cada um dos segmentos aqui descritos será apresentado com maiores detalhes mais à frente.

Figura 1: Organograma do IDP



Fonte: Descrição de participantes do IDP.

O *Encontro Das Pretas* é um evento aberto ao público geral e de entrada gratuita. O principal objetivo é incentivar o resgate da consciência negra por meio de ações que afirmem a estética afro, refletindo sobre aspectos desafiadores para os negros no mundo contemporâneo. O evento já teve duas edições e juntou um público de cerca de 5000 pessoas em sua primeira edição. Neste evento, são apresentadas palestras e expostos produtos referentes à cultura negra. As integrantes continuamente afirmam ser esse o projeto primeiro do coletivo, que deu origem posteriormente à loja colaborativa, porquanto o coletivo “*sentia a necessidade do público de ter contato com esses afroempreendedores aqui no Estado*”²⁸. O grande público, presente na primeira edição, motivou assim a criação da loja colaborativa.

O *Das Pretas Colab Store*, a loja colaborativa do Instituto, estimula e apresenta os produtos de afroempreendedores brasileiros, e está localizada na sede do IDP, cujo endereço foi anteriormente descrito. Em sua descrição no site oficial, ressalta-se a ligação entre o passado e o futuro, por meio de “toda sorte de

²⁸ Afirmação de Priscila em entrevista sobre o afroempreendedorismo. Disponível em: <http://www.msn.com/pt-br/noticias/watch/conhe%C3%A7a-o-das-pretas-e-a-vis%C3%A3o-de-priscila-gama-sobre-o-afroempreendedorismo/vp-AAkqv7O>. Acessado em: 07/01/17.

produtos” capazes de conectar a consumidora à estética ancestral. Segundo Natália:

[...] o Encontro Das Pretas já tinha um espaço reservado para afroempreendedorismo [...] então o afroempreendedor... ele vinha para esse evento específico. Então, como tinha muita demanda pro Encontro, a ideia foi criar um espaço para que as pessoas pudessem deixar esses produtos fixos. Até então não tinha, aí foi a porta de entrada pra este público né... específico. [...]. Então, essas pessoas que participam do Encontro deixam suas peças aqui. A gente tenta fortalecer a questão do próprio Estado, valorizando os afroempreendedores daqui, mas tem também do Rio de Janeiro, São Paulo que deixam as peças. Então a gente tem ali um espaço reservado para cada um. E no Encontro tem mais opções.

Vale ressaltar que a sede não é só a Colab, esta é um dos projetos ali desenvolvidos, outros como as rodas de conversa (“Papo de Preta”, como denominado pelo grupo) também são realizados no mesmo lugar.

O *Quilombinho* é uma colônia de férias de conteúdo afrocentrado. Conforme a descrição no site²⁹, o Quilombinho visa

Proporcionar às crianças negras um espaço de trocas e convivência, no qual possam construir de forma saudável as suas identidades, entendendo elementos sociais e culturais que estão presentes na cultura afro-brasileira, promovendo diálogos sobre a negritude e oficinas de autoreconhecimento, ampliando os olhares infantis sobre a diversidade étnica brasileira não representada pelos veículos formadores de opinião; E por último, desenvolver brincadeiras, brinquedos e contação de histórias que resgatem a cultura afrobrasileira e empoderem as crianças negras a partir do conhecimento e reconhecimento da história e trajetória de seus ancestrais.

A realização deste evento, pela primeira vez, em julho de 2016, gerou algumas controvérsias pouco antes de seu início. Pelas redes sociais, as organizadoras foram taxadas como racistas, por estarem realizando um evento aberto somente a negros. Na página oficial do grupo, foram feitos esclarecimentos sobre isso, apresentando que se tratava de um evento aberto a qualquer criança, porém, de conteúdo afrocentrado.

²⁹ Disponível em: <https://www.daspretas.org/quilombinho>. Acesso em: 10/06/16.

O *Bekoo Das Pretas* é uma festa organizada pelo coletivo e tem por objetivo ser um espaço de integração e fortalecimento da cultura negra urbana. Em matéria publicada no *Século Diário* acerca do evento, afirma-se que:

A proposta se assemelha aos antigos bailes norte-americanos – e posteriormente o início dos bailes cariocas de funk – que juntavam em grandes espaços b-boys, DJs e muita BlackMusic, onde as comunidades negras frequentavam em peso estampando roupas, cabelos e visual de valorização à cultura negra³⁰.

Em uma postagem no blog *Alma Preta*, uma das componentes do coletivo afirma que a ideia do Bekoo

[...] é muito simples, música de preto, em bairro de preto, entrada barata, bebida mais barata ainda e um show de beleza e aconchego em um mesmo local. Na festa é possível ver pessoas de todos os gêneros de todas as cores, da cidade, do interior e até de outros estados [...]. Lá você também encontra mães acompanhando filhos adolescentes, avô acompanhando netos, todos são bem vindos. A característica principal da festa é proporcionar um ambiente de liberdade, resistência e muito respeito³¹.

A festa, além dos propósitos citados, é também uma forma de geração de renda para o coletivo. O dinheiro levantado nessas festas é utilizado, conforme informação das integrantes do grupo, para sustentar as demais ações do coletivo. A segunda versão do Quilombinho (em janeiro de 2017) foi em grande parte sustentada pela verba levantada no Bekoo. Conforme Priscila, em seu site pessoal:

³⁰ Disponível em: <http://seculodiario.com.br/32289/17/como-num-resgate-dos-antigos-bailes-cariocas-ijbekoo-das-pretas-ij-vai-ganhando-a-graca-do-publico-em-vitoria>. Acesso em: 10/03/17.

³¹ Disponível em: <http://www.umapretacapixaba.com/single-post/2017/01/18/%C3%89-som-de-preto---Rol%C3%AA-Bekoo-das-Pretas>. Acesso em: 20/02/17.

[...] Vale lembrar que a festa é uma forma (na verdade a principal forma) de arrecadação de fundos para o Instituto das Pretas. Todo valor arrecadado é voltado pra subsidiar o pagamento do aluguel da Sede da Organização e suas ações afirmativas. Então, antes que vocês comecem a achar que nós estamos ficando ricas, lembrem-se que NÃO, ESSE DINHEIRO É DO DAS PRETTAS, e o Das Pretas tem um gasto mensal altíssimo³².

Deste modo, o IDP é uma organização da sociedade civil, visando à promoção da cultura afro-centrada, com vistas à elevação social e econômica de mulheres negras e suas famílias, pautada no conceito unitário de empoderamento que se reforça pela via estético-política e empreendedora na construção de uma identidade que se afirma coletivamente.

Conforme as informações disponíveis no site do IDP, o Coletivo possui aproximadamente cem mulheres associadas em diversas cidades do Estado. Seu principal modo de ação consiste na formação de mulheres negras, por meio de palestras e encontros de cunho mais “intimista”, conforme a descrição no site oficial do instituto. Alguns desses encontros foram gravados e estão disponibilizados na internet.

Conforme a presidente do IDP, as ações do coletivo se dão pelas mídias sociais, razão pela qual, neste trabalho, utilizarei a internet como um dos meios de pesquisa para o acompanhamento do grupo. A descrição do Coletivo no site apresenta de forma genérica o que pensam e o modo de ação deste coletivo. Tal qual lá se descreve, o Coletivo vai às diferentes cidades do Estado *“chamando mulheres negras capixabas a uma reflexão sobre o nosso posicionamento, nossas preocupações, sofrimentos e alegrias, os planos para o futuro e os caminhos que precisamos percorrer para realizá-los”*.

2.3 - A QUE SERVE ESTE COLETIVO?

³² Disponível em: <http://priscilagama.com.br/priscila-gama-bekoo-das-pretas-e-essa-mania-de-sermos-orgulhosx/>. Acessado em: 04/04/2017.

Com a descrição apresentada anteriormente, passamos agora a observar os objetivos deste coletivo. Aqui se utilizará informações retiradas do artigo cedido por Natália, do *site* do coletivo, o documento que declara a natureza do grupo, assim como alguns fragmentos de entrevistas realizadas.

Nas bases dessa organização, encontram-se descritos os modos de ação e objetivos do Das Pretas. Este documento, que trata da natureza do grupo, foi cedido pela presidente do mesmo, e apresentam a:

- 1) Promoção da assistência social;
- 2) Promoção da Cultura;
- 3) Promoção Gratuita de Educação e Formação Técnica;
- 4) Promoção do Voluntariado;
- 5) Promoção do desenvolvimento econômico e social em ações de afroempreendedorismo e rede de consumo diferenciado;
- 6) Promoção de combate à pobreza;
- 7) Promoção de direitos estabelecidos, construção de novos direitos e assessoria jurídica gratuita de interesse suplementar;
- 8) Promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais;
- 9) Estudos e pesquisas, desenvolvimento de tecnologias alternativa, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos que digam respeito às atividades mencionadas.

As ações citadas no tópico anterior organizam e são o meio pelo qual os objetivos acima citados realizam-se. No artigo enviado por Natália, uma das entrevistadas é Priscila, que aqui aponta ser possível que uma mulher seja “*cem por cento empoderada*”. Esse empoderamento “*total*” implica uma tomada de consciência do processo vivido no corpo por meio de cuidados estéticos, e pode ser compreendido em oposição ao mero cuidado com a própria imagem e

utilização de elementos culturais que remetam à ancestralidade³³ negra. Em outro momento, Priscila diz que não é possível uma mulher ser “cem por cento empoderada”. A expressão é, portanto, apenas retórica, e visa reforçar, no texto aqui citado, que o empoderamento estético não deve servir apenas à elevação da autoestima³⁴.

[...] Temos como exemplo aquela pessoa empoderada esteticamente. Assume os cabelos naturais, as roupas afrodiaspóricas, mas apenas como uma capa de empoderamento. O empoderamento é um processo, por isso, prefiro mencionar que o DasPretas é um veículo **conscientizador, que proporciona conhecimentos e saberes** (grifo nosso).

A presidente da organização considera o Das Pretas como um veículo para o empoderamento feminino negro, ao oferecer ferramentas que auxiliem mulheres em sua afirmação estética, assim como profissional. Empoderar-se é compreendido como um processo contínuo de solidariedade feminina, autoaceitação e incentivos às práticas que possibilitem a autonomia econômica.

Empoderar-se, portanto, é visto aqui como um processo contínuo, que inclui uma disciplina da consciência assim como a autonomia econômica. Neste processo faz-se necessária a apropriação de conhecimentos e saberes, que o Das Pretas, por sua vez, visa oferecer e estimular. Sobre os passos deste

³³ Oliveira (2011) defende que a ancestralidade “[...] é uma categoria analítica que se alimenta da experiência de africanos e afrodescendentes para compreender essa experiência múltipla sob um conceito que lhe dá unidade compreensiva, sem reduzir a multiplicidade da experiência a uma verdade, mas, pelo contrário, abre para uma polivalência dos sentidos” (p. 4).

³⁴ Vale ressaltar que, na entrevista realizada e em outros textos e vídeos, a distinção entre cuidados estéticos e assumir a identidade negra são apresentados em oposição. Isso revela uma desconfiança no interior do coletivo a respeito dos processos mercadológicos de afirmação das diferenças. No entanto, isso se apresenta de forma ambígua, uma vez que também é celebrada a presença cada vez maior da estética negra na mídia e estimulada a mudança de visual entre mulheres negras, apresentada por vezes como “uma revolução dos cachos”, sem que se lhes pergunte o “motivo” de tal mudança, ou se a isto segue algum tipo de engajamento político institucional. A aparente contradição pode revelar apenas a falta de amadurecimento sobre questões acerca da corporeidade. Desse modo, a distinção entre o político e o estético que aparece nas reflexões do coletivo podem ser compreendidas como elucubrações em busca de uma formulação teórica mais sistematizada, que podem apresentar contradições, porquanto ainda se estão processando, variando de acordo com a pauta da conversa em que se inserem.

processo, nota-se também mais a frente no citado texto. Quando ressaltada a fala de uma trançadeira³⁵, que aqui será descrita como Mônica, podemos perceber melhor o modo como se compreende esse processo de empoderamento entre as participantes do Coletivo:

[...] A pessoa pode ter o cabelo natural e crespo. Mas ela também pode saber a **real motivação** em aceitá-lo, ter orgulho de suas raízes e adentrar esse processo, que é realizado a longo prazo (grifo nosso).

A "real motivação" de se ter um cabelo natural e crespo é o orgulho de suas raízes e história. Nesse processo em busca da motivação correta, inserem-se as atividades do grupo. É possível identificar aqui um modo de pensar o ser negro em forma de escalada, o que pressupõe um lugar de chegada, um "para quê" do empoderar-se. A própria metáfora quantitativa citada anteriormente (sobre o percentual de empoderamento de alguém) confirma isso. Assumir a identidade negra ora é apresentado como a adesão a um discurso, pressupondo que assumir a estética já não seja em si um discurso. Nesse sentido afirma-se uma certa essência do ser negro, confundido, por vezes, com o (discurso) militante. Destaco aqui o conteúdo de um dos vídeos de Priscila, onde fala sobre empoderamento. Em tal vídeo, ela crítica as pessoas que assumem a estética negra sem carregar o discurso³⁶.

Dentre as atividades que visam corrigir tal motivação, alinhando discurso e renovação estética, temos as culturais, de resgate da autoestima, de empreendedorismo. A atividade de **Mônica** é um exemplo disto. Ela descreve a importância de seu ofício nesse processo.

[...] O fazer da trancista ou trançadeira permite a conexão com a ancestralidade, gerando a mulheres o sentimento de fortalecimento e pertencimento. As tranças passam a ter importância como mudança de pensamentos, atitudes, são

³⁵ Uma cabeleireira especializada em tranças afro. A citada trançadeira herdou o ofício de sua mãe.

³⁶

Disponível

em:

<[youtube.com/watch?v=d1E3iRVes2c&index=1&list=PLR7J04Hnu02KVGSeHwc9xd8MZG1qKnm5r](https://www.youtube.com/watch?v=d1E3iRVes2c&index=1&list=PLR7J04Hnu02KVGSeHwc9xd8MZG1qKnm5r)>. Acessado em: 05/10/16.

abertos horizontes por meio da influência da cultura afro brasileira.³⁷

A principal motivação, portanto, deve incluir o sentimento de fortalecimento e pertencimento entre as mulheres negras, que passam a ter horizontes abertos por influência dessa cultura. Aqui podemos perceber uma continuidade com o paradigma de negritude e de uma consciência negra presente no MN a partir dos anos 1980. À época, a afirmação das raízes africanas, referência a figuras históricas de proeminente luta, e o apelo a afirmação da estética negra era de extrema importância. Oliveira (2016) comentando sobre o legado do professor Cleber da Silva Maciel e a herança dos movimentos negros urbanos na capital capixaba, cita o ponto de encontro da negritude, o restaurante universitário, localizado no centro de Vitória (Espírito Santo), à época. Este veio posteriormente a tornar-se a Casa da Cultura, lugar de reuniões e instalações de organizações culturais e de movimentos negros. Os encontros do professor Cleber e das lideranças negras, se estendiam do restaurante para as casas de militantes e simpatizantes da causa. A descrição desses encontros é relevante para nós nesse momento:

Essas casas se tornaram lugares e territórios demarcados culturalmente por esse segmento étnico negro, locais para onde os militantes se dirigiam com suas vestes coloridas, seus eketés (ou filás) na cabeça e as mulheres com seus penteados que demarcavam o pertencimento à negritude. Essas casas de encontro eram locais de afirmação da identidade negra, pois ali ouviam e cantavam músicas consideradas negras, preparavam pratos típicos das culinárias africanas e afro-brasileiras para as festas que traziam outras pessoas para “a causa da negritude” e realizavam leituras coletivas de textos sobre as histórias, lutas e culturas dos países e personalidades africanas e afro-brasileiras (OLIVEIRA, 2016, p. 240).

A afirmação da negritude e a busca por atrair adeptos à causa, reafirmando a cultura negra é ponto comum com o IDP. Desse modo, observamos o processo pelo qual alguém adere à causa, o que aqui se apresenta como o citado real sentido. Destacamos outro trecho do citado texto de Natália, que descreve

³⁷ O texto foi aqui reproduzido tal qual se encontra no artigo de Natália.

mais detalhadamente o processo de empoderamento vivido por essas mulheres.

O empoderamento ocorre quando a mulher negra é encorajada a assumir sua ancestralidade e isso é **comprovado** principalmente por meio de sua representação estética natural como os cabelos crespos e volumosos. Ela **dispensa qualquer procedimento estético que utiliza alisantes capilares e até mesmo procedimentos para afinar o rosto ou o nariz**. Uma das características mais importantes no momento de reconhecer o **processo de empoderamento** é quando percebe-se que a mulher negra passa a **se gostar naturalmente**, assumindo sua etnia sem pudor e com orgulho (grifo nosso).

A adesão à causa “sem pudor e com orgulho” deve permear a experiência vivida. Esse processo de empoderamento traz, portanto, alguns sinais que são observáveis, comprováveis, como o gostar de si naturalmente desenvolvido a partir de uma aceitação de seus traços. O coletivo parece defender que uma mulher com baixa autoestima não acreditará em suas potencialidades e sabotará a si mesma em suas realizações. A confiança na elevação da autoestima dessas mulheres aponta para uma possibilidade de empoderamento econômico.

Nesse sentido é que a superação da vergonha de si ou do repúdio e ódio à própria imagem está na agenda da disciplina corporal promulgada pelo Coletivo Das Pretas. Destaco que o grupo promulga um “empoderamento estético afrocentrado no coletivo³⁸”, ou seja, carrega referências à ancestralidade, ao mesmo tempo em que valora a estética no tempo presente por meio do mútuo apoio entre as mulheres negras. Como citado acima, as ações do Coletivo são, em última instância, orientadas por esses propósitos.

O incentivo ao consumo negro é um dos modos mais importantes de empoderamento defendidos pelo coletivo. Em entrevista, ao falar do consumo

³⁸ Essa frase parece ser um lema do coletivo, repetida inúmeras vezes por Priscila nas reuniões. Consiste no apoio mútuo na busca por reafirmação de uma estética pautada na ancestralidade. O processo de aceitação de si é compreendido como árduo e só se torna possível pelo apoio de outras mulheres.

negro, Natália e Mariana defendem que esta seja uma forma de empoderamento.

[...] Por exemplo, quando eu vou lá na Cássia [possui um salão de beleza]...sei lá...lavar o cabelo. Eu não vou lá porque pra mim o preço é mais em conta, eu vou lá porque eu tô empoderando a minha irmã. Sacou? E, para além disso, eu vou lá... o dinheiro... a gente fala é o Black Money [...] o dinheiro que eu dou lá eu tô comprando a história dela, comprando [...] então, para além de um serviço pelo serviço. Quando a gente pensa na rede [...] do consumo preto, do consumo empoderador e tudo mais. Quando a gente pensa a questão da autonomia [...] a maioria ali são mulheres [...] e aonde que gente pensa mais quando a gente fala da autonomia da mulher é a questão financeira [...] nenhuma mulher consegue ser autônoma quando ela tá ali vinculada à figura masculina [...] que seja (Mariana).

E Natália segue afirmando como isso se materializa em um dos projetos do coletivo, a loja colaborativa.

[...] E é uma forma de empoderamento. Acho que esse é o meio que a Colab ajuda, porque o microempreendedor [...] eles tem dificuldade de abrir um pequeno negócio. É um custo [...] ainda mais no momento de crise [...] é um custo muito alto ter que abrir um espaço, ter capital de giro para se manter [...] se estabelecer quanto marca. E aqui você consegue ter o seu espaço por um custo muito menor. Você paga o valor mensal, que é simbólico mesmo [...] e “x” por cento em cima do valor das vendas. Ainda assim é muito pouco. O maior lucro é seu. Porque a gente não revende a sua peça, a gente vende pra você. Não vou pegar sua peça de 80 reais e vender por 100. Vou vender pelo preço que você falar que é pra vender. Entendeu? Então essa é uma ideia de [...] até mesmo de ajudar. Se você não tem um espaço físico onde você pode se estabelecer. Esse é um meio de você colocar seu produto no mercado e a gente vender pra você, entendeu?

O esforço aqui foi de aproximar o leitor do coletivo Das Pretas, enfatizando sua estrutura, objetivos e modos de ação. No capítulo a seguir, buscarei fazer uma leitura analítica deste movimento, nomeando seus espaços e sugerindo categorias de análise a serem discutidas no capítulo 3.

CAPÍTULO 3

ESPAÇOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Conforme Magnani (2002) há regularidades e ordenamentos particularizados observáveis, que certamente não são universais, nem por isso, devem ser perdidos numa massificação híbrida na análise de uma cidade. O comportamento dos atores sociais, no interior da cidade, possui padrões. Os padrões observados nessa pesquisa de campo serão aqui relatados de modo a constituir categorias específicas onde o estudo do objeto será possível. Caberá aqui demarcar as duas principais categorias de análise, a saber, "Corpo e natureza" e "Afroconsumo". A primeira remete-se à relação estabelecida no coletivo pelo que se compreende como empoderamento a um nível tanto individual quanto coletivo, que se desenvolve tendo como plano de fundo uma ideia de ancestralidade. Realizo reflexões sobre os conselhos e modos de apoio realizados nas ações do grupo, os quais se relacionam com a noção de memória e experiência. A segunda categoria é útil para compreender as estratégias de empoderamento econômico, promulgadas pelo Das Pretas, as quais atribuem um valor ético ao ato de consumir, buscando promover fidelidade e fortalecimento mútuo entre empreendedores e consumidores.

Além de tratar as categorias, caberá aqui discorrermos sobre o significado dos espaços construídos pelo coletivo, considerando suas diferentes inserções na cidade (definimos tais espaços como espaços de *formação* ou *formativos*, compreendendo que suas diferentes ênfases formativas se apresentam nas subcategorias dos espaços de ênfase *recreativa* e de *protagonismo ou visibilidade*). Para tanto faremos uso das experiências extraídas do diário de campo e a participação junto ao coletivo em suas atividades.

As categorias de análise aqui apresentadas foram extraídas da pesquisa de campo, na observação participante das atividades do grupo e informações cedidas pelas participantes do mesmo, além de informações encontradas em *sites*. Notar-se-á que grande parte do material utilizado refere-se à presidente da organização e fundadora do coletivo Das Pretas, Priscila Gama. A ênfase na

pessoa de Priscila é resultante de sua marcante atuação no grupo e do reconhecimento por parte do próprio coletivo do caráter representacional de Priscila. A atuação na *internet* e a representação do coletivo na mídia capixaba nos forneceu uma quantidade satisfatória de material para análise. O discurso do coletivo será aqui compreendido, levando-se em consideração as reflexões de Bardin (1977). A escolha dos materiais a serem analisados se deu num segundo momento, tendo antes sido marcado pela observação participante, focalizando as ênfases e repetição de temas no interior do grupo, buscando compreender suas referências e estrutura. No decorrer desse processo é que se abriram hipóteses e possíveis relações para análise, tornando a busca mais direta. Aí é que recorremos aos textos de Priscila Gama em seu *blog* pessoal, assim como vídeos em seu canal no *youtube* e entrevistas cedidas a jornais locais. A isso se associa a análise dos temas e abordagens das palestras ministradas pelo coletivo.

Do site de Priscila³⁹, foram separados para leitura e análise os textos organizados nas *tags*⁴⁰ *Afro*, *Empoderamento*, *Encontro das pretas*, *Encontro e Movimento Negro*. A seleção destes textos coaduna-se aos objetivos desta pesquisa. Além disso, a busca no *blog* pessoal de Priscila levou em consideração o que havia ali em referência ao coletivo Das Pretas e não aspectos ligados somente à figura de Priscila.

Os materiais cedidos por uma das integrantes do coletivo, responsável pela comunicação, também se constituíram como elementos para análise, tanto o artigo escrito por ela, a entrevista produzida para seu trabalho na faculdade de jornalismo (vídeo) e alguns *links* de entrevistas e *blogs* que tinha o Das Pretas como tema. Esses materiais foram úteis para a compreensão do modo pelo qual se organiza o coletivo e o que caracteriza seus produtos sociais (os projetos que o coletivo possui são também produtos, que são apresentados a empresas privadas em busca de patrocínio, embora a maior parte do sustento de suas ações derive das festas que o coletivo organiza). O material desenvolvido em meu diário de campo a partir das observações feitas durante

³⁹ <http://priscilagama.com.br/>.

⁴⁰ Palavra-chave que une textos dentro do blog, tornando mais fácil sua busca.

trabalho junto ao coletivo auxiliou tanto na composição das categorias analíticas, quanto para descrever os *espaços* construídos pelo coletivo.

Neste capítulo será tratado o espaço e as categorias de análise. Isso representa de um modo, a cronologia da pesquisa, sendo que, inicialmente, ocupei-me de acompanhar o coletivo em suas atividades, aproximando-me de seu cotidiano em busca de elementos para, enfim, compor as categorias analíticas. Deste modo, após termos visto, no capítulo anterior, a estrutura e os objetivos do Das Pretas, passaremos agora a observar o modo pelo qual o coletivo se integra na vida cotidiana da cidade de Vitória, constituindo espaços de afirmação identitária e desenvolvimento da cultura negra urbana. O conteúdo das proposições do Das Pretas será analisado em seguida, com a discussão em torno das categorias de análise.

3.1 SOBRE OS ESPAÇOS DE AÇÃO DO DAS PRETAS

As estratégias formativas do Das Pretas, que serão a seguir demonstradas, apresentam-se nos diferentes projetos que o grupo coordena. Em nossa observação, concluímos que cada um desses projetos possui ênfases distintas, aqui identificadas como três. A primeira ênfase volta-se para a formação de caráter pedagógico, onde os momentos são pensados dentro de uma determinada prática didática, com objetivos e estratégias bem definidas antes da realização. A segunda, de cunho social, visa promover a unidade da comunidade negra pela socialização, proporcionando um espaço de produção de corpos e fortalecimento de identidade. E a terceira ênfase, que aposta num tipo de formação para a ação política, garantindo a representatividade e reivindicando nos lugares públicos.

Todas as ações do coletivo preconizam o protagonismo das mulheres negras e acentuam a temática como propósitos do coletivo. Embora com ênfases distintas, os projetos realizados pelo Das Pretas possuem características comuns (como a representatividade e o incentivo à produção de corpos que

fujam à regulação, por exemplo), o que pode fazer com que percebamos como desnecessária a distinção aqui feita. No entanto, acreditamos que a divisão em sub tópicos apresentará ao leitor uma clareza maior sobre o que encontramos no campo, proporcionando-lhe a entrada nesse coletivo por meio dessas linhas, sendo assim também um modo de descrever os detalhes do campo a quem não esteve lá, o que de igual forma nos auxiliará nas análises.

3.1.1 ÊNFASE DIDÁTICO-FORMATIVA

Essa seção inicia-se com a apresentação do que chamaremos de *espaços didático-formativos* do Das Pretas. Embora compreendamos que os diferentes espaços de ação do coletivo carregam um caráter formativo, nesse primeiro momento atentaremos para aquelas ações que são orientadas didaticamente. Estes são as oficinas, palestras e rodas de conversa, conduzidas pelo coletivo, assim como a colônia de férias Quilombinho. São assim caracterizados aqui por terem uma intencionalidade pedagógica orientada, voltando-se para o público negro (mulheres e seus filhos, especialmente).

As palestras, oficinas e o Quilombinho normalmente são abertas ao público. Em geral, as rodas de conversas, como já citado, possui um teor mais intimista, possibilitando o diálogo sobre temas particulares e estimulando a participação das envolvidas, seja pelo relato de suas histórias pessoais, ou pela argumentação de seus ideais, isto faz com que o público alvo seja mais restrito às mulheres negras. É importante apresentar aqui que, embora sejam espaços voltados para mulheres negras, minha presença foi bem recebida nesses ambientes.

A seguir, descreverei as impressões extraídas de minha participação nesses espaços ressaltando o público participante e que tipo de sociabilidade se realizara ali. Tenho como pano de fundo as reflexões de Magnani (2002; 2009; 2016) sobre etnografia em espaços urbanos.

O segundo Quilombinho promovido pelo Das Pretas superou em muito sua edição anterior, com uma participação maior de voluntários e uma estrutura pedagógica bem mais desenvolvida pelas organizadoras do evento. Ao contrário do anterior, aconteceu uma reunião prévia com os voluntários e foram-lhes passadas instruções sobre como fora pensado o evento. As oficinas foram, desse modo, preparadas com mais zelo e objetivos melhor definidos. Os horários igualmente foram respeitados e a avaliação foi constante. As voluntárias sentiram-se satisfeitas pelo trabalho e atuavam de forma alegre e responsável. Ressalto a conversa que tive com uma voluntária a caminho do MUCANE⁴¹ no terceiro dia de evento. Não nos conhecíamos. Ela é uma mulher branca. Conversávamos sobre o envolvimento com o IDP. Ela disse que não conhecia o grupo antes, mas ao ver a ideia da colônia de férias, resolveu voluntariar-se. Perguntei-lhe o motivo, ao que respondeu que desejava “*fazer a diferença no mundo*”.

A atividade voluntária traz um senso de importância que permite pensar a ação como significativa e transformadora. Tal ação tenta responder a duas perguntas: uma referindo-se ao valor (Por que sou importante?) e outra à nossa ação (Posso fazer alguma diferença?). O voluntariado é bastante enfatizado no Das Pretas, tendo sido, inclusive, a porta de entrada para minha aproximação junto ao coletivo.

O Quilombinho é significativo, quanto ao modo de produção de saberes a serem utilizados pela pedagogia. O fato de ser organizado por mulheres negras, que buscam pensar a educação de seus filhos e filhas, numa ação conjunta, potencializa a ação. Muitas voluntárias levaram seus filhos e filhas para o evento. Trata-se de um modo de educação compartilhada, buscando reafirmar os valores de sua negritude. Ao convidarem negros atuantes na cultura urbana, como professores de capoeira, *breakers* e grafiteiros, as meninas dão voz a grupos poucas vezes ouvidos por outras instituições de ensino. Acredito que esse tipo de ação seja capaz de oferecer propostas e questões interessantes para quem se debruça sobre o trato da educação

⁴¹ Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”, localiza-se no centro da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. É um local de pesquisa e valorização da memória da cultura negra.

formal. Esse ato de congregar diferentes pessoas na organização e produção desse evento demonstra o interesse do coletivo por colocar os negros e negras em ação e auxiliá-los a encontrarem seu lugar no mundo.

Essa ação demarca uma importante participação na construção de sua identidade a partir de um dado setor da sociedade. Esse direito à discriminação⁴² (ARENDT, 2004) por parte das mulheres negras deste coletivo se embasa na constatação de que suas crianças se encontram num *não-lugar* nas instituições escolares formais. Embora a acusação (feita por algumas pessoas pelas redes sociais durante a divulgação do evento) de que o Quilombinho reforçasse o racismo, por restringir-se a crianças negras, temos que frisar que a criação de um espaço de ensino organizado por mulheres negras para crianças negras, no museu do negro, não pode ser considerado um ato de discriminação política, mas um necessário ato de fortalecimento social.

Como ambiente formativo, forneceu ainda possibilidade de reflexão àquelas que, dentro do coletivo, possuem a intervenção social e pedagógica como carreira profissional. O desejo de pesquisar sobre educação e negritude, assim como conduzir suas monografias e dissertações voltadas para o tema fora despertado por causa do evento, conforme o relato de algumas voluntárias. Deste modo, sugiro que enxerguemos nessas ações espaços de descobertas de potencialidades, que não somente recorrem ao desenvolvimento individual, mas encontra seu lugar no serviço ao grupo pertencente. É a tradução do que o coletivo denomina como Ubuntu.

Dentre outras coisas, esses *espaços didático-formativos* visam estimular as mulheres a assumirem suas funções como uma vocação libertadora de seu povo frente os dilemas do preconceito social. Isso desperta uma atenção aos sinais de preconceito (de gênero e racial) presentes nos distintos locais de

⁴² “[...] a discriminação é um direito social tão indispensável quanto a igualdade é um direito político. A questão não é como abolir a discriminação, mas como mantê-la confinada dentro da esfera social, quando é legítima, e impedir que passe para a esfera política e pessoal, quando é destrutiva” (p. 274). Arendt vê esta discriminação como um direito à livre associação entre pessoas de um determinado grupo social, o que não altera a igualdade política e a liberdade privada das pessoas.

trabalho em que se inserem. O senso de vocação resgata a força na disputa, ergue nos momentos de crise e dúvida, encoraja e estimula a realização de projetos. E quem vocaciona? O povo negro, espoliado e rejeitado nas diversas áreas da sociedade. Essa noção de *vocação* marca constantemente as reflexões no interior do grupo e nota-se nos espaços didático-formativos, principalmente nas palestras do coletivo, Quilombinho e rodas de conversa. Noutro momento, Priscila ressalta que se sente como “*uma pastora da Igreja Universal*”, ao levar o evangelho do empoderamento feminino negro, e estimular a utilização dos “dons” dos negros em sua inserção na sociedade.

Outro espaço do qual participei e que cabe citar neste ponto, foi o *Papo Das Pretas*, uma ação realizada pelo coletivo, ocorrida no dia 06/04/2017, às 19 horas, na nova sede⁴³ do Das Pretas, com o tema “hipersexualização do corpo feminino”. Tendo visto o anúncio do evento nas redes sociais, fui até o local sem avisar previamente. Chegando lá é que pude ver que o encontro se tratava de um espaço voltado somente para mulheres e que carregava o clima de intimidade proposto pelo coletivo. Não era somente um ciclo de palestras, como eu havia pensado, mas um espaço para troca de experiências e fortalecimento mútuo.

O espaço congregava mulheres de diferentes inserções na sociedade e o coletivo busca, nesse momento conectar essas mulheres, identificar suas funções e ações. Foram bastante incentivadas a assumirem seus papéis sociais, como forma de responsabilização pelas outras que não estão em seus lugares, tornando-se exemplo para suas “manas”. É forte a consciência de que, onde uma delas encontra-se, as outras também estão. Isso é o que defendem por representatividade. Exortaram-se a alegrar-se com as conquistas de outras mulheres negras e lembrarem-se delas quando realizarem suas próprias conquistas.

Estavam presentes cerca de vinte mulheres, entre estudantes do Ensino Médio, universitárias e profissionais. A maior parte delas moradoras de regiões distantes do centro da cidade de Vitória e que, aparentemente, circulam

⁴³ Em março de 2017, a sede física do Das Pretas foi oficialmente modificada para a rua Gama Rosa, nº 194, também no centro histórico da cidade de Vitória, como o endereço anterior.

bastante pela sede do coletivo. Havia mulheres que participavam pela primeira vez de um desses encontros e também três mulheres mais velhas, militantes de longa data do Movimento Negro Unificado.

Apesar da estranheza em ser o único homem ali, fui bem acolhido. Essa estranheza pode-se notar nas primeiras falas. Por três ou quatro vezes, ao comentarem sobre a vida sexual feminina, as mulheres se remeteram a mim com um pedido de desculpas. Numa destas vezes, Priscila interrompeu exclamando que não era necessário se desculpar para mim e contou a todas que eu era um pesquisador e que vinha acompanhando o grupo “desde o início”. Com o passar do tempo, as mulheres sentiram-se mais a vontade para seguir falando sobre suas experiências pessoais, frustrações afetivas e tabus em relação ao próprio corpo e sexualidade. Busquei manter uma postura de escuta atenta. Não comentei coisa alguma e procurei ouvir o que elas falavam com atenção. Este espaço foi para mim extremamente produtivo. Não fosse a aproximação e a pesquisa, não haveria possibilidade de me encontrar naquele lugar. Certamente fora um momento enriquecedor.

Como dito anteriormente, havia mulheres mais velhas no evento, militantes antigas no Movimento Negro organizado de Vitória. Suas falas tiveram peso considerável entre as mais jovens, que manifestaram reverência e entusiasmo por sua presença entre elas. Uma dessas mulheres mais velhas afirmou-se lésbica e relativizou o discurso sobre o que é ser um corpo negro sedutor para ela. Sua fala deu abertura para pensarem a solidão da mulher negra, abandonada, principalmente em sua velhice. Disparou-se uma série de falas sobre o tabu da sexualidade para o corpo feminino, inclusive a masturbação. A esse momento já haviam esquecido ou admitido totalmente minha presença no local, pois ninguém mais se constrangia ou desculpava-se antes de falar.

Falaram sobre uma possível “oficina de siririca”, ainda que em tom de brincadeira, mas considerando a seriedade do tema. A mais nova do grupo disse que isso seria necessário mesmo, pois “aprendemos a bater punheta antes de siririca”, mencionando que a mulher negra aprende a dar prazer ao homem antes de descobrir o próprio. Contou a experiência de seu namoro, e

como preferiu ficar algum tempo sem transar, e como parentes e pessoas próximas simplesmente não conseguiam conceber sua opção, por imaginarem que uma “jovem preta que namora com certeza está transando”.

Foi um momento de questionamento sobre os tabus sociais em relação ao corpo feminino negro, que serviu à multiplicidade de perspectivas sobre o tema.

Em dado momento, uma integrante do coletivo, evangélica, levantou-se e propôs interpretar uma poesia que havia criado. Nesta, afirmava que o desejo é uma criação divina, e que seria plenamente satisfeito em Deus e conforme suas leis. Isso conduziria a mulher negra a não rejeitar ou reprimir seus desejos, mas a desejar de modo correto, esperando o momento de saciá-lo. Tendo colocado a poesia recitada para tocar no alto-falante, encenou com gestos que mesclavam dança afro com poesia cristã. Foi aplaudida ao fim de sua apresentação. A diversidade do espaço chamou a atenção.

Concluimos assim que não há ali uma palavra oficial final, o foco deste espaço é a possibilidade de essas mulheres expressarem-se como quiserem, num ambiente que lhes acolha. Esse é um dos motivos pelos quais se preza pela organização voltada para as mulheres. Desejo destacar duas questões relevantes para a compreensão desse espaço de diálogo no coletivo: Que há nesse espaço que permita a permanência de posicionamentos discrepantes (vide a “oficina de siririca” e o “desejo correto do prazer sexual”)? Que aconteceria se eu fizesse qualquer uma destas propostas?

Acredito que a resposta a essas perguntas nos conduz ao elemento unificador desses espaços. Em primeiro lugar, a aceitação de argumentos discrepantes durante o evento é garantido pela pessoa que fala. De modo que não se tornam discrepantes, mas conciliáveis. Ou seja, o lugar de fala é garantido às mulheres negras. O protagonismo do coletivo é integralmente feminino negro, o que se percebe em outros espaços do Das Pretas.

O fato de eu ter me silenciado no espaço relaciona-se ao desconforto que vivi por ser o único homem ali presente, num espaço que nitidamente me era indevido. Embora quase todas as mulheres tenham falado durante o evento, e

tenham sido estimuladas a isso, eu não fui convidado a participar ativamente. Deste modo podemos observar o que ocorre em segundo lugar, ou seja, que minha presença foi aceita e até mesmo elogiada ao fim do encontro com um fator condicionante: que eu apenas observasse o encontro e a discussão. Embora isso não tenha sido explicitamente acordado, foi justamente o ponto elogiado pelas mulheres presentes ao final do encontro. O fato de eu ter “prestado atenção” e “concordado” com as coisas que foram ditas, “quietinho ali no canto” tornou possível minha presença. Obviamente, não seria possível prever como elas se organizariam para solucionar a questão se eu falasse ou discordasse em algum ponto, mas a busca aqui é por identificar o modo como essas relações estão estabelecidas ali previamente, quando o espaço foi pensado. Nesse sentido é um espaço de fala primordialmente feminina. Não há aqui juízos sobre isso, o relato é apenas descritivo. A participação dos homens nas ações do coletivo tende a ser secundária, voltadas para a estrutura dos eventos, carregar materiais, etc.

Ao fim, pela fala de uma mulher que havia chegado atrasada, pode-se perceber como esse espaço serve como um lugar de encorajamento para encarar os dilemas vividos em seus desafios cotidianos. A citada mulher contou de como enfrentou práticas racistas em seu local de trabalho e estava voltando desanimada para casa, mas, ao passar pelo encontro e ouvir as falas de outras mulheres negras, teve a esperança resgatada e o desejo de prosseguir, de modo que “dormiria mais feliz naquela noite”.

Há outras rodas de conversa como essa, que já estão agendadas pelo coletivo para esse ano⁴⁴, além disso, muitos encontros semelhantes acontecem em escolas e cidades do interior. O coletivo vê nessas ações a possibilidade de criação de espaços que permitam as mulheres negras falarem de suas questões entre si. A proposição dos temas, decididos entre as mulheres do coletivo, mostram uma preocupação em socializar o conhecimento acumulado pelas mulheres que o compõem.

⁴⁴ Na confraternização de fim de ano, em dezembro de 2016, fora anunciado o calendário que elas seguiriam agora em 2017. Esse calendário é formulado pela diretoria da organização.

O público alvo das ações formativas são as mulheres negras e suas crianças, embora, como no caso citado acima, possuam uma preocupação em instruir os homens acerca de suas questões. Para com estes, ressaltam a paciência entre si, a fim de compreenderem “os processos vividos por seus companheiros numa sociedade machista e racista”.

O outro espaço de formação que acompanhei fora o já citado Quilombinho. Minha participação nesse espaço foi acolhida não como pesquisador, como no encontro acima, mas como um voluntário durante o evento. Fui inclusive requerido para que conduzisse alguma oficina no evento, ao que declinei. Não há, portanto, qualquer restrição ao professorado presente na colônia de férias, por sua designação racial. O valor mais prezado desses espaços formativos é, factualmente, a formação, permitindo assim trocas entre grupos (de raça e gênero), desde que haja disposição ao aprendizado das questões e causa do coletivo.

3.1.2 ÊNFASE RECREATIVA

Outra característica marcante dos espaços formativos do Das Pretas é o caráter recreativo de suas ações. Também compreendidos em sua característica formativa, tendo, porém, sua ênfase na sociabilidade entre os negros, os lugares de recreação oportunizam a convivência e diálogo. São estes o Bekoo Das Pretas e os momentos de integração, confraternizações realizadas pelo coletivo, sendo o Bekoo o mais representativo. Embora essas ações também sejam pensadas como e possuam características formativas, não seguem o modelo das palestras, com características escolares e acadêmicas. Seu objetivo principal é oferecer um espaço seguro para a sociabilidade entre negras e negros, possibilitando a afirmação de suas identidades e fortalecendo a convivência entre os pares. Traz traços característicos do que Magnani (2002) denominou *pedaço*, sendo mais fechados aos não-negros, embora não implique em exclusão desses. O *pedaço* demarca um lugar que não é nem familiar (moradia) nem estranho como a rua,

mas uma área de demarcação identitária, onde acontecem trocas simbólicas de demarcação da diferença, encontram-se os iguais e exercitam-se códigos comuns “[...] e é assim que essa rede da sociabilidade vai sendo tecida” (MAGNANI, 2002, p. 22).

A festa *Bekoo Das Pretas*, é vista também como uma forma de afirmação do empoderamento dessas mulheres quanto à sua sexualidade, além de ser um espaço aberto à comunidade LGBTT. Priscila, no *Papo de Preta* (nome do evento descrito anteriormente) citou a *Koo battle*, momento de disputa de dança que ocorre nos *Bekoos*. Trata-se de disputas onde as dançarinas e os dançarinos mexem seus quadris de forma livre, criativa e sensual. Ressaltou-se a proteção à integridade das meninas que dançam nessa disputa. Priscila afirmou que quando algum rapaz tenta aproveitar-se da dança, o próprio grupo “afasta as uvas podres”. O argumento do coletivo segue na esteira de que, como o corpo da mulher negra é hipersexualizado, seu modo de vestir e dançar é visto em nossa sociedade como um convite ao sexo, razão pela qual elas buscam construir um espaço onde “bater koo” seja possível sem que a mulher seja violentada. Em suas palavras “bater koo não nos faz putas”.

Conversando com algumas amigas que frequentam a festa, perguntei-lhes o que diferencia aquela festa das outras, e a resposta que obtive demonstra bem o modo como os frequentadores do *Bekoo* aparentam sentir-se nesse espaço. Elas disseram-me que ali é um espaço de representatividade, onde negros e negras são a maioria, e as meninas podem dançar sem que os rapazes lhes assediem a todo instante. Os constantes apelos de Priscila ao microfone, com seu grito “se organizar direitinho, todo mundo transa”, demonstram que ali não há repressão às “sarradas”, no entanto, a tentativa de coerção é extremamente inibida pelas organizadoras do evento. Priscila faz constantes apelos na condução da festa para que respeitem as mulheres, e lembra que esta é uma “festa feminista”.

O *Bekoo* visa ser, portanto, um espaço de reafirmação da identidade feminina negra, onde as mulheres podem dançar e se vestir como quiserem, sem a regulação e violação masculina. Um espaço de inclusão e afirmação identitária.

Nas festas, Priscila ressalta sempre que ali é “casa de mulher preta”. A pluralidade de formas de se vestir encontrada no Bekoo é enorme. O evento valoriza e exulta a liberdade de expressão e reforça o caráter representativo.

A opção por realizar essa festa em lugares periféricos da cidade de Vitória⁴⁵ é sempre ressaltada, conforme o slogan do Bekoo: “A melhor festa de preto que você respeita”, é totalmente direcionada ao público negro. Com grande alcance (divulga-se que chegam a juntar duas mil pessoas), o lucro dessas festas ajuda a manter as ações do coletivo, além de congregar negras e negros de diferentes bairros da cidade e camadas sociais.

Embora a loja colaborativa também possa ser descrita como *pedaço*, porquanto nela acontecem conversas, atualizações e trocas de informações durante o dia, e mulheres negras circulam pela loja para simplesmente terem boas conversas, demarcando que a relação ali estabelecida não é sempre de consumo dos materiais à venda, acredito que devemos compreendê-la também sobre outro aspecto: o de protagonismo. Esse caráter ambivalente é reconhecido aqui pelo fato de a sede do Instituto e a loja colaborativa serem no mesmo espaço físico. Isto é o que apresentarei a seguir.

3.1.3 ÊNFASE NO PROTAGONISMO OU VISIBILIDADE

Neste subtópico dos espaços formativos podemos destacar como lugares de protagonismo a loja colaborativa, o Encontro e a Feira Das Pretas (eventos que ocorrem simultaneamente e no mesmo local, porém são descritos pelo grupo como independentes um do outro) e até mesmo o Bekoo. Embora o protagonismo feminino negro seja bandeira hasteada em todo instante pelo Das Pretas, esses espaços carregam uma perspectiva de centralidade mais restrita.

Esses espaços visam dar visibilidade aos trabalhos das mulheres negras e estimular sua inserção e ascensão no mercado de trabalho. Fundam-se como

⁴⁵ As festas ocorrem no bairro Caratoíra, na quadra da escola de samba Novo Império.

espaços de fortalecimento dos empreendimentos dessas mulheres, privilegiando sua atuação. Guardam-se aí lugares de protagonismo e a presença do branco precisa ser justificada, conforme o relato de uma empreendedora branca que participou da Feira Das Pretas:

Durante o evento eu ouvi muitas perguntas do tipo: “o que você tá fazendo aqui?”. E foi assim muitas vezes. Eu não tive nada muito agressivo, foram mesmo alguns olhares e alguma restrição para dirigir a palavra a mim. O último dia, eu pedi uma amiga, [...] assim: “você faz um turbante em mim?” –. Aí, depois disso, despertou muito a curiosidade das pessoas ali, muitas começaram a me cumprimentar, ficaram na dúvida, inclusive, [...] quem eu era, se eu era africana, se era de fora. Me enxergaram diferente. Além disso, uma celebridade nesse meio, uma negra, [...] ela nem fala sobre empoderamento, movimento negro, mulheres. [...] Ela simplesmente é uma negra muito forte, e eu vejo assim, é tipo uma blogueira, [...] faz muito sucesso, é patrocinada por marcas iradíssimas, só que ela é vista como a diva delas. Ela foi lá onde eu tava, tirou foto comigo. Eu nem conhecia, só que acho que ela não faz diferenciação entre as pessoas, então para algumas pessoas, esse olhar foi bom⁴⁶.

O evento descrito pela empreendedora branca é o primeiro Encontro Das Pretas. Ela relata a dificuldade de se relacionar inicialmente com as demais empreendedoras presentes na Feira, embora acentue a mudança de comportamento no segundo dia, quando utiliza um turbante feito por uma amiga que estava no evento. Embora a presença da branca exija uma justificção (“o que você está fazendo aqui?”), ameniza-se pela utilização de um turbante feito com capulana (tipo de tecido) africana. O material para o turbante foi enviado a essa empreendedora por sua irmã, que mora na África. O turbante, feito com tecido típico da África demarcou um lugar de reconhecimento e identificação necessária naquele local, o que aponta para o valor representativo concedido aos produtos que ali são comercializados.

Esses espaços formam um *circuito* afro cultural na cidade de Vitória, possibilitando a presença de diversas atrizes e atores, representantes tanto do movimento negro quanto de negros em movimento (para usar expressão de

⁴⁶ Relato exposto com a permissão da mesma.

Nilma Lino Gomes)⁴⁷. O coletivo marca presença constante nas mídias locais, e mostra-se aberto ao apoio tanto do governo quanto de setores privados na realização de suas ações.

Outra ação de ênfase no protagonismo ou visibilidade negra que observamos no Das Pretas foi a Marcha do Orgulho Crespo, a qual o coletivo foi responsável por organizar no Espírito Santo. Esse evento, iniciado em São Paulo, já se estende por outros estados do país, e se iniciou aqui por volta das 11 horas da manhã do dia 5 de fevereiro de 2017. Segue o relato de minha participação no evento e como ali se expuseram elementos interessantes para a configuração desta categoria.

A concentração ocorreu na praça Costa Pereira, no centro histórico da capital. Lá se encontravam a Guarda Municipal de Vitória, como garantia de segurança para o evento, por parte do município, uma vez que familiares da polícia militar haviam ocupado a frente dos batalhões da cidade⁴⁸. Tal paralisação deflagrou, nos dias seguintes, um dos episódios mais trágicos da história desse Estado. A equipe de reportagem que se encontrava no local, apertava os organizadores, explicando que não poderiam permanecer fixos ali, pois era a única equipe nas ruas no domingo. O clima tenso da cidade manteve os ouvidos da equipe de reportagem atentos a outros eventos que poderiam ocorrer.

Houve um atraso no início da Marcha, devido à espera pelo grupo de maracatu que estava a caminho. Nesse ínterim, os pentes garfos levantavam o orgulho e autoestima dos presentes. Mães, pais e seus filhos chegavam aos poucos à

⁴⁷ Em comemoração aos 24 anos de existência do Museu Capixaba do Negro, realizar-se-á o I Afro Centrão, evento que visa ressignificar o dia da abolição da escravidão. No citado evento, o Das Pretas é incluído no circuito pelo centro histórico: “Saindo do Mucane, o projeto Visitar irá com o público aos espaços parceiros do circuito: Instituto Das Pretas, Salão Avivar, Núcleo Afro Odomodê, Ponto Black, Escadaria e Igreja do Rosário, Raiz Forte, Espaço Hip Hop, Burlesqueria, Casa da Barão, além dos bares da Zilda e do Nei, redutos do samba da região. O circuito tem a proposta de valorizar a memória e a luta pela visibilidade e resistência da população negra na capital capixaba”. Matéria disponível em: <[HTTP://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/museu-do-negro-comemora-24-anos-com-circuito-afro-no-centro-de-vitoria.ghtml](http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/museu-do-negro-comemora-24-anos-com-circuito-afro-no-centro-de-vitoria.ghtml)>. Acesso em: 11 de maio de 2017.

⁴⁸ Em reivindicação por melhores condições de trabalho e salarial, houve paralisações em diversas cidades do Estado. Inúmeros assaltos a lojas e assassinatos marcaram o período das paralisações. Em tensa discussão com as autoridades governamentais, a paralisação durou semanas, e o exército foi solicitado a ir para as ruas.

praça. Jovens e idosos espalhavam-se pelos bancos e reencontravam seus amigos. Abraços, sorrisos e elogios na espera.

O grupo se junta à frente das câmeras fotográficas, a pedido da equipe de reportagem, para uma foto que sairia no jornal do dia seguinte. Apenas dois cartazes eram levantados. Um carregava o nome da Marcha e o outro trazia escrita a frase: “Meu cabelo não pediu sua opinião”. Algumas das organizadoras do IDP se encontravam no Parque Moscoso, destino final da Marcha, organizando as barracas de afroempreendedoras e preparando-se para a segunda parte do evento.

Depois de uma breve fala de uma representante do Movimento Negro Unificado, que defendeu o orgulho de caminhar pelas ruas reafirmando sua estética, iniciou-se a Marcha, ainda sem a chegada do grupo de maracatu. Ao circundar a praça, no entanto, o grupo se aqueceu ao som dos tambores vindo de longe. O encontro deu um novo ânimo ao grupo. Seguindo pela avenida, os olhares de pessoas no ponto de ônibus acompanhavam o movimento, com certo constrangimento. Quem passava nos carros e ônibus, manifestavam-se com gritos e buzinas. As manifestações dos que passavam ora sugeriam apoio, ora descontentamento com a marcha.

A primeira pausa foi em frente ao Palácio Anchieta, onde o grupo passou a cantar “solte os cabelos e deixe a trança balançar”. A segunda foi na altura do Museu Capixaba do Negro. Ali encontramos-nos com Priscila, que reforçou a importância de se “ocupar” o MUCANE. No dia da marcha, todavia, o lugar ocupado pelas pretas foi o parque Moscoso. Com essas ações, o Das Pretas busca dar visibilidade à mulher negra no Estado, incentivando seu protagonismo e fortalecendo o sentimento de representação em espaços públicos.

Com essas ações o Das Pretas visa inverter sentidos atribuídos à mulher negra na sociedade, apresentando seu trabalho e criando espaços onde lhes seja possível falar de suas experiências e dos modos como se veem e constroem suas identidades. A partir de minha experiência no campo, pudemos construir algumas categorias que julgo serem úteis para a análise do discurso do

coletivo Das Pretas. Essas categorias compõem e sintetizam as principais ideias identificadas nas ações do coletivo. Passarei a apresentá-las a seguir.

3.2. UMA INTERPRETAÇÃO DO IDP NA INTERFACE ENTRE CORPO, CONSUMO E POLÍTICA

Como dito no início deste capítulo, as categorias analíticas a serem aqui desenvolvidas foram extraídas da pesquisa de campo, de informações cedidas pelas participantes do coletivo e de elementos encontrados em *sites*. Da observação participante, pudemos perceber a dinâmica de produção discursiva do Das Pretas e do desenvolvimento da perspectiva de corpo e identidade política (que serão abordados no subtópico 3.2.1), assim como a relação entre consumo e identidade política (o que será observado no 3.2.2).

Torno a afirmar que a ênfase na pessoa de Priscila Gama justifica-se neste trabalho por ser ela, na maior parte das vezes, a figura que fala oficialmente em nome do Das Pretas. Não fora identificado dissonância discursiva entre as mulheres do coletivo (o que não significa que não haja), ao contrário, a referência à Priscila é recorrente, assim como a admiração que as demais mulheres lhe devotam. É possível que a chegada recente de novas pessoas ao coletivo (algumas chegaram depois que iniciei a pesquisa), seja responsável pela insegurança nos posicionamentos, causando certa timidez entre as mesmas. A postura ativa e firme de Priscila provavelmente contribui para a inibição, amenizando as tensões internas. Em minhas últimas participações junto ao grupo, no entanto, pude observar uma participação cada vez mais visível das demais mulheres do grupo e é provável que isso aconteça com maior regularidade.

A busca no *blog* pessoal de Priscila Gama, em busca de pistas para nossa investigação, se deu por temas conforme apresentados nas *tags* Afro, Empoderamento, Encontro Das Pretas, Encontro e Movimento Negro. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, busquei, para constituir o *corpus* a ser posteriormente analisado, elementos que fizessem menção ao corpo, consumo

e identidade étnica. As demais *tags* traziam dicas de produtos para o cuidado dos cabelos e temas relacionados ao carnaval, os quais fugiam de nossos propósitos. Além disso, os textos deveriam vincular-se de algum modo, seja por tema ou menção direta, ao coletivo Das Pretas. Como dito anteriormente, as categorias analíticas aqui serão duas: “Corpo e Natureza” e “Afroconsumo”. Identifico nesses dois eixos elementos essenciais para a compreensão das ações do coletivo.

3.2.1 CORPO E NATUREZA

A primeira categoria analítica apontada aqui é a compreendida no conceito de *corpo e natureza*, representada nos cabelos e corpos, fenótipos de nascença, no entanto, o corpo é compreendido nessa pesquisa em sua dimensão social e política. Corpo é, portanto, mais do que o que se pode tocar, e estética mais do que aquilo que se vê. Os cuidados estéticos dessas mulheres não podem ser observados como mera vaidade, no interior do quadro de dissociação de sua própria imagem e regulação, conforme apresentado em capítulos anteriores. Entendemos isso, sem, todavia, considerar que a referência ao “natural” é constantemente repetida no Das Pretas, apresentando um conflito interessante derivado dos processos de negação da imagem negra (o corpo enquanto o que se vê), onde a utilização de produtos para alisamento imprime marcas na constituição identitária das mulheres. O natural (assumir-se ou apropriar-se de si) aqui é a referência ao tipo de cuidado de si que se apresenta como alternativa à opção branqueadora. Corpo e natureza então carrega a ideia de corporeidade (como já demonstrado em Nilma Lino Gomes anteriormente) juntamente com uma visão sobre o natural, que toca o biológico, mas ultrapassa-o, não tendo-o como destino final, mas ponto de partida (daí a necessidade de retorno ao natural).

A categoria refere-se ainda à ancestralidade gloriosa dos negros africanos, donde surge o *orgulho crespo*. Isso implica numa busca por reafirmação da identidade negra, fortalecida nos *espaços*, conforme citados anteriormente, que

visa a exposição ou visibilidade cada vez maior do povo negro nos espaços públicos. O modo de lidar com a própria identidade constitui uma forma de evidenciar e expor o racismo disseminado na sociedade, tornando-o mais fácil de ser denunciado e enfrentado, assim como encorajar as negras a assumirem seus lugares de atuação na sociedade conscientes de sua negritude. Por isso, ligasse a uma forte ideia de *vocação* ao espaço público, de uma chamada a tornar visível sua identidade nos locais onde se insere profissionalmente. De mesmo modo, traz a noção da realização *afetiva* com o próprio corpo, que se constitui tanto por experimentações de sua própria imagem, quanto pelo apoio mútuo das demais mulheres. Isto será apresentado nesta seção.

Desse modo, falar do corpo natural aqui, não é falar sobre o corpo enquanto objeto da natureza, como pura extensão, ou ainda sugerir que o corpo do negro esteja submetido a algum tipo de destino genético, uma vez que a própria ideia de tornar-se a si mesmo implica uma elaboração e construção discursiva por parte das mulheres do Das Pretas. No entanto, não queremos descartar a possibilidade de que o discurso sobre o corpo negro presente no Das Pretas traz por vezes uma ideia essencialista que, muito possivelmente está mais próximo ao ideal de negro que buscam elaborar em suas práticas e discurso (as referências ao modo como o negro e a negra fazem isso ou aquilo, que tanto aparecem nas conversas entre as mulheres do coletivo). Cabe dizer que nossa proposta aqui é a construção de uma lente com a qual seja possível observar o discurso do Das Pretas, sua visão do que é ser negro e negra.

Aqui utilizarei alguns subtópicos nos quais poderei trabalhar mais lentamente temas que perpassam essa categoria. Deste modo, algumas ideias fundamentais para se compreender o que estou chamando de "*Corpo e natureza*" estão presentes num processo identificado nas ações e discursos do grupo que implicam nos seguintes pontos: o autorreconhecimento que direciona-se à elevação da autoestima das mulheres; o testemunho (como marca de apoio coletivo), que vincula as histórias vividas pelas mulheres em referência à história africana; e a representatividade, que destaca as biografias representativas (artistas, blogueiras, empreendedoras, etc.). Demonstrarei cada um desses pontos a seguir.

3.2.1.1 AUTORRECONHECIMENTO

O ciclo de palestras ocorridos na Marcha do Orgulho Crespo traz elementos para compormos a categoria aqui descrita, a saber, a relação entre o corpo e o *autorreconhecimento* e que possui implicações para se pensar a identidade política do grupo. Ela será aqui utilizada para abranger os conteúdos presentes nessa perspectiva utópica⁴⁹. O termo aqui compreende uma forma de construção utópica que não se preocupa com a construção de grandes narrativas e explicações sobre o ser e o mundo, mas enfatiza a experiência, aquilo que toca, a descoberta íntima e a total abertura ao futuro incerto. Nega assim a planificação e o futuro racionalmente sustentado. O afeto atualiza a utopia.

Na Marcha do Orgulho Crespo foram proferidos poemas por pessoas que estavam na plateia. Um destes carregava conselhos às “rainhas” para que aprendessem “a se amar e à natureza”. A referência inclui uma perspectiva dadivosa (a natureza é como nasci) e compreende-se em oposição às coerções determinadas pela sociedade marcada pela ideologia da branquitude. Em oposição às chapinhas, pentes quentes e progressivas, está a proposta de assumir o crespo.

O cabelo aqui se apresenta como signo político e social ao qual se compreende como algo que se assume, do qual se apropria, como identidade perdida, que agora se resgata, corajosamente assumida. A referência à rainha remete-se à glória forçosamente esquecida da África, marcas de uma história negada pela branquitude. No Brasil, enfrenta-se o tabu de pensar o negro com o escravo. O negro, na perspectiva do coletivo, não é o escravo, é antes, um

⁴⁹ “[...] Perdemos o mundo e ganhamos o corpo. O interesse pelo corpo gera o desinteresse pelo mundo. [...] A preocupação com o mundo, ponto central da política desde a Antigüidade foi substituída na modernidade pela preocupação com o homem, a descoberta de si mesmo [...]. Ao mesmo tempo e devido à sobrevalorização e ao enorme investimento simbólico que vem sofrendo nas últimas décadas, o corpo tornou-se objeto de desconfiança, de receio, mesmo de desconforto: só aceitamos o corpo submetido a um processo de transformação constante. Não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação” (ORTEGA, 2003, p. 73).

rei e uma rainha que foram escravizados (ênfase dos espaços aqui categorizados como *formativos*). Em seu apelo aos que “precisam entender que não são pardos”, Priscila diz que é preciso:

[...] Entender que as barreiras que colocaram pra você são todas virtuais e que podem ser reconfiguradas, sampleadas, baixadas, subidas, e quem sabe curtidas, cutucadas e compartilhadas. Você precisa saber que pode ser o que você quiser, mas que pardo, meu amigo, você nunca foi. Você precisa entender que não é pardo. E assim que souber que é preto, ir de preto comprar um pão. Tô te esperando com o café pronto⁵⁰.

É um convite a ir para a rua, assumir-se no espaço público, reivindicar a negritude na arte, na escola, na internet, na padaria. “Ser negro” em todos os espaços, apropriar-se do “que se é”. Notamos, como dito anteriormente, que a concepção de negro apresentada no *Das Pretas*, carrega por vezes um essencialismo, assumindo a existência de uma identidade a ser encontrada ou assumida. Os efeitos do branqueamento são representados como um entorpecimento, um assalto à verdadeira identidade que agora deve ser resgatada. O texto citado acima, na íntegra, defende a noção de que a sociedade observa o pardo como o negro. A ausência de oportunidades, o preconceito e a exclusão incluem pardo e negro num mesmo barco. No entanto, para o pardo, ele não é negro, falta-lhe, portanto, dar-se conta de sua negritude, já rejeitada pelos olhares da sociedade. De fato, o racismo assimilacionista que encontramos no Brasil, sustenta o preconceito contra a cor enquanto ignora que seja discriminação racial (GUIMARÃES, 1995; MUNANGA, 1999).

Como exemplo sobre o modo pelo qual é apresentado no *Das Pretas* a noção de autorreconhecimento, cito um trecho do texto “*Descobrir-se negro*”, da presidente do coletivo:

[...] a autoidentificação e essa conexão com a ancestralidade são grandes veículos de fortalecimento individual e coletivo. E se ela for estabelecida de forma positiva, é fundamento

⁵⁰ GAMA, Priscila. *Você precisa saber que não é pardo*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-voce-precisa-saber-que-nao-e-pardo/>>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2017.

norteador, por exemplo, de uma segurança e independência estética que é sim, uma forma de militância, de manifesto político [...] Imaginem a grandiosidade que é, portanto, estabelecer um contato positivo de autoidentificação quando crianças! Imagina a quantidade de problemas que serão evitados, que serão superados sem as grandes crises e reencontros que eu, por exemplo, tive - ou por falta de representatividade ou pela pressão embranquecedora do meio⁵¹.

O trecho citado demonstra a noção de que a ausência de modelos de representatividade e a pressão reguladora sobre os corpos negros exerce sobre a saúde psíquica das mulheres negras. O trabalho de Neusa Santos SOUZA (1983) ajuda-nos a compreender esse processo. Como já citado neste trabalho, o Ideal de ego do negro é o branco, de modo que o desejo de tornar-se branco marca o imaginário da mulher negra desde sua infância.

O modo de reinventar esse Ideal de Ego, no qual a mulher negra possa inspirar-se, é recorrendo à ancestralidade, fundamento sobre o qual as narrativas das mulheres hoje se tornam possibilidade. É característica do Movimento Negro nos últimos anos a ênfase na identidade como forma de restabelecimento da autoestima e fortalecimento político⁵². Nilma Lino Gomes aponta que a construção política da estética e beleza negra é uma forma de emancipação onde “[...] os corpos negros se distinguem e se afirmam no espaço público sem cair na exotização ou na folclorização” (GOMES, 2011, p. 52). Segundo a autora,

[...] a partir do ano 2000 há uma politização da estética negra, via afirmação da corporeidade, diferente daquela realizada no final dos anos 70 e início dos 80 do século XX. O corpo negro e sua corporeidade se destacam na cena pública em meio a um processo tenso e ambíguo. Assistimos a uma maior presença de negros na mídia, porém, ainda acompanhada da denúncia feita pelo movimento negro referente ao persistente lugar de

⁵¹ GAMA, Priscila. *Descobrir-se negro*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-descobrir-se-negro-priscila-gama/>>. Acesso em: 09 de março de 2017.

⁵² Mais especificamente a partir dos anos 1970-80, em comparação com o início do século passado, com as ações do Movimento Negro Unificado. Pinto (1993) ressalta essa mudança de postura na área educacional, que vai da valorização do negro (melhorar a formação, incentivo à educação, moral, etc.) à valorização da cultura negra (afro-brasileiro, identificação com as raízes).

subalternidade. Surgem propagandas e peças publicitárias que adotam o negro como personagem central, porém, ainda com estereótipos. Há uma visualização e maior uso de penteados no estilo “*black power* estilizado”, do uso de *dreads* por jovens brancos da classe média, maior adesão ao uso das tranças pelas mulheres negras e brancas jovens e uma maior exposição do corpo negro nos eventos culturais. São processos de mudanças e de visibilidade da corporeidade negra em meio às tensões regulação-emancipação do corpo (GOMES, 2011, p. 48).

Munanga (1990) ressalta ainda a importância da busca da identidade pelos negros, dado os problemas específicos que enfrentam, de modo que tal busca “funcionaria como uma espécie de terapia do grupo”, de modo que o “*negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com outros oprimidos, o que é condição preliminar para uma luta coletiva*” (MUGANGA, 1990, p. 116). No coletivo, o porquê da referência à ancestralidade se manifesta na busca por autoestima como forma de dar visibilidade à negação de direitos e preconceitos relacionados aos fenótipos negros. Essa elevação da autoestima visa tornar a mulher negra apta a exercer seu lugar na sociedade, enfatizando-se, todavia, suas habilidades empreendedoras, conforme será visto na categoria Afroconsumo mais a frente.

Assim como pra mim é claro que a beleza negra é magnífica em todas as suas singularidades, também é claro que a sociedade não permite (isso é histórico) que isso seja massificado de forma que nós afrodescendentes nos tornemos livres dos estereótipos que nos perseguem, nos diminuem e nos impedem de avançar em direção a uma ocupação que é nossa por direito, por direito como ser humano, direito de competir em igual condição, de ter coragem pra lutar... de ter autoestima mesmo!⁵³

Compreendo juntamente com esses autores a importância da afirmação estético-político de negras e negros na construção de sua identidade. A ênfase encontrada no coletivo Das Pretas recai sobre a reivindicação de uma estética afrofuturista. O afrofuturismo constitui-se como um movimento cultural a partir dos anos 1990, embora se remeta à revolução cultural dos anos 1960, e faz

⁵³ GAMA, Priscila. *Compartilhe* empoderamento. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-compartilhe-empoderamento/>>. Acesso em: 12 de setembro de 2016.

referência à mitologia e cosmologia africana primitiva, unindo-a com a tecnologia, à ciência e ao novo. Isso se manifesta nas artes plásticas, música, literatura e estética (tendo como referência o misticismo, o primitivo e a mitologia africana, além de elementos *mood sci-fi*, que carregam um tom futurista). No bojo deste movimento encontra-se a ênfase na liberdade de expressão, autoconfiança e empoderamento, buscando subtrair a visão pejorativa do negro e articulando uma visão sobre o futuro, onde o negro é um potencial ator de sua construção⁵⁴.

Numa roda de debate ocorrida na Marcha do Orgulho Crespo, sobre o corpo do negro e a arte, tivemos a presença de um artista que relatou sua experiência, ao sair pelas ruas de Vitória com uma mochila transparente nas costas, carregando dois tijolos com as inscrições “bicha” e “preto”.

O artista contou que fora afetado ao entrar no terminal de Vila Velha, local onde, no ano passado, dois jovens homossexuais foram assassinados por um homem a facadas. A ligação do artista com a notícia fez com que percebesse o local como hostil, provocando-lhe medo. Reiterou em seguida a importância dos “rolézinhos”, como forma de “ocupação de espaços públicos com o corpo preto”. Falou ainda sobre a “representatividade” (conforme chamou), o que, parece-nos, aproximasse mais de visibilidade da corporeidade negra, a presença de negros em lugares de visibilidade na sociedade, interpretando como um “corpo que fala por outros corpos”, e que é hostilizado como um corpo estranho, em propagandas, filmes, novelas, passarelas, assim como cargos de maior importância em empresas e setor público.

A diretora do teatro Carlos Gomes, relatou em sua participação na citada roda de debate, sua rotina como mulher negra na coordenação do mesmo. Expôs que tem buscado dar visibilidade ao universo da negritude, ao abrir espaço para peças montadas por negros e que tratem seus temas, como uma peça sobre afetividade e solidão da mulher negra, onde uma mulher senta-se à mesa com uma cadeira vazia à frente, representando a saída de seu marido de

⁵⁴ Referências podem ser encontradas no seguinte texto: BRASIL, Luiza. *Dossiê afrofuturismo: saiba mais sobre o movimento cultural*. Em: <<http://www.geledes.org.br/dossie-afrofuturismo-saiba-mais-sobre-o-movimento-cultural/#gs.=tLiGxE>>. Acesso em: 11 de março de 2017.

casa. Falou ainda do corte de cabelo como um “momento sagrado, de cura”, onde se inicia um processo de autoaceitação e autorreconhecimento. Chamou-me atenção a referência ao rito, a um momento sagrado. A lida sobre o próprio corpo, o trato com o cabelo é carregado de elementos emocionais, trajetórias de vida que implicam igualmente numa forma de *transcendentalização*, ao ligar-se às demais mulheres que enfrentam os mesmos desafios. Uma compreensão que se vale de um passado comum de opressão (sob o estigma da branquitude, produzindo o ódio-de-si) para um processo rumo à libertação, superação dos traumas vividos. Desse modo, cria-se uma narrativa que possibilita enxergar no cuidado consigo uma forma de libertação comum a caminho do bem-estar emocional e felicidade com a própria imagem.

Tal aspecto se reforça pela intervenção do estudante de psicologia, que utilizou seu momento de fala na palestra ocorrida na Marcha do Orgulho Crespo, de modo artístico. Ele, silenciosamente tomou para si a mochila do artista que também compunha a mesa na palestra, colocou-a nas costas e andou em círculos por alguns instantes, passando aos olhos de todos. Em seguida, levou ao chão a mochila e, abrindo-a, retirou as pedras de dentro. Ofegante, esfregou em seu próprio corpo as pedras, como quem sofria o peso daquelas palavras (bicha e preto). A relação com os objetos parecia matá-lo aos poucos, até que, deitando no chão, esfrega violentamente as pedras sobre o corpo. A agonia converte-se aos poucos em satisfação, um gozo sutil, um prazer que se vai aumentando, ao ponto de o artista não mais repudiar as pedras, mas tomá-las para si. Agora acaricia o que antes lhe feria, como num ato de reconciliação. Após isso, ele recitou um poema que, num de seus trechos, trazia a frase “*minha pele atualiza uma utopia*”.

Sua apresentação tocou os presentes, de modo que o aplaudiram entusiasmaticamente. O artista ressaltou a importância de “saber-se de si” e afirmou não ter sexualidade definida. A mim, particularmente, chamou a atenção o fato de que a utopia tornou-se corpórea. A promoção de cura, de reconciliação, de tornar presente a utopia, de trazer para o hoje a realização dos anseios políticos, de encarar a caminhada pelas ruas como forma de resistência à dominação. A construção da própria identidade como construída a

partir de uma autodescoberta ou autoconstrução, que enfrenta e se faz na tensão com os fundamentos normativos da sociedade, *a identidade como tema político*, atualiza-se no corpo. O cuidado com o corpo, nesse caso, considerando a confluência entre os desafios postos à pele negra e a sexualidade indefinida, ganham conotação política, de utopia, de resistência discursiva frente à normatividade.

Além dessa perspectiva do corpo como lugar de atualização da utopia, devemos observar como o caráter político do empoderamento estético se manifesta no interior do grupo. Acredito que um dever político surge, tendo como referência a afeição por si. Este se manifesta em diversos textos de Priscila Gama, como forma de aprofundamento, ou busca pelo “real sentido” do empoderamento, que vai além do estético, embora tome o estético como meio.

O principal é a mudança interna. Sem dúvida nenhuma, o resgate da autoestima em um contexto de amor próprio que nada tem haver com o julgamento (nota) alheia – ou seja, também não há nada de agressivo nisso, muito pelo contrário, é algo bem leve. Você vive para se agradar e ponto. Sem aquele mimi superficial que rola nas redes sociais [...] não tem que esbravejar, as pessoas notarão, porque é nítido para qualquer olhar⁵⁵.

Em outro texto vemos a importância do amor próprio, que articula-se com a citação anterior, referindo-se à essa mudança interna, tão necessária para o empoderamento.

Hoje postei uma foto no Instagram de Body (achei corajoso pra mim, nem por nada, mais porque nunca tinha feito nada parecido, rs!). Tenho estrias e celulite. Tatuagens, várias marcas de machucados, feridas, raladas, mosquito [...] tenho também uma cicatriz da cesariana. Tenho tudo isso e uma vontade imensa de continuar me olhando no espelho com esse afeto que falei pra vocês aqui, e tenham certeza, que se a chama dessa paixão diminuir, eu vou dar um jeito de aumentar⁵⁶.

⁵⁵ GAMA, Priscila. *Pense no coletivo*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-pense-no-coletivo/>>. Acesso em: 10/03/2017.

⁵⁶ GAMA, Priscila. *Meu corpo, meu padrão*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-meu-corpo-meu-padrao/>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

O dever de amar-se, de manter acesa a chama do amor próprio, de relativizar toda regra, e erguer-se quando o dia da baixa estima chegar. Isto se refere à necessidade de sustentação de um estágio de saúde psíquica marcada pela reinvenção constante de si, o que aqui demonstra a coragem de se amar e lutar por esse amor, por essa paixão por si. Essa afeição por si tem uma razão de ser, e se encontra no âmbito político.

Falar do ENCONTRO DAS PRETAS e não falar da Beleza, individual e coletiva das pretas presentes é impossível. Eu acho o máximo a “simbologia da beleza” estabelecida e tal, mas é que a força dessas mulheres é tão absurda e suas histórias são tão belas que a beleza tradicional ficou muito pequena em relação ao “conjunto da obra” [...] Ouvindo e compartilhando experiências com essas mulheres, ficou muito claro pra mim que a incompreensão e a “diminuição/humilhação” constante, faz com que muitas delas não consigam ver beleza nem em sua semelhante. Mas isso tá mudando e vai mudar mais ainda. Somos um coletivo massa e mostramos que temos força eeee muuuita beleza⁵⁷.

Aqui Priscila ressalta que a mulher negra perde a capacidade de ver beleza em suas semelhantes, tornando o resgate da identidade negra uma necessidade. Está na base da busca pelo cultivo do “real sentido” a constatação de que a insatisfação com a própria imagem faz parte da cegueira construída socialmente. A autoestima torna-se assim um ato e dever político.

Fica difícil utilizar dos artifícios comuns às outras mulheres para exaltação das peculiaridades de sua beleza quando não consegue achá-los. E pra mim é muito difícil falar de empoderamento sem que seja vinculado à segurança e consciência da beleza individual [...] e se ao seu ver esse é uma visão capitalista, que seja, eu aposto que como eu, muitas mulheres acham que a maquiagem é algo quase espiritual nesse nosso delicado e dedicado ritual de embelezamento diário.

O significado aqui atribuído à maquiagem é também demonstrado durante a Marcha do Orgulho Crespo. É recorrente a troca de experiências sobre o cuidado com os cabelos como uma forma de transcendentalização. Apropriar-se da estética negra implica em unir-se a todas as outras mulheres negras, não

⁵⁷ GAMA, Priscila. *Encontro das pretas: parte 3*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-encontro-das-pretas-parte-3/>>. Acesso em 09/03/2017.

importa a distância ou o tempo que as distancia, que sustentaram a cultura negra, em busca de encontrar sua própria identidade.

Cabe-nos fazer uma aproximação entre essa “paixão por si” mesma e o *amor de si* apresentado por Bauman em *Modernidade Líquida* (2001, p. 79). O sociólogo situa esse amor de si como expressão de um labor exercido sobre o próprio corpo, considerando-o propriedade do indivíduo e garantindo-lhe a glória pelo sucesso ou a culpa pelo fracasso deste cuidado. Fundamental é perceber a distinção que Bauman faz entre os líderes presentes na modernidade sólida e os atuais conselheiros. A principal distinção entre essas duas figuras se dá pelo fato de que o primeiro criava pontes entre o bem individual e o bem coletivo, enquanto o segundo direciona seus conselhos para a esfera privada e não ousa retirar daí o seu pé.

A tensão entre os conselhos apresentados no Coletivo se mostra no modo como algumas questões referentes à estética são tratadas, tendo que, continuamente exercer-se um tipo de aconselhamento que pode ser restrito à esfera individual. Ainda, a referência ao coletivo, por vezes, se apresenta como o lugar no qual as outras mulheres fortalecem cada mulher individualmente, motivando-as a seguir e superar o período de transição capilar, por exemplo. Esses conselhos voltados para o indivíduo, responsabilizando-o por sua própria felicidade e amadurecimento na constituição de sua identidade, são também criticados pelas mulheres do Das Pretas, quando falam contra o empoderamento “meramente estético”, que não vai além. Todavia, é possível encontrar também recomendações do mesmo tipo, principalmente, quando se ressalta a importância das representações na mídia e nos conselhos para empoderar-se a si mesma.

Assim, acreditamos que seja possível encontrar nessa busca por significado um forte apelo à superação de traumas, manifestando-se como uma confirmação da própria identidade. Quando perceber-se belo torna-se um dever político, é igualmente possível conselhos como o que segue:

E não é só maquiagem que empodera. O Cabelo (seja ele do jeito que você curte usar), um turbante, o estilo das roupas [...] a consciência do que VOCÊ É, é que empodera. Sentir-se

bonita, consciente das suas individualidades e orgulhosa dela te ajuda a ser confiante e isso é sim um processo de empoderamento. Tendeu? [...] é necessário que você se sinta e seja o que você quiser ser⁵⁸.

Mas esse estágio de amor próprio não se alcança por si só, é necessário encontrar apoio entre as demais companheiras, estimular-se mutuamente, para que superem o sentimento de inferioridade causado pela padronização estética. Daí a importância do testemunho. Em vídeo, Priscila Gama diz que:

[...] Esse compartilhamento de experiências é que faz esse lance de empoderamento se tornar efetivo. [...] Existem várias formas de dizer o que significa empoderamento. Eu gosto do apropriar-se. Isso quer dizer que você toma ciência de quem você é. Das suas qualidades, dos seus defeitos, dos seus sonhos, dos seus planos. Até das suas frustrações, sabe? E isso, de uma forma ou de outra, te torna uma pessoa mais forte⁵⁹.

Na fala de abertura do Encontro Das Pretas, Priscila ressalta já ter usado de todos os tipos de produtos estéticos para o cabelo, e que “a gente perdeu tempo não sendo nós mesmas”, de modo que o momento que agora vivemos é o de uma “revolução crespa”. Com ressalvas ao “modismo” em torno da estética negra⁶⁰ Priscila encara com esperança essa transição estética, e exulta com a libertação dos padrões estéticos das gerações anteriores. Em suas palavras “a mulher tem o direito de ter o estilo que quiser, a menos que seja submetida ao embranquecimento”.

Os conselhos e a ajuda mútua para a superação das dores vividas entre essas mulheres seguem ainda a outros espaços como na palestra sobre a hipersexualização do corpo da mulher negra, onde, diante das frustrantes

⁵⁸ GAMA, Priscila. *Empodere-se*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-empodere-se/>>. Acesso em 03 de janeiro de 2017.

⁵⁹ GAMA, Priscila. *Pense no coletivo*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-pense-no-coletivo/>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

⁶⁰ Priscila criticara o fato de que se têm cada vez mais pessoas aderindo aos cabelos cacheados, no entanto, sem aprofundarem-se nas implicações políticas dessa estética. Uma distinção entre o estético e o político é ressaltada, não somente aqui, mas em outros momentos no interior do grupo. A noção de uma estética engajada ou consciente de sua ancestralidade é o que parece se conjugar como uma estética política para o Das Pretas.

experiências de seus relacionamentos, as mulheres ressaltaram um desafio: “Como superar o medo de sofrer um novo abandono?”. A solução apontada na discussão, pelo menos a apresentada por todas que resolveram tratar o tema, foi desenvolver um tipo de “amor próprio”, o qual implica na aceitação da própria imagem e no encorajamento a assumir a identidade negra. Falou-se da importância de se estimular outras mulheres negras que se encontram em processo de afirmação de sua beleza negra, em como é necessário elogiarem-se e se apoiarem, inclusive às mulheres que não conhecem pelas quais passam pela rua. Exaltar a beleza de uma irmã negra é um modo de apoiá-la a seguir construindo sua identidade.

3.2.1.2 TESTEMUNHO

Há aspectos presentes nos espaços formativos que caracterizam a constituição de uma unidade discursiva no coletivo. O que apresento a seguir refere-se ao modo pelo qual se cria um discurso sobre a verdade no interior do coletivo e o ponto unificador entre essas mulheres. Isso ocorre tendo como pano de fundo as já citadas reflexões sobre a importância da afirmação identitária promulgada pelo movimento negro. O ponto de articulação deste subtópico com a noção de Corpo e Natureza apresentada na citada categoria de análise, se dá pelo fato de que o fortalecimento mútuo entre as mulheres do coletivo, sob o lema da luta antirracista, partilhando suas dores comuns e desafios, vincula-lhes à ancestralidade de opressão, lhes fornecendo elementos para pensarem os dilemas do tempo presente. Além disso, a ênfase no orgulho crespo oferece elementos vinculados ao passado, oferece partilha sobre os dilemas de hoje, assim como fornece um ambiente no qual se possa pensar uma nova produção estética de si. O testemunho, aqui analisado, dá-se como modo de inserção desse universo. O testemunho relaciona-se, portanto, ao que se chama memória:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. [...] A memória é um elemento essencial do que se costuma

chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF *apud* PEREIRA, p. 6, 2013).

A recordação do passado significando possibilidade de reconstrução do presente e futuro. Com o que chamamos de *testemunho* atribuímos o caráter de adesão à causa, trata-se ainda de um modo de inserir-se, tornar-se participante, testemunha ocular da história que se constrói (assim como agente).

Assim, passamos agora a demonstrar o que chamamos de *testemunho*, e sua importância para a compreensão do discurso defendido pelo coletivo. Remetendo-se ao primeiro Encontro Das Pretas, Priscila declara que “[...] a beleza era o fio condutor da conversa, mas sem a ancestralidade não teríamos consistência para subsidiar esse empoderamento do qual falamos e buscamos”. Em sua fala observa-se o lugar da referência à ancestralidade para se narrar as biografias das mulheres hoje.

No segundo Encontro Das Pretas realizado pelo Coletivo, no qual estive presente, ocorreram palestras na área coberta do Clube de Pescas⁶¹, com distribuição de brindes entre os momentos programados no cronograma. A apresentação do trabalho de uma Das Pretas, que é trançadeira, foi precedido por uma espécie de *testemunho* público sobre o modo pelo qual realizar o trançado elevou sua autoestima. Esse momento era aberto para que qualquer pessoa presente *testemunhasse* sua experiência, no entanto, apenas uma das organizadoras o fez. Vale ressaltar que as atividades realizadas nesse espaço tiveram início com uma dinâmica para quebrar o gelo, com a finalidade de que todos os presentes tocassem os cabelos uns dos outros para “verem que não é duro”, mas “macio”. Esse momento foi conduzido por Priscila, que ressaltou o caráter individual do cabelo para a pessoa. Em sua fala resalta que “o cabelo é algo muito nosso”. Tocar nos cabelos uns dos outros implicava ali em romper limites.

⁶¹ Localiza-se na Avenida Dário Lourenço de Souza, nº 1345, em Santo Antônio, Vitória – ES.

O testemunho é constantemente apresentado no Coletivo. Há alguns curtos relatos no *site*⁶² (em que falasse do modo pelo qual o Coletivo elevou a autoestima e proporcionou a descoberta da identidade negra das mulheres), sempre ocorrem nos Encontros e também tem guardado seu lugar nas reuniões do coletivo. Ao falar da dor vivida hoje, acentua-se a continuidade da violência histórica contra os negros. Notamos que isso produz uma relação de empatia entre as pessoas do Coletivo, conjugada na dor comum. Quando o testemunho é apresentado, afirma-se que o que está sendo dito pelo grupo é verdadeiro, ao mesmo tempo em que cada um diz do que viveu. Deste modo, a testemunha⁶³ (a pessoa que relata o testemunho) e o testemunho se legitimam mutuamente, concedendo um ao outro o caráter de verdade. Uma vez que o testemunho oferece um quadro de compreensão da realidade, a testemunha lhe testifica pela opressão sentida na pele. O testemunho garante à testemunha que sua história não é única, retira-lhe da solidão de sua própria dor e permite-lhe falar do assunto. Por outro lado, o testemunho necessita que pessoas tenham passado pelo que se afirma. Formula-se assim um importante fator epistemológico, no qual o direito de fala constitui-se a partir da experiência vivida. Isso outorga, nesses espaços, maior possibilidade de voz à pessoa que sofre, permitindo-lhe falar de sua dor. Ao mesmo tempo, distancia e inibe a participação ativa de quem não sofreu a dor ali representada, a menos que este se torne empático à dor ali descrita. A isso nomearei aqui de epistemologia de amigos, no sentido que deve haver aí um lugar seguro para o compartilhamento da intimidade, um lugar onde haja acolhimento. Este é o lugar onde a experiência do grupo se soma à experiência do indivíduo e vice-versa. O elemento unificador da diversidade, da multiplicidade de vozes representadas aí, se encontra no compartilhamento da dor. Na epistemologia

⁶² Ver <<https://www.daspretas.org/coletivo-das-pretas>>.

⁶³ Penso aqui nas figuras televisivas que apresentam sua história de superação por um determinado meio como forma de comprovação de que o caminho apresentado é verídico. Há uma amplidão de experiências semelhantes na sociedade, sejam mulheres que superaram a dor de perder um filho no período gestacional e em seguida encorajam outras mulheres a superação por meio de palestras, vídeos e livros, ou os relatos de sucesso de empresários, ou ainda os religiosos nos templos neopentecostais. Há uma infinidade de modos de vida disponíveis a apresentar que é possível “dar a volta por cima”.

do amigo⁶⁴, a verdade discursiva constitui-se a partir do acolhimento, da escuta, da compreensão, da aceitação.

No entanto, carrega o risco de fechar-se e tornar-se hostil ao que não lhe for empático. A noção de que minha dor deve ser acolhida, aceita e compreendida, pode sugerir o distanciamento de pessoas que, antes de qualquer contato, sejam vistas como incapazes de compreender ou até mesmo hostis às minhas necessidades. Se a empatia (dos amigos) é o critério de juízo da verdade, o conflito (de opiniões e posições) deve ser excluído de antemão, em prol do fortalecimento desse espaço.

Penso que essa noção de garantia de fala pelo sofrimento, implique numa exigência, não abertamente assumida, de compreensão da dor sentida, o que pode fechar o discurso em torno da dor (do indivíduo e grupo), tornando outros atores sociais alheios à causa, antes de qualquer conversa ou possibilidade de diálogo. Significa dizer que evocar a experiência da dor, antes da exposição argumentativa, enfraquece a oposição, legitimando um argumento que ainda será proferido. Esse conflito pode ser representado no seguinte texto de Priscila, onde a expressão “preto por conveniência” sugere uma apropriação ocasional do discurso militante por alguns negros:

É absurdo pensar que alguém que nunca sofreu com qualquer pequeno ato racista possa ser entendido como negro. E sendo assim, mais absurdo ainda, por exemplo, é essa mesma pessoa valer-se de uma ancestralidade negra para valer-se de privilégios que são direcionados aos negros que são entendidos como tal – como nos casos das cotas raciais [...] A única certeza que eu tenho é que **Usar de Afroconveniência e ser Preto por conveniência não vale, ok! No primeiro caso, a pessoa não é entendida como negra pela sociedade e faz valer-se de sua ancestralidade negra pra conseguir uma vaga de cotista, por exemplo. Na segunda o indivíduo é realmente negro, é entendido como negro, nunca orgulhou-se disso, não se orgulha, não combate o racismo, acredita piamente que esse “nosso racismo” é mimimi mas, como “ser preto tá na moda”, resolve juntar-se aos bons e apropriar-se da fala alheia em caráter oportunista**

⁶⁴ Uso o termo “epistemologia” pelo fato de se inscrever aí um discurso sobre a verdade no interior do grupo. O mesmo é fortalecido pela percepção do sofrimento comum por meio da partilha (o caráter “amigo” no auxílio da compreensão do mundo).

do já conhecido “tirar vantagem dos irmãos”[...] eu, sinceramente, não sei o que é pior!⁶⁵ (Grifo da autora).

Há aí duas perspectivas sobre o que ser negro significa, implicando tanto na experiência do sofrimento (sem a qual, o descendente de negro que usufrui de direitos garantidos para o povo negro, torna-se um afroconveniente), quanto a apropriação orgulhosa e engajada de sua negritude a todo o tempo (sem a qual o negro é apenas um preto por conveniência). Pensar que não se pode ser negro sem sofrer racismo, demonstra bem o que estou afirmando aqui. Ou o racismo é um problema estrutural, e todos os negros sofrem racismo, querendo eles ou não, ou a dor do racismo só é legitimada quando o negro está consciente da mesma (e assim, empático à dor). Por isso parece-me estranha a ideia de ser “preto por conveniência”, como se o negro deixasse de ser negro por não aderir à consciência afro, ou tornar-se um militante. Se um negro usufrui de cotas, seja ele militante ou não, faz uso de seu direito. Mas o ponto aqui é tratar desse lugar de fala que se constitui pela dor vivida.

Considero ainda relevante que pensemos esse aspecto a partir de minha participação com o grupo. O fato de ser homem branco produziu uma desconfiança em relação à minha presença (o que considero compreensível), embora não tenha impedido nossa relação. Reafirmo aqui que a preferência pela fala das mulheres negras nas instâncias de fala e poder do coletivo, não são um problema de qualquer modo. No entanto, poucas foram as vezes em que pude expor algo junto a elas. No encontro sobre hipersexualização do corpo feminino negro, minha presença, tornou-se aceita pelo meu silêncio e pelo fato de eu ser um pesquisador. As diversas e até opostas falas (como o caso da possibilidade de uma oficina de siririca por uma das mulheres presente e a apresentação de uma poesia evangélica por outra) tornaram-se aceitas, por serem experiências de mulheres negras. Houvesse eu buscado realizar alguma fala em qualquer uma das direções, causaria, indiscutivelmente um desconforto. Sigo apresentando uma descrição mais detalhada desse evento.

⁶⁵ GAMA, Priscila. *Empoderamento, metiçagem, miscigenação*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-colorismo-miscigenacao/>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2017.

A testemunha tem direito e autoridade de fala, pois encarna o testemunho histórico de opressão⁶⁶.

O que desejo ressaltar, todavia, é o fundamento sobre o qual se estabelece esse poder, a saber, a dor psíquica vivida por essas mulheres. Dar atenção a essa dor, possibilitar a fala sobre a mesma e reforçar a busca por superação desta, concede lugar de fala à testemunha da opressão sofrida. Parece-me tão patente esse sentimento, que não duvido que alguém possa dizer, diante dessas análises, que digo o que digo “por ser um homem branco que não sabe o que essas mulheres passam”, e justamente isso é o que estou demonstrando aqui, o fato de que não parece correto questionar-se sobre a dor de alguém. Este é o ponto, a dor transcende a possibilidade de juízo. Quando manifesta, a intimidade propõe o silêncio e acolhimento como resposta. Diante da dor, é sugerido que nos calemos. Desse modo, a construção de uma identidade política pode confundir-se com a garantia da exposição da dor, produzindo uma sociabilidade em torno do estigma sofrido, do testemunho encarnado da opressão e não como construção da memória, como forma de reorganização do presente e futuro.

Além do auxílio mútuo e da presença dos testemunhos nos encontros do coletivo (como forma de construção discursiva no interior do coletivo), a categoria corpo e natureza liga-se ainda à necessidade de personagens representativas na sociedade, que alterem os padrões de beleza vigentes. Agora faremos uma leitura acerca da representatividade e do modo pelo qual é concebido pelo coletivo.

3.2.1.3 VISIBILIDADE

Com visibilidade estamos considerando as menções realizadas pelas mulheres do Das Pretas à importância da presença de mulheres negras nos espaços de protagonismo e poder da sociedade. Isso aparece no Coletivo não somente

⁶⁶ A intenção aqui é descritiva, e não há juízos de valor sobre a determinação do exercício de poder no interior do grupo.

como a constatação de uma necessidade, mas ainda como incentivo aos empreendimentos das mulheres negras e afirmação de sua negritude onde quer que estejam inseridas. É importante dizer que tal conceito aparece no Das Pretas sob o termo *representatividade*.

O que podemos considerar como uma noção de vocação representativa, que implica em assumir a corporeidade negra, de modo a incentivar outros negros e negras a fazerem o mesmo, presente no discurso do Das Pretas, conclama a participação no mundo real, à saída dos ambientes virtuais e das discussões na internet. No texto que segue, Priscila, retornando da Marcha das mulheres, em Brasília, reforça a importância de buscar inserir-se em espaços representativos. Não perde, todavia, o caráter conselheiro que caracteriza as *blogueiras*.

Olha, eu refleti muito antes de escrever este post porque não queria que ele desmerecesse o caráter da importância de nós, mulheres negras, estarmos ocupando todos os espaços de mídia e fazendo sucesso – incluindo na globosfera, é claro!! Mas , mais uma vez, eu comecei a me questionar (agora na volta para casa), se há aí a real preocupação em reconhecer-se negra e então, reconhecer a representatividade individual, a importância dos discursos já ultrapassarem às receitinhas pros cuidados dos cabelos e os tutoriais de maquiagem... Nada me tira da cabeça que isso já tá over e ultrapassado, principalmente se não trabalharmos à fundamentação dessas pessoas que precisam (eu disse P.R.E.C.I.S.A.M) estar cientes do que ostentar seus cabelos ou realçar a sua beleza negra significa no ponto de vista político, quando na verdade aquilo ultrapassa as questões estéticas e adentram à uma manifestação que vai de encontro às regras impostas pela sociedade de maneira geral! EU não vou usar aqui um discurso sessentista de que preto tem que militar assim ou assado. Que tem [que] odiar branco ou que tem qualquer coisa! EU não quero que ninguém TENHA obrigações, sou absolutamente à favor das liberdades... então não estou dizendo aqui que essas bloggers e vloggers tem esta obrigação [...] mas o dever de refletir é inevitável. Vamos apenas permanecer no raso ou vamos adentrar mar à dentro e conquistar novos horizontes? Isso me preocupa, porque nadar mar à dentro sozinha é difícil pra caramba. Daí me lembrei de um canto muito frequente nessa Marcha que foi válvula para muitas das minhas reflexões e que diz assim: **“Companheira me ajude, eu não posso andar só. Sem você eu ando bem, mas com você ando melhor!”** Não podemos, enquanto representatividades virtuais, perdermos a oportunidade de nos fazer representativas no plano do real e pessoal. Eu não gosto da ideia de ficar nesse

plano que a internet me impõe, amo o blog, as redes sociais e tudo mais, mas se não houver o toque, a presença, a realidade, eu acho que viro um personagem... e personagem... eu não sou!⁶⁷.

A preocupação em exortar, sem, todavia, ser taxativa, a coloca em posição de aconselhamento, de proposta, embora seja enfática. No entanto, a posição de Priscila sobre a representatividade nas redes sociais e demais mídias não se restringe ao relato acima descrito. Aqui ela dá importância ao engajamento nas ruas, na articulação com outros movimentos sociais e coletivos. Esta parece estar sendo uma mentalidade que se desenvolve aos poucos em Priscila, que iniciou sua atuação como blogueira dando atenção apenas aos cuidados estéticos (o que também foi característico das primeiras ações do coletivo, entre 2012 e 2014).

Podemos notar a preocupação com o protagonismo na Marcha do Orgulho Crespo, onde as palestras foram conduzidas por mulheres que ocupam cargos de visibilidade na sociedade. Nos Encontros Das Pretas são convidadas mulheres de reconhecimento nacional ou cargos importantes na sociedade. A ênfase em que a mulher negra pode ascender socialmente demarca o discurso do coletivo. Um trabalho realizado com critério profissional e as carreiras exemplares são vistas como força motriz para impulsionar a ação das mulheres negras. O ideal do orgulho e da eficiência dá o tom da representatividade. Ressaltar as biografias de sucesso motivam e aquecem a construção identitária.

A ideia de representatividade (visibilidade / protagonismo) localizada aqui se sustenta na noção de empoderamento, operando um fortalecimento para o negro que, ao ver-se representado (nos produtos, modelos e personalidades de destaque na sociedade), sente-se motivado a empreender e acreditar em si em outros negros, quanto à suas habilidades e carreiras profissionais. As biografias de negras bem-sucedidas auxiliam na narração das identidades individuais, assim como a estas se direcionam. Além disso, ressalta a abertura

⁶⁷ GAMA, Priscila. *Sobre representatividades e oportunidades: marcha das mulheres negras*. Em: <http://priscilagama.com.br/priscila-gama-sobre-representatividades-e-oportunidades_marcha-das-mulheres-negras/>. Acesso em: 13 de junho de 2016.

para novas possibilidades de inserção do negro no mercado de trabalho (e também de consumo).

3.2.1.4 LACRE OU LUCRO?

O discurso do natural, além de estar presente no Coletivo, coaduna-se com o apelo dos salões especializados em cachos, onde a referência constante se faz ao retorno ao “natural”, o qual se torna possível por meio da utilização de produtos especializados. O salão Black Queen, parceiro do Das Pretas, que se divulga como o primeiro salão no Espírito Santo voltado para cabelos crespos, utiliza em suas propagandas as frases: “cuidado e naturalidade para cabelos crespos”, além de “seus cabelos tem poder” e “sua beleza liberta”. Poder e liberdade associado à naturalidade e cuidado, presentes no discurso do citado salão, representam bem o que procuramos demonstrar nesta análise.

Natureza, nesse caso, representa algo a ser domado, por cuidados estéticos, que lhe condicionam na direção da brancura, possuindo nas farmácias e salões especializados seus principais templos. Isso torna para a ideologia da brancura, mais aceitável a estética negra, à medida que tende ao branco, ao movimento do cabelo como os movimentos que vemos em propagandas de empresas cosméticas. A felicidade e o mérito compõem os apelos destas empresas. No entanto, podemos perceber atualmente a adesão por parte destas empresas na direção de fortalecer e incentivar um multiculturalismo acrítico⁶⁸, de representatividade⁶⁹. O discurso coaduna-se, tanto na busca por reafirmação identitária, pelo empoderamento estético, conforme incentivada pelo coletivo, quanto o convite a ser você mesmo por parte das empresas. Desejo demonstrar aqui certa ênfase na virtude da *coragem* de assumir publicamente a identidade, que unifica os discursos. “Apropriar-se de si” é um

⁶⁸ Multiculturalismo de cunho liberal ou de afirmação da pluralidade cultural, mas que ignora as estruturas que constituem as opressões vividas pelas minorias.

⁶⁹ Podemos ver um exemplo disso na campanha da linha de maquiagem “Natura faces”, da empresa Natura. Com o título “quem é você na rua?”, apresenta representantes de grupos minoritários encarando corajosamente as ruas, manifestando suas identidades. Além dos vídeos promocionais da campanha, a empresa estimula debates sobre homofobia, gordofobia, transfobia e machismo nas redes sociais. Outra campanha semelhante é da Avon, com o tema “para todes” (o “e” no todas / todos, já demonstra a ideia de inclusão e reconhecimento das minorias). Ali se reforça que “a pele não tem gênero, nem preconceitos”.

ato de enfrentamento, de denúncia, porquanto seja um ato de autoafirmação numa sociedade reguladora. Isso eleva a autoafirmação ao nível de ato político transformador, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma chamada potente ao consumidor.

Devemos considerar ainda a nova fase do capitalismo de consumo, onde a regra já não é mais necessária, diluindo-se nas inúmeras possibilidades e decisões, na escolha de sua própria imagem, no *do it yourself*. Segundo Bauman (2001), o corpo do consumidor na atual composição da sociedade de consumo, deve estar apto, sempre a aproveitar a oportunidade quando esta aparecer. O corpo apto é aberto às possibilidades de satisfação que ainda serão apresentadas. A mudança do paradigma de saúde pautada na norma, no ideal ao qual o sujeito deveria adequar-se, para o ideal de aptidão, onde a busca por um estilo de vida saudável torna-se permanente, faz com que o consumidor viva em constante busca por identificar-se nas coisas que consome.

Esse discurso faz surgir uma angústia nova, a de não se ter identidade, de não ser criativo e ousado o suficiente, de não ter coragem de assumir-se. Não se deve mais alisar o cabelo, nem se é obrigado a cacheá-lo, resta, portanto, experimentar e descobrir o que melhor lhe cabe. A virtude não é mais a adequação, mas a coragem, a ousadia de romper as normas, a aptidão para fazê-lo, e para estar apto é preciso estar atento aos conselhos e possibilidades disponíveis no mercado.

É a experiência e não alguma norma que pode definir o que é o correto e belo. Nenhuma norma é bem-vinda aqui, o que importa é o equilíbrio, a saúde, o bem-estar derivado da aceitação de si, da descoberta do que lhe faz sentir-se bem. Portanto, o apelo é: “seja você mesmo, descubra-se”.

Vá lá, não tenha medo de decidir por você. Dá pra ser feminista e usar sutiã. Dá pra ser inclusiva e gostar de academia. Dá também pra ser Gorda viciada em salada [...] só não dá pra perder tempo se apegando a padrão, a qualquer outro padrão

que não seja o seu. Se ame dentro das suas singularidades, ninguém é igual e, Graças à Deus, ninguém é perfeito⁷⁰.

Isso coloca o que interpreto aqui como sendo a dimensão afetiva da militância, corroborando para uma paixão por si, pelo próprio corpo, reconhecidamente defendido pelo Coletivo. O fato que na ideologia racista o negro fora reduzido ao biológico, sendo este determinante de seu comportamento, conecta, no imaginário social, a identidade negra irremediavelmente ao corpo. Por sua vez, o multiculturalismo liberal, argumenta que o negro (e não somente o negro, mas todos os consumidores) é o que tem coragem de fazer do seu corpo, este elemento único e que lhe distingue dos demais, objeto de sua realização e satisfação, a incutindo-lhe a coragem de ser um consumidor feliz. Nesse sentido, isoladamente, o discurso de elevação da autoestima pode ser perigoso, representando nada mais que a catalização identitária do indivíduo consumidor. Em entrevista, Natália distingue o empoderamento estético do político, como dois caminhos que não tem uma relação de necessidade entre si, todavia, o primeiro conduz ao segundo, embora a mesma relação não se dê ao contrário. Em suas palavras,

[...] o empoderamento pela estética através do cabelo [...] é, na minha opinião, o primeiro passo, mas não uma regra geral. Porque, se você for pegar a galera da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), muita gente ali é empoderada politicamente, muito antes de esteticamente. Não é todos os casos, mas ali dentro existe essas experiências. Mas fora dela, a maioria inicia pela estética, principalmente a questão do cabelo. [...] Mas, o cabelo, pra muitas meninas é o principal passo. Ela começa pelo cabelo e depois parece que ela conhece o mundo. Pelo menos pra mim foi assim. Comecei a deixar o cabelo natural e comecei a me interessar por isso.

De todo modo, o cabelo, roupas e maquiagem servem como porta de entrada para o aprofundamento nas questões que tocam a população negra, sendo importante instrumento de conscientização da negritude. O discurso do Das Pretas é ambivalente em relação a isso, visto, como já citado nesse texto, que a busca por assumir os cachos e usar produtos voltados para os negros é

⁷⁰ GAMA, Priscila. *Meu corpo, meu padrão*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-meu-corpo-meu-padrao/>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

também criticado como um modo inferior de empoderamento. Na fala de Natália há novamente uma distinção entre a estética e o político, apresentando a primeira como um meio e não como algo político por si só.

O motivo pelo qual o mercado aceita as diferenças é que a norma não é necessária em sua forma de exercício de poder. As blogueiras que tratam da temática do embelezamento da mulher negra e a ênfase na coragem de assumir-se, despontam como um tipo de conselho contemporâneo no auxílio para a descoberta da identidade. As empresas de cosméticos promovem e estimulam debates sobre multiculturalismo e tolerância, adaptando seus produtos aos discursos de empoderamento. As *blogueiras* recomendam, por sua vez, com suas trajetórias de vida e superação, caminhos para o empoderamento de outras mulheres negras⁷¹. Segue um trecho um pouco mais longo que os citados anteriormente, no qual Priscila questiona a ação política das *blogueiras*, e critica jovens que afirmam a estética negra sem organizarem-se politicamente:

Não que nenhuma outra pessoa tenha a consciência política da resistência que levamos junto com essa nossa estética brava e ancestral, mas é que tá difícil fazer a galera entender que tombamento é algo que vai muito além dessa capa – que a mensagem fortificada é que faz a parada ter valor, entendem. [...] Num universo em que jovens negros são mortos e humilhados todos os dias, muito obviamente a manifestação explícita de orgulho de sua ancestralidade africana soa como afronta pra sociedade de uma forma geral. E o povo anda sem medo mesmo. Isso é lindo. É libertador, mas tem que ter fundamento pra carregar isso... E eu ousa dizer que, a falta de consciência e de um discurso de resistência torna essa produção estética uma fantasia caricata do que realmente deveríamos ser [...] fica raso, fica fútil, fica bobo demais. Quero já deixar claro que **a minha intenção não é criar obstáculos para a manifestação de moda desses jovens negros, eles são belos e devem mesmo se sentir assim**, o que eu tô querendo discutir é o que vem além disso [...]. Temos que saber nosso lugar de fala, pretxs. Ocupá-lo em todas as suas possibilidades e é justamente quando abrimos

⁷¹ Num dos vídeos de Priscila Gama, ela recomenda à empresa *Soft Hair*, que modifique o nome do shampoo (Mulata). Esse vídeo é em resposta ao envio de produtos por parte de suas seguidoras e empresas, para que teste e comente sobre os mesmos. Neste, Priscila disse que relutou para testar o produto, mas que não resistiu, e que, após o uso, constatou que o produto é muito bom. Ao fim recomenda: “muda só a embalagem, e faz a gente feliz”. O vídeo está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kgjoiHk Bhms>>. E foi acessado em: 29 de agosto de 2016.

mão da resistência e peso do significado dessa nossa capa que o branco vem e se apropria disso (fazendo o tal uso indevido)! É justamente nessa hora que “coisa de preto vira moda”, ainda que ser preto continue não sendo. Se revestir de preto me parece muito surreal, ainda mais quando é a apropriação do “ser indivíduo negro consciente” que faz o transforma em “ponta firme”. Claro que temos exemplos belíssimos de que faz o “uso consciente do seu lacre” e carrega muito dignamente o discurso afrocentrado e orgulhoso mesmo quando usa as roupas mais hyppadas do momento. Vemos isso muito claramente com Karol Conka e a tão citada aqui, Luiza Brasil ... Isso porque ambas não tem o menor medo de se posicionarem enquanto mulheres negras, indivíduos livre e plenamente orgulhosos de seus todos, da sua origem ancestral. Conseguimos observar que a influência delas vai muito além da estética e do modismo⁷² (Grifo da autora).

Os jovens negros que encaram o risco da morte ao assumirem seus fenótipos negros nas ruas de Vitória, e as personalidades citadas por Priscila no texto acima habitam universos bem distintos e enfrentam desafios bem diferentes. Tememos que a abrangência da conexão estética utilizada como instrumento de identificação dos negros “empoderados”, obscureça a percepção das distinções existentes entre um negro pobre numa cidade violenta, e uma negra famosa com seus visuais lacrados. Embora as marcas do racismo presente em nossa sociedade sejam vividas por ambos, a proporção e consequências do mesmo são muito distintas.

O que podemos demonstrar acerca disso é que o próprio Estado, em sua fase líquida, para usarmos a expressão de Bauman, cria as zonas nas quais excluem as pessoas tidas como refugio do qual não pode simplesmente destruir. Nas palavras de Almeida, Gomes e Bracht:

[...] Os cercos aos guetos urbanos ou, no caso do Brasil, às periferias expressam a tentativa de demonstração dessa força estatal frente aos refugos da liquidez. Essas zonas são depósitos naturais dos lixos das grandes cidades, que não podem ser removidos ou devolvidos à sociedades, mas apenas “guardados” e bem vigiados. São “corpos estranhos”, que não podem ser expelidos, mas incessantemente devem receber dosagens alopáticas, intervenções estatais, para que permaneçam escondidos e não se alastrem. Os mesmos que

⁷² GAMA, Priscila. *Geração tombamento: estamos no caminho certo?*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-geracao-tombamento-estamos-no-caminho-certo/>>. Acessado em: 06 de fevereiro de 2017.

vociferam que não existe mais essa tal “sociedade” ou que o Estado deve minimizar suas ações cobram desse último que cerceie os estranhos do convívio dos cidadãos consumidores. O Estado silencia na área social e investe na criminalização, no seu poder de excluir os indesejáveis (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009, p. 38-39).

Ao mesmo tempo em que os cercos aos guetos urbanos se arrocham, são abertos espaços na mídia e campanhas publicitárias voltadas para negras, gays e mulheres. Isso se compreende como uma ideia de empoderamento, mas que nada modifica a estrutura excludente. Estas são certamente conquistas, se vistas desde a perspectiva da negação histórica do corpo negro, e aquecem ainda o debate na sociedade comum em torno da discriminação racial. Ao mesmo tempo, velam as relações, trazendo uma sensação de que o racismo é atrasado, encontrando-se, portanto no passado e nas cabeças conservadoras somente, porquanto, para o mercado já se faz uma realidade superada.

O poder soberano (sobre a vida e morte) não deixa de se exercer, mas o faz, pela exclusão e criminalização. Diferentemente do período sólido dos Estados modernos, o extermínio já não pode ser explícito, a queda da representatividade das grandes instituições do mundo moderno, força uma nova postura frente os indesejáveis. Não mais os legisladores profetas de uma nova ordem social, mas os conselheiros, representantes do novo gestor, o mercado, sugerindo a seus seguidores modos de vida a serem experimentados. Os conselheiros dirigem suas dicas de boa vida ao indivíduo, direcionam-se a seus desejos, a seus sonhos de emancipação. Os corajosos tornar-se-ão consumidores para seu próprio bem.

Quando propõem a entrada no mercado e a inserção de todas as mulheres negras no mercado de consumo, e chamam a isso de empoderamento, o Coletivo ignora fundamentos da própria crítica que realiza ao falar sobre questões estruturais (como a violência ao jovem negro, por exemplo). Portanto, ao remeter-se ao indivíduo em sua possibilidade de escolha na sociedade de consumo como um indivíduo que se empodera (adquire o poder de consumir) ao ver-se representado no produto que está na vitrine, ignora que a vitrine faz

parte da mesma estrutura que exclui como refugo seus irmãos e irmãs não consumidoras.

No texto *Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e Dificuldades*, Munanga (1990) apresenta as forças históricas que conduziram ao nascimento da negritude e política de identidade cultural negra, reafirmando a necessidade de uma leitura crítica desse processo para o aprofundamento dos argumentos. Expõe a questão da memória, os riscos da identidade cultural numa sociedade de racismo "diferencialista", e por fim, o problema da classe e raça. Aqui será útil o tema do racismo diferencialista⁷³. Munanga apresenta três grandes deslocamentos de conceitos de base, de argumentos ou atitudes dominantes na ideologia racista, desde os anos 1970, os quais são a substituição da "raça" pela etnia / cultura; a substituição da desigualdade pela diferença; e da heterofobia pela heterofilia (MUNANGA, 1990, p. 114-115). Segundo o autor,

[...] No Brasil, perceber-se-á que a luta anti-racista na perspectiva dos movimentos negros, está também na fase diferencialista: defesa da igualdade com o respeito das diferenças, ou seja, igualdade e pluri-culturalismo, contrariamente ao anti-racismo assimilacionista que defendia a igualdade e a posição individual sem referência à comunidade histórico cultural dos indivíduos. É aqui que os militantes precisam ser atentos à estratégia de "retorsão", e ao racismo diferencialista por parte da ideologia dominante, pois a defesa da cultura negra não cria nenhum problema quando não é acompanhada da reivindicação política. Pelo contrário, a retórica oficial se expressa através das próprias contribuições culturais negras no Brasil, para negar a existência do racismo e para afirmar a proclamada "Democracia Racial" (MUNANGA, 1990, p. 115).

Apesar do fator psicológico, nada aponta para um questionamento sobre os poderes do mercado no mundo contemporâneo. O fato de ser proporcional ou não o número de atores negros e brancos numa novela não altera a desproporcional desigualdade política e econômica entre negros e brancos em nosso país, o que não quer dizer, obviamente, que seja um fato de todo irrelevante, principalmente, quando observamos o potencial emancipador da

⁷³ Trata-se de uma perspectiva que admite as diferenças das raças, incentivando seu desenvolvimento cultural de salvaguardando suas distinções, proporcionando assim um desenvolvimento isolado. Enxerga-se tal perspectiva no Apartheid da África do Sul.

corporeidade negra na produção de saberes frente a regulação dos corpos, conforme argumentado anteriormente neste trabalho com o apoio de Gomes (2011).

O poder concedido pela capacidade de consumo e pela representatividade adquirida em empresas capitalistas, não “desempodera” o sistema, ou democratiza os poderes na sociedade de consumo, apenas mascara a desigualdade e fantasia uma abertura democrática pelas cotas de representatividade em propagandas e campanhas de marketing.

A estética torna-se um ponto de contato com os demais negros, uma forma de transcendentalização, de unidade. No caso do Das Pretas, as mulheres negras são motivadas a entrarem em diversos espaços e a desenvolverem carreiras profissionais competentes, sem esquecer-se de se reafirmarem negras nesses espaços. Esta se torna uma bandeira recorrente como se pôde ver também na Marcha do Orgulho Crespo.

3.2.2 AFROCONSUMO

Referindo-se ao primeiro Encontro Das Pretas, em 2015, Priscila Gama ressalta que, apesar das dificuldades encontradas na realização do evento, e da resistência na introdução dos negros no mercado:

[...] nós encontramos muito apoio, muito mesmo [...] a iniciativa privada foi muito parceira na realização desse encontro. Então, seguindo a linha e compartilhando o pensamento de “fecha com quem fecha com a gente”, vale a retribuição do carinho com os nossos parceiros sensacionais. **Então, na hora de comprar, vamos dar preferência pra quem dá a atenção que merecemos.** E eles foram: Perini Cosméticos, Pimenta Cravo, Ervas Naturais, Krysla, Griffus, Alê Shoes, Santa Santa Outlet, Universo Colorido, Era uma Vez o Mundo, Amor com Açúcar, Fridíssima, Santinha Acessórios, Negrif, Negríssima, Chinue, Leão de Judah, O Alquimista de Chad, Pretinha, Xongani, Tendência Black, Quixotesca, D’turbantes, Dona Graça, Vult, Dresscoração, Boutique de Krioula, Cher Alkimin

Cerimonialista, Guanaani Hostel, Clube de Pesca e o Spa dos Cachos eeeeeeee o Ziriguidum Vitória!⁷⁴.

A categoria utilizada para análise aqui é o *afroconsumo* ou o que o Coletivo chama de *consumo negro* (estratégia de economia criativa⁷⁵ que visa o empoderamento econômico dos negros), no qual trocas simbólicas se realizam na busca por conceder autonomia financeira e emocional às produtoras e consumidoras negras. A produção e o consumo são vistos como meio para ascensão social e conscientização da causa negra. Conforme observamos no discurso do Das Pretas, por meio do afroconsumo se faz menção ao passado como referência (ancestralidade); fortalecimento no presente por seu significado social (enriquecer a produtora negra); e futuro, pela garantia de melhores condições no mercado a partir da abertura de novos nichos econômicos, possibilitando maior empreendimento de negros e negras.

Este tema, o mais recorrente no interior do Coletivo, visto que seu projeto permanente, a Colab, é bastante abordado por Priscila em suas entrevistas e palestras, fora também tema na Marcha do Orgulha Crespo, sobre a qual falarei mais a frente. Num texto em seu *blog* pessoal, Priscila afirma que o mercado exclui os negros, principalmente os mais melaninados, justamente por não criar produtos voltados especificamente para negros, e supõe caminhos de entrada no mercado por meio do reconhecimento entre consumidores e afroempreendedores⁷⁶.

⁷⁴ GAMA, Priscila. *Encontro das pretas: parte 1*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-encontro-das-pretas-parte-1/>>. Acesso em 03 de abril de 2017.

⁷⁵ “De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) as atividades econômicas criativas encontram-se no cruzamento das artes, da cultura, dos negócios e da tecnologia, compreendendo o ciclo de criação, produção e distribuição de bens e serviços que utilizam o conhecimento e a criatividade como seus principais *inputs*” (SERRA, 2014, p. 357).

⁷⁶ O coletivo faz uma distinção entre empreendedores afro e afroempreendedores. Os primeiros são todos os negros em seus ofícios comuns, voltados para o atendimento ao público em geral, cujo produto de seu trabalho não é específico para negros (pedreiros, médicos, advogados, etc). Os afroempreendedores, por sua vez, produzem pensando nas particularidades no público negro (embora, ressaltam, os não negros possam também consumi-los). Sobre essa posição, em: <https://www.youtube.com/watch?v=0uO5v1qJdA0&t=322s>. Acessado em: 16/11/2016. E também em: <http://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2016/11/pretas-e-empresarias-conheca-os-espacos-voltados-para-o-empreendedorismo-negro-1013996746.html>. Acessado em: 10/12/2016.

Eu tenho sido muito chamada pra falar sobre as minhas percepções sobre as relações de consumo x representatividade x inclusão e eu vejo que há uma certa confusão entre nós..... Eu não sei se me farei ser entendida porque, na falta de alguém ou de publicações que embasassem ou respondessem meus questionamentos, eu acabei criando minha linha de pensamento e estabelecendo uns “achismos” que sanassem algumas dúvidas relacionadas ao assunto. Mas existem muitas certezas pra mim e a primeira delas é **O MERCADO NÃO É BOM. NINGUÉM INVENTA UM CREME NOVO PENSANDO APENAS NA SUA FELICIDADE. O QUE MOVE O CONSUMO É O DINHEIRO** – Isso quer dizer que coisas novas são incluídas no mercado por um único motivo: GANHAR MAIS DINHEIRO (Grifo da autora).

A fala de Priscila nesse texto, embora seja declaradamente embasada em seus “achismos”, o que demonstra ser uma opinião pessoal da presidente da organização, não é, todavia, isolada. Vale lembrar que Priscila é a porta-voz oficial do grupo, conforme identificado no contato com as meninas, e sua opinião sobre esse tema é o que dá o tom do modo pelo qual a organização se compreende. A proposta de Priscila, para promover aberturas no mercado é repetida em diversos lugares, tanto em entrevistas, no texto do *blog* e na Marcha. A continuação do texto acima mostra como ela compreende tal abertura.

[...] reação de mercado [...] Se você, sua mãe, suas amigas, eu, minhas leitoras e esse mundaréu de mulheres negras poderosas da porra toda pararmos de comprar de marcas que não nos ofereçam um mínimo de opções ou atendam às peles mais escuras (mesmo quando tem pra gente – desfaça-se do seu privilégio), as coisas vão começar a mudar ... Entenderam? É isso [...] relação de consumo e representatividade [...] e inclusão ... que é para pensarmos feito águias e pararmos de acreditar que as marcas são boazinhas e que querem apenas nos agradar [...] **NÃO AS MARCAS QUEREM O SEU DINHEIRO, ENTÃO, ASSEGURE-SE DE QUE ELA MERECE ELE. NÃO GASTE GOLPES (\$\$\$) NENHUM EM QUEM TE ATENDA INDIVIDUALMENTE MAIS DÊ DE OMBROS PRO COLETIVO.** (Grifo da autora)⁷⁷.

⁷⁷ GAMA, Priscila. *Empretecendo a relação de consumo: você luta junto ou separado?*. Em: <<http://priscilagama.com.br/priscila-gama-empretecendo-relacao-de-consumo-voce-luta-junto-ou-separado/>>. Acesso em 19 de março de 2017.

Em sua fala na Marcha, Priscila ressalta a necessidade de que as negras atendidas pelo mercado se “desfaçam de seus privilégios”, comprando somente das empresas que considerem as mulheres negras mais melaninadas na fabricação de seus produtos. Nesta palestra, fora abordado o tema “afroconsumo, orgulho e resistência”. Falou-se de economia criativa. A presidente do Das Pretas mediou as discussões da mesa e iniciou perguntando “quem a gente tá enriquecendo?”. Ela mesma encarregou-se da resposta, afirmando que os negros aceitam pagar produtos mais caros vendidos por brancos, mas recusam-se a pagar mais pelos produtos produzidos por negros. O questionamento de Priscila visava preparar o ambiente para falar da necessidade do afroconsumo, como uma forma de consumo, que se baseia na conscientização acerca de onde vêm o produto, e, portanto, de quem enriquece ao vendê-lo, e porquê consumir tal produto, cuja resposta se dá enfatizando o ato político. Assim sugere que seja necessário aos negros “repensar nosso modo de consumo”. Deste modo, conceituou consumo preto como “um irmão que produz pensando no outro e o outro irmão que consome, empoderando o um”. Por essa troca, onde um negro produz produtos específicos para negros, o Das Pretas compreende que há mais que a oferta de um produto, há uma ação política inserida, onde levasse em consideração um setor da sociedade que é desprezado pelo mercado. O consumidor, por sua vez, dá sentido ao ato de consumir, ao valorizar o produtor e solidarizar-se com ele em seu trabalho. O Coletivo preconiza essa forma de consumo, como pode se ver na entrevista com algumas mulheres do Das Pretas. Mariana disse que “[...] A galera dá tipo [...] quatrocentos reais num tênis da *Nike*, mas não quer dá cem na peça que uma pessoa tá lá fazendo tudo manual”; Cássia aponta a não valorização do trabalho dos afroempreendedores como fator desmotivador de seu trabalho, pois “[...] faz muitos deles desistirem da sua própria marca, do seu próprio segmento. [...] Exatamente aí vai entrar a questão do consumo preto que a Priscila fala muito bem [...] do consumo preto”. Mariana ainda descreve que

[...] quando eu vou lá na **Cássia** (possui um salão de beleza) [...] lavar o cabelo. Eu não vou lá porque pra mim o preço é mais em conta, eu vou lá porque eu to empoderando a minha irmã. Sacou? E para além disso eu vou lá [...] o dinheiro que eu dou lá eu tô comprando a história dela, [...] para além de um

serviço pelo serviço. Quando a gente pensa na rede do consumo preto, do consumo empoderador e tudo mais. Quando a gente pensa a questão da autonomia [...] a maioria ali são mulheres, e aonde que gente pensa mais quando a gente fala da autonomia da mulher é a questão financeira [...] nenhuma mulher consegue ser autônoma quando ela tá ali vinculada à figura masculina que seja⁷⁸.

Na citada palestra, Priscila segue com seus questionamentos (“Temos consciência do que o outro faz?”) apontando para a necessidade de conhecimento acerca do que outros negros estão produzindo, a fim de que comprem com eles. Defendeu fortemente que “não nos ensinaram a empreender”, embora considere que os negros sempre foram excelentes empreendedores, tendo que se esforçar para sobreviver. Ela defendeu que os negros sempre estiveram em desvantagens para a realização de seus empreendimentos. Brancos tendem a sair na frente, por ter capital inicial maior, herdades de seus pais e até mesmo uma autopercepção empreendedora que o racismo exclui aos negros. O trabalho negro, defende, é sempre associado ao artesanal e inferior. Resgatar a identidade empreendedora do negro, pelo empoderamento dos demais negros, é também um chamado realizado pelo Das Pretas.

Ela ainda afirmou que os negros abriram vagas, rasgos no mercado para atender às demandas dos afro-brasileiros, que não foram ocupadas por negros, dada a falta de preparo para o mercado que se abria. Priscila concluiu sua fala, defendendo um tipo de boicote a empresas que não atentem para todas as necessidades de todas as mulheres negras, como as que não considerem as diferentes tonalidades de pele das mulheres negras, por exemplo. Em tom de denúncia, defendeu que mulheres negras devem resolutamente dizer: “não vou comprar aqui porque não vende base para a [mulher negra de pele mais melanizada]”.

Nessa palestra também se ressaltou a necessidade da criação de publicidade negra. A importância de se terem negros produzindo comunicação. Desse modo, se abrirão espaços no mercado, utilizando-se o consumo como meio

⁷⁸ Trechos extraídos de entrevista realizada com diretoras do Das Pretas.

para forçar a representatividade, dar visibilidade aos corpos negros. Esta definição estratégica é bastante defendida pelo Das Pretas. O exercício do consumo de forma consciente, utilizando meios de comunicação social para dar visibilidade à beleza negra, como forma de falar das marcas do racismo em nossa sociedade.

A estratégia de consumo visa diminuir os custos para o afroempreendedor, enquanto oferece produtos pensados especificamente para o público negro (embora não sejam somente negros que consumam os produtos vendidos na loja colaborativa⁷⁹).

A narrativa que se constrói, no fortalecimento da história dessas mulheres negras, as conduz a agir em fidelidade a seu próprio grupo, a olhar para um setor da sociedade que comumente é esquecido. Desse modo, conduziu-as a uma reflexão acerca do acesso aos produtos disponíveis na sociedade de consumo, e até mesmo a questionar se é correto ou não consumir determinados produtos. O desejo de consumir produtos fabricados por negras desperta a vontade política de promoção social dessas mulheres e de atendimento a suas questões específicas (no *Papo de preta*, fora citado um relato de uma mulher que aprendeu na infância, quando ia com a mãe à feira, que deveria comprar nas barracas de outras mulheres negras). Nesse sentido, ao narrar a história do povo negro, à qual tais mulheres vinculam-se por seus testemunhos pessoais, coloca-se o consumo como uma questão ética.

Mas até que ponto essa estratégia deve seguir? Priscila manifestou recentemente (10 de abril de 2017) em sua página no *facebook*⁸⁰ sua indignação em relação às críticas feitas à cantora Karol Conká por sua filiação a uma marca de bolsas.

⁷⁹ Natália, em entrevista relata que “[...] a galera vem procurar mais por causa disso mesmo. Por causa das estampas. Isso é o que mais [...] me impressiona. Dá muita gente que não é negra, comprando também. Tanto para presente, quanto pra consumo próprio. Porque acha bonito. Mas tem que pensar que nosso maior público vem por causa dessa questão. Também não acha em outro lugar. Agora até que tá na moda, eventos vendendo brincos afro, mas roupa, ainda é bem difícil”. Embora ideologicamente o Coletivo vise atingir o público negro, grande parte das consumidoras são não negras.

⁸⁰ Em: <<https://www.facebook.com/ZiriguidumVitoria/>>. Acesso em 05 de agosto de 2016.

Sobre a Karol Conka assinando uma colaboração com uma marca cara de bolsas, eu quero perguntar: O Pharrell pode, o Kanye pode, a Beyoncé pode e até a Rihanna pode [...] quem num pode é a preta brasileira de sucesso!? Pessoas. Parem. Porque coisa de preto tem que ser barata? Não tirem o valor das nossas coisas, dos nossos saberes e do nosso poder de influenciar (inclusive pessoas não-negras). Pensem do ponto de vista de estarmos em pleno voo e alcançando e ocupando novos espaços, inclusive através dessa colaboração da Karol. E NÃO. Eu não tenho dinheiro pra comprar nenhuma das bolsas, mas me sinto feliz por mais esse passo de uma de nós. NÓS. NÓS. NÓS [...] PRETOS, GANHAR DINHEIRO NÃO É FEIO. Ser ativista não é fazer voto de pobreza. E ser foda é poder ser foda. Luz pra Karol e pra todos nós.

O princípio ético que respalda a inserção dos negros é o de lealdade como demonstrado anteriormente. Chega a um comunitarismo que já não mais critica o mesmo sistema que produz as desigualdades sociais, mas comemora toda a vitória dos negros no mundo atual. Já que as regras do jogo estão apontando para o acúmulo de riqueza, que seja para os nossos também. Aí se estabelecem tensões entre o periférico e o centro. Certamente Priscila combatia as críticas de negras e negros que se opunham à “*des-periferização*” do que ela considera ser uma militância representativa de Karol Conká. O argumento de Priscila se sustenta em que ser negro é ser *sempre* periférico. Ver o negro periférico e colocar o negro no centro das discussões por meio da mídia e do mercado, todavia, gera controvérsias.

“Manter-se na periferia ou crescer com a mídia?” – é a questão colocada pela jornalista Denise Brito (2006) em sua matéria colaborativa ao jornal Folha de São Paulo. Na matéria se expõem contrastes no interior do movimento Hip Hop em sua nova fase, a partir de figuras emblemáticas do movimento. Dentre as personalidades entrevistadas, encontra-se Mano Brown, do Racionais MCs. Ao ser perguntado se o crescimento do rap atrapalha ou ajuda o movimento, Mano Brown responde:

[...] Quando você se impõe e passa a ser uma coletividade não é ruim; é bom para o rap. Ao mesmo tempo, os valores não são aqueles que se gostaria de difundir. Há muita valorização de roupas, aparência, cabelo. Ainda mais para nós, que somos pretos, se vestir melhor faz muita diferença. Mas não me agrada ver os irmãos escravos de marcas. É a escravidão do

século 21. É ficar pondo comida na boca do monstro (BRITO, 2006, p. 6).

A “escravidão do século 21”, denunciada por Mano Brow acima, indica a absorção das identidades pelo mercado. Um risco constante aos grupos de resistência é que sua afirmação se torne escrava das marcas. O mercado assimila e permite a diferença. Para o sociólogo Zygmunt Bauman, em *Modernidade e Ambivalência* (1999), a privatização das preocupações, dos problemas humanos e da responsabilidade por sua solução fora a “mais seminal das privatizações”. O mercado é quem sustenta a dependência, não a doutrinação ideológica (apesar do caráter pedagógico do consumo, com todo seu aparato de marketing), nem a coerção ditatorial. O mercado opera a sensação de liberdade e autonomia individual, orientando a vida para as mercadorias aprovadas pelo mesmo, deixando de lado as críticas sistêmicas, ou exigências ao Estado, enfatizando-se o esforço do consumidor em sua corrida e promovendo a inebriante sensação de liberdade ao sermos agitados pelos ventos do consumo. Desse modo, conforme Bauman:

[...] Toda dissensão possível é assim de antemão despolitizada, dissolvida em ansiedades e preocupações ainda mais pessoais e dessa forma desviada dos centros de poder social para os fornecedores privados de bens de consumo. A defasagem entre estados de felicidade desejáveis e aqueles efetivamente alcançados resulta no crescente fascínio com as seduções do mercado e a posse de mercadorias; as rodas do mecanismo realimentador da economia voltada para o consumo são assim lubrificadas, enquanto as estruturas políticas e sociais permanecem incólumes e intactas. (BAUMAN, 1999, p. 277).

A constante corrida do consumidor é relatada por Bauman em *Modernidade Líquida* (2001). Ferguson apud Bauman (2001, p. 89) diz que há uma relação entre a autoexpressão por meio dos bens de consumo e as noções de gosto e discriminação, numa relação onde o querer substitui o desejo como força motivadora do consumo.

Nesse sentido é que afirmamos que nada é mais “democrático” que o mercado. Você pode ser o que quiser ser na sociedade contemporânea, contanto que consuma. Isso implica que, juntamente com a absorção do discurso periférico

pelo mercado, advém a maior visibilidade e aceitação social. Dilui-se a agonia da resistência na “tolerância” do consumo.

Está presente no discurso do Coletivo a ênfase na profissionalização do trabalho oferecido pelas empreendedoras negras. A crítica que realizam é a fato de se pensar o trabalho do negro como artesanato, inferior e, portanto, digno de menor valor de troca. Em entrevistas, Priscila ressalta que o trabalho negro é bom e que está pronto para o investimento.

A questão é que ainda ligam o afroempreendedorismo a feirinha, a artesanato étnico e não é isso. A gente tá falando de moda, de design, de cosmética profissional, a gente não está falando de comércio e consumo amador. Então, aparentemente o que falta no mercado é absorver que as nossas marcas, os nossos serviços e os nossos produtos estão prontos para investimento, para consumo, para consumo por qualquer pessoa⁸¹.

O objetivo é o desenvolvimento dos empreendimentos dos negros, sua valorização, e a geração de riqueza, produzida, na medida do possível, pelos próprios negros como consumidores. A fragilidade desse discurso consiste em exaltar novamente o indivíduo consumidor e tornar a identidade potencialmente política, numa mera engrenagem do mercado capitalista, em mais uma das identidades consumíveis.

O texto citado acima apresenta uma distinção entre a “feirinha” e o “afroempreendedorismo” que pode apresentar a cultura popular como inferior frente o que se almeja, a construção de afroempreendimentos que gerem maior lucratividade e que acompanhem as demandas do mercado. Desse modo, o coletivo luta pela maior inserção de negros no comércio, como consumidores, o que se dá pela construção de um nicho de consumo étnico, assim como de empreendedores preparados para oferecer produtos de qualidade a fim de darem maior visibilidade às pautas dos negros. Confiante ainda que a representatividade garantida pela maior presença nos meios de comunicação

⁸¹ Disponível em: <<http://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2016/11/pretas-e-empresarias-conheca-os-espacos-voltados-para-o-empreendedorismo-negro-1013996746.html>>. Acessado em: 13/01/2017.

em massa dá visibilidade aos corpos que sofrem com o racismo cotidianamente. O Das Pretas visa assim atacar o mercado excludente ao expor a dificuldade do negro em sua inserção no mesmo. Esse discurso tece poucas críticas à estrutura social. Além disso, gera tensões⁸² entre o periférico e a ideia de produção de uma cultura de centro, que seja reconhecida não como “artesanato”, mas como produto pronto “para o investimento”.

Entre as mulheres do Coletivo, ouvi relatos, inclusive na entrevista realizada, sobre como os negros não querem pagar mais caro por um produto de afroempreendedora. As mulheres que trataram o tema afirmam ser esse um desafio a ser superado, por meio da conscientização dos consumidores. A busca por ganhar as consciências, todavia, não será realizada apenas por pequenas afroempreendedoras, mas principalmente, e com maior poder de alcance, pelas grandes empresas. Assim, o afroconsumo acaba tão somente fornecendo uma capa moral para a mesma estrutura de distribuição dos bens do capitalismo. A ideia de enriquecer seu irmão, rapidamente passa da simples artesã para a Avon, simplesmente pela presença de uma modelo negra na capa da revista.

⁸² Uma semana antes da defesa dessa dissertação, fui convidado para expor o trabalho no MUCANE. No momento de discussão sobre os trabalhos apresentados, ao comentar sobre os valores dos produtos vendidos na colab Das Pretas, um rapaz disse: “É preciso ter cuidado com a feijoada gourmet”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar os limites e falhas presentes nesta pesquisa e em seu processo de realização, conforme identificamos em sua conclusão. É possível notar que, mesmo após nove meses em campo, não consegui realizar mais entrevistas (ainda que a única realizada tenha sido muito aquém do almejado). Isso se deve ao menos a uma dimensão pessoal, caracterizada pelo desconforto vivido por mim em alguns momentos e a preocupação em não “ser chato” para com as pessoas atuantes no coletivo (visto que busquei algumas vezes marcar encontros para a entrevista). Embora tenhamos estabelecido um bom relacionamento quando eu me apresentava apoiando o coletivo, notei que permanecia no ar certa hostilidade em relação a minhas intenções como pesquisador. Esse ambiente me fez recuar na opção por realizar entrevistas e buscar outros meios de pesquisa. É possível ainda que minha pouca experiência de campo tenha contribuído para isso.

Mas, além de manifestar algumas inabilidades do pesquisador, demonstra uma decisão em tomar um caminho, e não outro. Fato é que optei por me aproximar como um membro apoiador da causa do coletivo. Quando, entre prazos não atendidos e solicitações de encontros para entrevistas formais, surgia um novo evento e possibilidade de aproximação, eu preferi simplesmente comparecer ao evento como apoiador ou expectador ao invés de retomar o questionamento acerca da possibilidade de entrevistas. Tentei, por meio de mensagens realizar a entrevista por outras vias, quando a agenda das entrevistadas se apresentava cheia para tal, mas não obtive retorno. Participar das ações do movimento e explorar o conteúdo público na internet me pareceu um caminho melhor naquele instante.

Essa opção levou-me a restringir em grande parte as fontes dessa pesquisa ao material disponibilizado por Priscila Gama, presidente do Instituto. Desse

modo, as demais mulheres atuantes no Das Pretas aparecem em lugar secundário, embora, como já fora dito no corpo do texto, sejam elas mesmas que apontam para Priscila Gama como sua representante oficial. De um modo geral, a “posição oficial”, demonstrada em eventos realizados pelo coletivo, se apresentaram como sendo de opinião unanime, ou ao menos sem grandes divergências.

Outra limitação deste trabalho refere-se a seus objetivos. De fato, buscamos realizar uma pesquisa enfatizando o discurso do coletivo, seja por meio de suas ações institucionais e práticas que realizam em busca de contribuir para a formação das mulheres. Desse modo, não nos coube analisar como o discurso do Das Pretas é apreendido pelas consumidoras da Colab, por exemplo, o que seria muito importante para o aprofundamento e compreensão das relações de consumo aqui levantadas. Restringindo-nos às organizadoras das ações do Das Pretas, buscamos compreender as formas de subjetivação promovidas pelo coletivo (instituto).

Embora o “discurso oficial” seja fortemente marcado pelas ideias de Priscila, o modo como estavam estruturados os espaços e as relações ali travadas foram também úteis para análise. O caminho que percorri junto ao grupo foi um caminho semelhante ao que muitas pessoas seguem junto ao Coletivo, tendo mantido uma postura flutuante, de alguém que vai e volta, age junto e se distancia. O fato de não ser usuário direto dos produtos oferecidos pelo Coletivo (em seus projetos, não me refiro aqui aos produtos que se vendem na Colab, mas ao próprio Colab como produto, assim como o Quilombinho, Bekoo, etc.), mantinha-me como estranho, tendo sempre posta de novo sob suspeita a minha presença. Não tenho dúvidas de que o aprofundamento dessa relação e a construção conjunta e em diálogo demandaria mais tempo e maior clareza acerca de minhas intenções. Ao fim dessa pesquisa, percebo que a permanência no grupo e a progressiva inserção no mesmo, exigiria o consumo dos produtos oferecidos pelo Coletivo, ou seja, ir ao Bekoo, frequentar a loja, colaborar com o Quilombinho, participar das ações do Coletivo.

Lembro-me do convite de uma das integrantes do Coletivo feito a mim, quando estive na Colab, para que eu fosse ao Bekoo. Lhe respondi que não tinha

certeza, mas tentaria ir, por sua vez, ela me respondeu, em tom de cobrança desconfiada: “Quero só ver?”. Aceitei o convite e fui. Ao encontrá-la no local, ela manifestou grande surpresa em me ver ali, já fora do período separado para a pesquisa. Frequentar seus espaços sem ser pesquisador, ou seja, sem vê-las como sujeitos de estudo, altera significativamente nossa relação, promovendo, obviamente, maior confiança e inclusão.

Acreditamos que o isolamento não produz a Política, mantendo-nos contentes com o reconhecimento de nossas particularidades somente (BAUMAN, 1999). Isto significa que em parte, esse trabalho serviu ainda para testar os limites de nossa capacidade de viver juntos, observar a extensão de nossa solidariedade e buscar encontrar formas de ampliá-la. Acredito que no interior do grupo há elementos necessários para a construção de uma sociedade mais igualitária. A criação de espaços de construção identitária, formação e criação de outra sociabilidade e produção de corpos são fundamentais para que se exerça a criatividade e se proponha alternativas à “monolítica” racionalidade de nossa organização social. Todavia, não se pode ignorar que haja limites nesse discurso, os quais foram apontados durante a análise das categorias. Destaco aqui a dificuldade que a afirmação da diferença encontra para dar o passo seguinte em direção à construção de um mundo comum. O multiculturalismo esbarra inevitavelmente no desafio seguinte de articulação das diferenças.

Aniquilando as ambivalências, a racionalidade moderna desenvolveu o imaginário social da amizade e inimizade, que possuem pragmáticas próprias. A primeira evoca a responsabilidade e o dever moral, “os amigos são aqueles por cujo bem-estar eu sou responsável antes que ajam em reciprocidade e independente disso” (BAUMAN, 1999). Ao mesmo tempo,

“os inimigos são aqueles que rejeitam responsabilidade por meu bem-estar antes que eu rejeite responsabilidade pelo bem-estar deles e independente disso; só com essa condição pode-se efetuar a luta, ostensivamente uma inimizade de dois lados e uma ação hostil recíproca” (BAUMAN, 1999, p. 63).

Atualmente, no entanto, a tolerância goza seus louros. Esta é a marca ética da atual fase da modernidade (o que, em determinado momento, Bauman

denominou de pós-modernidade), distanciando-se dos limites postos pela citada racionalidade moderna, ela admite a diferença e a ausência de limites como sina. Bauman reconhece a fragilidade dessa tolerância, a qual julga ser incapaz de enfrentar os desafios dos limites modernos, possuindo uma característica egocêntrica e contemplativa, alegrando-se por ter a sua diferença reconhecida. O sociólogo contrapõe esta à solidariedade, um destino comum sob a condição de sobrevivência, onde a disposição para a luta em prol da diferença alheia se faz necessária. Embora a tolerância dilua os limites da amizade e inimizade modernos, carece ainda de tornar-se solidariedade. Nas palavras de Bauman, “*a pós-modernidade é uma chance da modernidade. A tolerância é uma chance da pós-modernidade. A solidariedade é a chance da tolerância*” (BAUMAN, 2001, p. 271). Com isso Bauman está apontando para uma necessidade de rompimento com o que se construíra na modernidade clássica. Relações sociais constituídas pela pragmática da cooperação e pela pragmática da luta.

Podemos encontrar no discurso do Coletivo um risco causado pelo investimento no papel do indivíduo, o qual se articula com os iguais na busca por confirmação de sua própria identidade, associado às carreiras de sucesso que se apresentam como inspiração às mulheres, podendo sugerir uma superação psicológica individual, mas que não necessariamente implicará na construção de uma força política de maior vigor no debate público. Notamos que o potencial de permanência do Coletivo firma-se no ponto talvez mais controverso de suas ações, ou seja, a relação com o mercado (ora criticado como excludente pelo Das Pretas, ora desejado como local de afirmação). E justamente a Feira Das Pretas e a Colab são os lugares de maior abertura ao público geral, embora tal abertura seja observada como um “apesar”, um meio e não fim dos propósitos do Das Pretas. A impossibilidade de ter como escolher quem serão os consumidores possibilita acolher os diferentes, fazendo deste um de seus ambientes mais “plurais”.

Mas não o único, pois certamente se articulam nas festas, as negras, brancos, gays, lésbicas, gordos e magros, em torno de um elogio ao prazer, diversão, sociabilidade e expressão, articulados por um discurso político de

empoderamento. Este nos parece também uma forte e resistente marca do movimento. O potencial agregador dos Bekoos, as discussões ali levantadas, a possibilidade de corpos distintos serem expostos e experimentados, são potencialmente fortes para a constituição de grupos políticos, todavia não são garantia de construção e entrada em debates mais amplos. Como apresentado no texto, a virtude da coragem e tolerância que sustentam a ideia de afrontamento já são bastante representadas nas marcas de cosméticos de grandes empresas e certamente seguirão crescendo. A tolerância e o desenvolvimento afirmativo presente nesses espaços não é garantia de maior participação ou fortalecimento da Política em outros espaços. Concluimos exaltando a abrangência das ações e o engajamento dessas mulheres na busca por fortalecer seu grupo e, conforme afirmam, *empoderar* outras mulheres.

ANEXO I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, de uma pesquisa denominada: Corporeidade, consumo e identidades políticas: A força Das Pretas. O objetivo de nosso estudo é analisar como as pessoas envolvidas no Coletivo Das Pretas interpretam o lugar da corporeidade na construção de suas identidades políticas, por meio da observação de seu discurso e modos de ação. O estudo justifica-se na medida em que permite articular propostas de resistência identitária com as mudanças provenientes na sociedade atual com as práticas de consumo relacionados aos cuidados com o corpo. A justificativa está em desvelar a construção dessas noções no interior dos campos que serão aqui analisados.

A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Além disso, informamos que você não terá despesas nem será remunerado pela participação nesta pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder algumas perguntas em forma de entrevistas semi-estruturadas que serão gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Embora mínimos, os riscos podem ser perspectivados como a possibilidade de uma avaliação e/ou exposição negativa das informações prestadas pelo informante. Para evitar os danos que tais riscos podem causar, garantiremos o anonimato dos participantes, bem como compartilharemos e validaremos todos os dados e análises com os participantes da pesquisa antes de publicá-los. Essa medida garante que o participante tenha clareza de que não serão realizadas exposições negativas das suas informações. Todavia, explicitamos a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, conforme Resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde. Já os benefícios relacionados com a sua participação estão relacionados à possibilidade da abertura de debates entre os participantes envolvidos, bem como, a ampliação da produção teórica com possíveis reflexões no campo acadêmico.

Esse TCLE possui duas vias, sendo que uma ficará em posse do pesquisador e você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador e do comitê de ética desta instituição, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou em qualquer momento.

Para qualquer tipo de esclarecimento entrar em contato com:

Pesquisador responsável: Gustavo Marchetti Corrêa Carneiro. Tel: (27) 9 9922 7599

Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Educação Física e Desportos - Laboratório de Estudos em Educação Física. Av. Fernando Ferrari, 514 Campus Universitário Goiabeiras Vitória – ES. Cep: 29075-810 Tel: (27) 3335-7676 / (27) 4009- 7676

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus de Goiabeiras: Sala 07 do Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Campus Universitário de Goiabeiras, Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória-ES, CEP 29.060-970, Telefone: 3145-9820, E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Corporeidade, Consumo e Identidades Políticas: A Força Das Pretas”. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Gustavo Marchetti Corrêa Carneiro sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para ambas as partes.

Local e data _____ / _____ / _____ / _____ /

Nome: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. *Bauman & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In.: *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: CIA das Letras, pp. 160-28, 2004.
- BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes. 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro. 2005.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.
- _____. *Modernidade Líquida*. Zahar, Rio de Janeiro, 2001.
- CARDOSO, Lourenço. *Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista*. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Manizales, Doctorado en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud del Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud de la Universidad de Manizales y el Cinde, vol. 8, núm. 1, (enero-junio), 2010, pp. 607-630.
- COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In.: *Tornar-se negro*. 1983.
- DISKIN, Lia. *Vamos ubuntu? Um convite para cultivar a paz*. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, Fundação Palas Athena, 2008.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: Alguns apontamentos históricos. *Tempo*, n. 23, pp. 100-122, 2007.
- _____. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. In. *Revista Brasileira de Educação*, Sergipe, v. 13 n. 39 set./dez. p. 516 – 534. 2008.
- _____. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. In. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.
- ELLUL, Jacques. *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1968.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>> Acesso em 05 de janeiro de 2017, 2002.

_____. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, pp. 39 – 62, 2005.

_____. Movimento Negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, nº 2, pp. 37-60, 2011.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. In.: *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 18, n. 2. 2006.

_____. Racismo e Anti-racismo no Brasil. *Novos Estudos*, n. 43. Nov, 1995.

KERN, Gustavo da Silva. Biopoder, biopolítica e o discurso eugenista produzido no Brasil. In.: *Anais XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, Florianópolis, 1995. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434307765_ARQUIVO_TextoFinalAnpuh2015.pdf>. Acesso em: 22 de janeiro de 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 5ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1985.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Estética Afro-diaspórica e o empoderamento crespo. In.: *Pontos de Interrogação*. Rev. do Prog. de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II — Alagoinhas — BA. Vol. 5, n. 2, jul/dez, pp. 37-53. 2015.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Vício cacheado: Estéticas afro-diaspóricas. *Revista da ABPN*. [online]. Vol. 6, n. 14, jul/out, pp. 214-235, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana de perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev. bras. Ci. Soc. [online]*. Vol.17, n.49, pp.11-29, 2002.

_____. Etnografia como prática e experiência. In.: *Horizontes Antropológicos*: Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MUNANGA, Kabengele. Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e Dificuldades. *Revista de Antropologia*: São Paulo, nº 33, p. 109-117. 1990.

_____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. *Negritude, Usos e Sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora (Coleção Cultura Negra e Identidades). 2012.

_____. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ. 05 de março de 2003. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acessado em 16 de janeiro de 2017.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *Entre a miscigenação e a multirracialização: Brasileiros negros ou negros brasileiros? Os desafios do movimento negro brasileiro no período de valorização nacionalista (1930-1950) – a frente negra brasileira e o teatro experimental do negro*. Tese de doutorado: Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2008.

ORTEGA, Francisco. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. *Cadernos de Saúde Coletiva*: Rio de Janeiro, p. 59-77. 2003.

NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil*. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v 19, n. 1. 2006.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (org). *A herança dos movimentos negros urbanos e o capital político e cultural transmitido pelo professor Cleber*. In: *Negros no Espírito Santo*. – 2ª Ed. – Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

PINTO, Regina Pahim. Movimento Negro e Educação do Negro: A Ênfase na Identidade. *Caderno Pesquisa*, São Paulo, nº 86, p. 25-38, ago. 1993.

RIBEIRO, STHEFANIE. Meu lacre é poder. *Revista Trip*. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/stephanie-ribeiro-escreve-sobre-geracao-tombamento-e-afrofuturismo>>. Acessado em: 09/03/2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. Gilroy, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. In: *Revista de antropologia*: São Paulo, USP, V. 45 Nº 1, 2002.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História do negro no Brasil*. São Luís: Centro de Cultura Negra do Maranhão, 1985.

SERRA, Neusa. *Economia criativa: da discussão do conceito à formulação de políticas públicas*. Revista de Administração e Inovação, São Paulo, v. 11, n.4, p.355-372, out./dez. 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antiracismo: a categoria raça em questão. *Revista Psicologia política*. Vol. 10, nº 19. p. 41-55. Jan-Jun. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/rpp/seer/ojs/viewarticle.php?id=204>. Acessado em 05.08.16. 2010.

SCHWARCS, Lilia Moritz. *Espetáculo da miscigenação*. São Paulo: USP. In.: *Estudos avançados*, vol. 8, n. 20, pp. 137-152. 1994.

SILVA, Marcelo Leolino da. A história no discurso do Movimento Negro Unificado : os usos políticos da história como estratégia de combate ao racismo. Campinas, SP, *Dissertação de Mestrado*: [s.n.], 2007.

SOUSA, Neusa Santos. *Descobrir-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983.

TRAPP, Rafael Petry; SILVA, Mozart Linhares da. Movimento Negro no Brasil Contemporâneo: Estratégias Identitárias e Ação Política. In. *Revista Jovem Pesquisador*, Santa Cruz do Sul, p. 89-98. 2010.

_____. O antirracismo no Brasil e a Conferência de Durban: identidades transnacionais e a constituição da agenda política do Movimento Negro (1978-2010). In.: *Cadernos do CEOM* - Ano 24, n. 35 – Identidades, pp. 235-252, 2011.

_____. Movimento negro, “raça” e transnacionalidade: apontamentos sobre o pensamento antirracista brasileiro. In.: *XII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA*. Disponível em: <http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346378715_ARQUIVO_Final.pdf>. Acesso em 20 de março de 2017. Rio Grande do Sul: FURG, pp. 905-914, 2012.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Epistemologia da Ancestralidade – Preâmbulo. Disponível em: < <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-artigo.pdf>>. Acesso em junho, 2011.